

F.T. - "Então eu queria que você dissesse a eles o seguinte: a Marinha inteira já sabe que o Sílvio Mota vai sair do Ministério, inclusive, ele, o ministro. E um ministro que vai sair, está danado, vai espernear, vai preparar uma para o Jango. Diga ao Jango que, se antes de ir para o Sul ele fizer um decreto, trocando o ministro, já muda tudo." Eu achei quilo muito sensato, inclusive porque já havia visto ministros da Aeronáutica saindo: o Reinaldo, por exemplo, quando saiu ficou uma fera, porque gostava de ser ministro.

L.H. - E quando você tira um ministro numa crise, tem que colocar logo um novo.

F.T. - Logo outro, exatamente! Então achei aquilo muito sensato. Eu digo: "Não, eu não vou ligar para o Jango." E liguei para o Assis Brasil. Comi ele brincava muito que eu me metia com a Marinha, porque eu fui de origem marinheira, eu disse: "Olhe, Assis, em primeiro lugar, diga ao Jango que não tenho nada com a Marinha, mas acontece que recebi um telefonema do almirante tal, que é um homem de muito bom senso, e ele me contou isso. Então estou transmitindo a você, porque estou de acordo com ele. Acho que hoje à noite o Jango devia fazer um decreto para publicar amanhã, e já deixar isso claro aqui." E ele: "Vou falar com o Jango e tal." De fato falou, porque no dia seguinte o Jango embarcou para São Borja, lá na III Zona, e eu fui. Quando ele ia embarcando, virou-se para mim: "Ué, você está afobado com esse negócio, com essa coisa?" Eu disse: "Afobado, não, presidente, estou preocupado." "Não se preocupe, não." - são palavras textuais dele," estou querendo mesmo que eles botem a cabeça de fora." Botaram e ele caiu. [risos]

L.H. - A substituição do Sílvio Mota pelo Paulo Mário da Cunha Rodrigues me lembra muito a substituição do Nero pelo Epaminondas.

F.T. - No fogo! Exatamente, foi muito parecida.

L.H. - O Paulo Mário também não tinha o menor respaldo na Marinha, não é?

F.T. - Não, porque era um homem já afastado da Marinha, ele era presidente do Tribunal Marítimo, que era um lugar mais de juiz, e já estava há muitos anos afastado. Era uma boa figura. Se tivesse sido escolhido antes... É a tal coisa: escolher naquela fase já não dava mais. Se o Jango, um ano antes, em vez de botar o Sílvio Mota, tivesse botado o Paulo Mário, e se tivesse mantido o Osvino, não digo que o governo Jango se agüentasse, porque estava se deteriorando politicamente, mas do ponto de vista militar, a coisa teria se modificado.

L.H. - Houve um outro erro do ponto de vista militar também nesse período, além da questão do Osvino, que foi ter deixado o Cordeiro sem comissão. O Jango deixou o Cordeiro com automóvel, com ajudante-de-ordens e com 24 horas para conspirar.

F.T. - É , isso foi um erro.

L.H. - Eu também concordo com o senhor, não creio que isso tivesse, enfim, salvado a pátria; mas se ele tivesse agido com o Cordeiro como o Juscelino agiu com o Nelson de Melo...

F.T. - Ah, sim! Teria sido muito melhor, muito melhor! Comprometia o Cordeiro...

L.H. - Exatamente. Mas ele deixou o Cordeiro solto, com 24 horas para conspirar.

F.T. - E houve outros erros. Para mim, a ida do Jair para o ministério, na época... Achei mal quando ele impôs a ida do Osvino para a reserva por uma ciumada.

L.H. - Como era o Jair?

F.T. - Minhas impressões do Jair não são muito favoráveis a ele, e não estou dizendo isso *a posteriori*.

L.H. - O senhor não é o único.

F.T. - Achei-o, inclusive, pouco inteligente, pouco inteligente e muito secarrão, muito secarrão. Pensava que era um líder no Exército, mas não liderava coisíssima nenhuma. Eu o achava fraco, fraco. E você veja, depois de 64, o Hélio Silva publicou um livro sobre 64, no qual uma das peças importantes é um depoimento do Denis, contando que, quando o Jair assumiu... Até foi engraçado, porque o Hélio publicou esse capítulo do livro numa revista dessas aí e eu li. Então o Denis deu um depoimento, contando o seguinte: que quando o Jair assumiu, ele, Denis, foi procurá-lo e disse: "Olhe, Jair, eu vim dizer a você que nós não temos nada contra o presidente nem contra você pessoalmente, e até estamos dispostos a dar apoio a ele. O que nós somos contra é a infiltração do comunismo nas forças armadas." É como você disse, aquilo era um cavalo de batalha, porque ele me citou nominalmente. "Por exemplo, esse brigadeiro Teixeira é um comunista descarado, não sei o quê. Enquanto esse homem estiver num comando de tropa, não haverá paz entre nós." O Jair ouviu tudo aquilo e, segundo eu sei, porque só vim a tomar conhecimento disso depois de 64, não reagiu, concordou com o Denis. Se pelo menos tivesse chegado a mim ou reagisse ao Denis... Mas concordou com ele e não tomou nenhuma providência para apurar o meu comunismo ou o mal que eu estava fazendo. Quer dizer, achei esse Jair um homem que já estava meio para o lado de lá, já estava meio para o lado de lá. Então onde o Jango ia se apoiar, se não tinha o Jair? Quem nomeava os comandantes do Exército? O Jango ainda teve no governo dele - o que acabou fatal para ele, ou muito ruim - um rasgo de sensatez: foi quando vagou o comando do II Exército, que estava com o Peri Bevilacqua. O Peri teve lá uma briga daquelas, por não querer greve, era um homem muito progressista, mas tinha horror a greve. Tinha ódio de greve: greve para ele era cadeia! Então houve um problema, e o Jango tirou o Peri, teve que exonerá-lo do comando do II Exército. O comando vagou, e o Jair queria colocar um homem de sua absoluta confiança. Nessas alturas ele já tinha o comandante do III Exército, aquele Galhardo, que era uma porcaria, mas o Jair o dominava; o do I Exército, o Ancora, era um homem do Jair; e ele queria colocar o do II Exército. Pronto, fechava tudo: o Jair seria o dono militar desse país.

L.H. - E no IV Exército estava o Castelo, que depois foi substituído pelo Justino.

F.T. - Também era um homem que não fazia mal, e o problema era aqui no Sul, não é? Então o Jair queria colocar... Eu não me lembro o nome do general, era um homem dele. Aí, o Assis Brasil, que tinha todos os erros, mas era muito esperto, disse o seguinte ao Jango: "Bote o Krueel. Ele está com raiva de você, porque não é ministro, mas não suporta o Jair, que o substituiu no ministério. Assim você equilibra a coisa." E o Jango botou o Krueel no II Exército. Foi uma habilidade. Agora, a coisa tomou um tal vulto... Aliás, o Krueel aderiu ao movimento à última hora, à última hora! Depois de meia-noite do dia 31 foi que ele aderiu.

L.H. - Agora, nessa situação militar, que ficou muito complicada, o Jango era aconselhado por quem? Se era pelo Darci, ficava difícil, porque o Darci, como ficou demonstrado, não entendia nada de forças armadas. Quem então aconselhava o Jango? Quem estava mais ou menos perto dele para fazer isso?

F.T. - Esse é que foi um grande... Isso era o que nós tínhamos no Juscelino, porque tínhamos o Lino, meu irmão, lá na Presidência, muito próximo a ele. O Lino se impôs ao Juscelino de certa forma profissionalmente, então Juscelino o ouvia muito. No Exército é claro, ele não ouvia o Nelson de Melo, porque não gostava dele, mas ouvia o Orlando Ramagem, ouvia aqueles outros, porque formou-se em torno dele um grupo bom, razoavelmente bom do nosso ponto de vista. O Jango não tinha ninguém! A subchefia da Aeronáutica foi uma coisa maluca! Quando o Krueel foi chefe da Casa Militar e estava formando o gabinete, ele chegou para o Gama e Souza, um capitão da Aeronáutica que depois foi ajudante-de-ordens do Jango, mas que nessa fase estava voando com o Krueel, e disse: "Quem vai ser o subchefe?" O Gama e Souza, que não tinha nada na cabeça, em vez de ligar para mim, ligou para o Rui Moreira Lima. Para Rui Moreira Lima! Tinha que ligar para mim, porque ele sabia que era eu que tinha o problema nas mãos. O Rui então, entre a cruz e a caldeirinha, tendo que tomar uma decisão que não lhe atingia, indicou um oficial do Grupo de Caça, Eudo Candiota, que não queria nada, não entendia nada de política. Resultado: não tínhamos ninguém lá.

L.H. - E esse Eudo sofreu horrores depois de 64, de cassarem medalha e tudo.

F.T. - Sofreu, e sem razão nenhuma! Ele esteve preso conosco. Nós estivemos presos depois de 64 num navio, o Princesa Leopoldina, e ele ficava isolado lá, porque não tinha nenhuma ligação conosco ou com o resto dos militares do Exército. Ele ficava escrevendo, então diziam que ele estava preparando seu depoimento. Nunca foi ouvido! Foi reformado, perdeu medalha e nunca foi ouvido! No Exército, o Jango tinha o Assis Brasil, tinha o Paulo Pinto Guedes que era muito competente, mas era um homem que não avançava os sinais, muito disciplinado... não havia ninguém, não havia ninguém na área militar.

L.H. - Diga-me uma coisa: o senhor votou no Jango para vice-presidente da República?

F.T. - Votei.

L.H. - E votaria nele para presidente?

F.T. - Não. Esta é uma hipótese que não... Depois de 64, você diz, se houvesse eleição?

L.H. - Não. Eu quero saber se hoje, pensando para trás: o senhor votaria no Jango para presidente?

F.T. - Não. Eu acho... A não ser que o adversário fosse o Lacerda, fosse uma imposição política, mas não seria um candidato da minha escolha. Agora, eu votaria nele se houvesse uma luta entre ele e o Lacerda, naquela época - talvez hoje, não, hoje não. Mas se naquela época fosse ele e o Lacerda, ou ele e... qualquer um, eu votaria nele. Seria uma imposição política. Mesmo não tendo muita confiança em que ele... Porque eu achava o Jango muito pouco firme, muito pouco... Tinha muita habilidade no relacionamento, quem o conhecesse, gostaria dele.

L.H. - Uma flor de pessoa, não?

F.T. - Uma flor de pessoa. Mas politicamente não tinha...

L.H. - Todas as pessoas para quem eu faço essa pergunta me respondem a mesma coisa. É uma unanimidade espantosa! E aí eu sempre faço a pergunta seguinte: mas não passava pela cabeça de vocês que o vice-presidente é o substituto eventual do presidente da República, e que o Brasil tem uma tradição de vice-presidentes que assumem? O Café Filho assumiu na República Velha, houve o caso do Delfim Moreira que assumiu porque o Rodrigues Alves morreu... Quer dizer, é incrível como isso não passava pela cabeça de ninguém! E aí vem uma outra questão, que é também muito interessante: eu acho que foi um dos problemas mais graves da Constituição de 46 não vincular o presidente ao vice-presidente na mesma chapa, o senhor não acha?

F.T. - É, foi um erro grave.

L.H. - Porque, coincidentemente, até então, ganhavam na mesma chapa, não?

F.T. - A eleição do Jânio e do Jango foi a primeira vez.

L.H. - Getúlio ganhou com o Café na mesma chapa, Juscelino ganhou com o Jango, mas de repente, quando essa coisa estourou na hora do Jânio... Mas vamos saltar agora um pouco para frente: se Deus quiser, se as eleições diretas forem restauradas, o senhor seria a favor de se vincular o presidente e o vice-presidente na mesma chapa?

F.T. - Ah, seria, sou a favor, inclusive para evitar... Porque no fundo seria muito melhor para o país se o Jânio Quadros tivesse completado o seu mandato, em suma, se o processo democrático não tivesse sido interrompido, do que o que aconteceu. O que aconteceu foi uma calamidade!

L.H. - Nós pagamos um preço alto, exatamente.

F.T. - Pagamos um preço alto demais. Porque se o vice fosse da mesma chapa, não haveria nenhum problema, seria o mesmo ou até melhor, porque o Milton Campos era um homem mais equilibrado, um democrata, um liberal.

L.H. - Mas nós já chegamos à conclusão de que nesse caso o Jânio não renunciaria.

F.T. - Ah, não renunciaria, isso é verdade! [risos] Mas ele, então, completaria o seu mandato.

L.H. - Porque o Jango me pareceu perdido o tempo todo: ele ensaiou várias coisas que não conseguiu fazer. Se formos examinar o ministério do Jango, individualmente, tinha nomes espetaculares, mas a rotatividade era tamanha...

F.T. - Que ele não podia fazer nada, não podia fazer nada. O Jango foi fraco, muito ruim no... O Darci costuma dizer que o Jango caiu por querer fazer coisas que não chegou a realizar, não pôde realizar, que foram as reformas. E ele em parte tem razão. Mas eram ameaças, eram ameaças. E o problema do Brasil é um problema de consolidação. É claro que hoje, a sociedade brasileira de 1984, é muito diferente da de 64. Eu acho que a sociedade civil se valorizou muito, cresceu: os sindicatos têm outra

estrutura que não tinham naquela época, o povo é mais organizado em bairros, em favelas, em suma, a sociedade civil brasileira hoje está muito melhor estruturada, muito mais ciosa de representar um papel que é dela nesse quadro, que a daquela época. De forma que a coisa ficava difícil. Quer dizer, um homem como o Jango, que não tinha uma orientação muito definida... Nós também não tínhamos, nem a esquerda tinha, talvez quem tivesse menos fosse a esquerda. Se a esquerda tivesse uma compreensão da importância da manutenção da democracia, nós teríamos vencido aquela etapa - mesmo da renúncia do Jânio, do governo do Jango - e teríamos saído para outra. Continuava o processo. Quer dizer, tudo isso ocorreria dentro de um procedimento democrático de valorização da sociedade civil.

L.H. - O senhor falou sobre o problema da esquerda. Uma pessoa que estava fazendo um levantamento desse período anotou, só no ano de 63, a fundação de 15 organizações de esquerda! Quinze! Quer dizer, a própria esquerda, a meu ver, estava também sem alguma coisa que a congregasse, uma organização. Como o senhor vê a evolução da esquerda nesse período?

F.T. - Eu vejo isso da seguinte maneira: neste período - e até em períodos anteriores - as esquerdas no Brasil tinham o mau hábito de interpretar todos os sintomas de progresso político e social do país como a vitória delas. Então, vamos dizer: se se mobilizava gente para a luta pelo petróleo, "O petróleo é nosso", se se obtinha uma certa unidade sindical, as esquerdas já estavam pensando no poder, quando não havia nada disso. Quer dizer, se há um momento de decréscimo ou, vamos dizer, de queda, de desgaste do sistema vigente conservador, pronto! Ela já pensava que estava no poder. Então entram em luta pelo poder como se aquilo estivesse à mercê delas! Foi o que aconteceu em 64: os grupos - estou me referindo à esquerda, aos grupos populistas, aos grupos de oposição ao regime - que pregavam as reformas de base, entraram em luta porque acharam que o poder estava nas mãos deles. O Henrique Pest, que morreu há pouco tempo, me contou, que no dia 13, dia do Comício da Central, o Prestes almoçou na casa dele - eram muito amigos, foram companheiros de bancada comunista e tal - e disse o seguinte: "Nós vamos fazer agora o ministro da Educação. Eu vou indicar o ministro da Educação!" Quer dizer, três dias depois o Jango caiu, e eles estavam pensando em fazer ministério! [risos] O Osni Duarte Pereira esse desembargador, o Prestes mandou avisar ao Osni que ele ia ser nomeado ministro do Supremo Tribunal Federal! Quer dizer, estava no mundo da lua!

L.H. - E qual era a verdadeira ingerência do Prestes sobre o Jango?

F.T. - O Prestes, diretamente, deve ter tido muitos contatos com o Jango, porque o Jango devia atendê-lo muito, mas a ingerência maior era do CGT, onde eram todos mais ou menos, senão muito, ligados ao Partido Comunista.

L.H. - Quer dizer, o Partido estava nesse momento atuando através do CGT?

F.T. - Do CGT, através do Dante. Pellaconi, daquele outro de Santos, que foi senador de Santos e que também foi preso em 64... Até já foi expulso do Partido. Havia três ou quatro no CGT que eram homens do Partido, homens do Partido. E até vou fazer uma confidência, que também não é para publicar. Eu sempre defendi a tese de que não havia nenhuma conspiração dentro do governo do Jango do tipo continuísta, república sindicalista, essas coisas de que o acusavam, e o argumento que eu usava era o seguinte: eu era um homem do dispositivo militar. Ora, não se podia pensar num golpe sem os militares, e nunca ninguém, nem o Jango, muito menos o Jango, mas ninguém do *staff* do Jango me procurou para conversar sobre uma possibilidade desse tipo. Então eu não acreditava que existisse isso.

Pois bem: há coisa de um mês atrás, conversando com um desses do CGT, com quem eu mantenho relações, ele me confessou que houve conversas do CGT planejando a tomada do poder, uma república sindicalista e tal. Veja o grau de confusão!

L.H. - Pois é, mas veja bem: assim como o senhor mesmo contou que se estava pretendendo fazer uma manifestação contra o Lacerda, que envolvesse o CGT e as forças armadas, e não tinham comunicado nem ao CGT, nem às forças armadas, é muito possível que se estivesse planejado um golpe militar, sem que o dispositivo militar fosse avisado. [risos]

F.T. - E que talvez até fosse contra nós: pegavam os sargentos... Não sei que maluquice estaria na cabeça...

L.H. - Possivelmente o senhor seria deposto por um sargento...{risos]

F.T. - Iria ser preso, como fui em 64. Quer dizer, eu estou mostrando isso a você, mas até prefiro manter a minha tese da ignorância que existia realmente. E sou franco: nunca ninguém me chamou, nem nessas conversas com o Jango se falou no problema de um golpe militar, de massas, ou lá o que fosse. Mas depois disso eu tive essa informação de que houve pelo menos conversas, pelo menos conversas do CGT com o Jango.

L.H. - Agora, até que ponto a disputa que havia dentro do comando, digamos, das forças populares - eu já não estou falando nem do PTB - precipitou muito os acontecimentos? O senhor relatou aqui uma opinião do próprio Darci Ribeiro de que havia essa disputa entre o Arrais...

F.T. - Disputa entre o Brizola e o Arrais. Pelo menos no momento a disputa popularizava nesses dois nomes.

L.H. - Até que ponto essa disputa interna não precipitou um pouco os acontecimentos? Se a gente pega os relatos da época, os jornais dessa época, é muito interessante, porque vai vendo na cronologia as coisas irem evoluindo. E era uma disputa constante entre o Jango e o Brizola para ver quem ficava mais à esquerda.

F.T. - É isso mesmo.

L.H. - Era uma disputa! Até que ponto isso não precipitou os acontecimentos?

F.T. - Ah, mas isso foi fundamental! Acho que aí está a causa principal, eu não digo do 64, porque o 64 foi uma coisa mais complexa, mas do desgaste total do governo perante à opinião pública... Porque você veja, a grande imprensa, as classes conservadoras, o empresariado, como hoje se fala muito, estava contra o Jango. Era um governo que os ameaçava com propostas, às vezes erradas, como a de reforma agrária, de não sei o quê, que ameaçavam aqueles interesses. Muito bem: é claro que eu não acho que se deviam descer a eles e sim enfrentá-los, mas enfrentá-los com base em alguma coisa. Qual era o campo em que um governo que se propunha a fazer reformas profundas de estrutura e tal foi buscar apoio? O campo popular. Se esse campo popular não está unido, ele não pode ter força para enfrentar isso. Então uma das causas fundamentais foi a desunião de esquerda, nas áreas populares, que era a base de apoio daquele governo. Elas estavam desunidas, estavam em luta aberta, e fatalmente o

outro as derrubaria. Isto sem contar que havia um interesse ameaçado muito maior, que era o do imperialismo aqui dentro. E que você sabe - hoje não é segredo, depois que liberaram aqueles documentos americanos - que a "operação *Brother Sam*" existiu: os navios se deslocaram, com porta-aviões, para ajudar a uma conspiração que estava havendo dentro do Brasil.

L.H. - Sim, um país desse tamanho não faz uma revolução nem de um lado, nem de outro sem que as pessoas prestem atenção.

F.T. - Ah, total atenção! Quer dizer, havia uma preocupação do governo americano. Eu conheci pessoalmente o Lincoln Gordon, que era o embaixador no tempo do Jango e havia sido no tempo do Juscelino também. Era até uma figura muito engraçada.

L.H. - Ele ficou um período muito longo no Brasil.

F.T. - Muito longo, muito longo. E foi um articulador. Eu não falo inglês, mas ele falava bem português. Então eu me lembro que uma vez, no tempo do Juscelino, porque era Melo o ministro, o adido da Aeronáutica me convidou para um coquetel, uma recepção, e o Lincoln Gordon foi. Eu era apenas um brigadeiro chefe-de-gabinete de um ministro, e estavam lá os ministros etc. A casa tinha um jardim, que era onde se entrava, e eu estava no jardim, porque estava fazendo um calor danado. Quando o Lincoln Gordon entrou, dali não passou, ficou um tempo enorme conversando comigo, querendo saber opiniões e tal. No dia seguinte, mandou para mim dois ou três livros seus sobre problemas brasileiros. Para se ver a importância que ele dava a um militar do campo oposto, porque eles estavam muito bem informados para saber que eu era do campo oposto.

Então havia uma conspiração. Eu costumo dizer o seguinte: a intervenção das forças armadas na vida política é uma tradição, é uma coisa que tem ocorrido. Mas até 64 as forças armadas intervinham do lado de uma das facções em luta, em conflito na sociedade, e, se vencidas, entregavam o poder à facção vencedora. Em 64, as facções em luta eram o americano e o povo brasileiro. Com a vitória da revolução, as forças armadas não podiam entregar o governo ao americano. Então o governo ficou com os militares. Daí eles ficaram esse tempo todo. [risos] Se fosse o caso do Getúlio contra o Washington Luís, entregariam o governo ao Getúlio, mas no caso era o americano, não podiam entregar ao Lincoln Gordon. [risos]

L.H. - Botar o Lincoln Gordon na presidência da República era um pouco demais também.

F.T. - Não era possível! [risos]

L.H. - O senhor está me dando a idéia de que, do ponto de vista militar, com algumas medidas mais habilidosas, seria possível contornar a crise.

F.T. - E mais habilidosas de médio prazo, andando um pouco para trás, e mesmo no dia, com mais decisão. Com mais decisão seria possível, porque a revolução foi desencadeada por duas pessoas no Exército, dois generais de nenhuma significação: aquele maluco que serviu em Juiz de Fora, o Mourão, que mesmo em suas memórias dá pena, que era um desmoralizado... Há oito anos ele conspirava, mas ninguém dava pelota para ele, porque não acreditavam nele. E o outro foi o Guedes, que também era um sujeito apagadíssimo no Exército. Esses dois sujeitos levantaram e ganharam uma revolução! Por quê? Por que não houve decisão, não houve decisão. Como eu disse a você certa vez, eu dei uma

entrevista para aquela *Zero Hora* de Porto Alegre, ou para o *Coojournal*... Foi para o *Coojournal*. E os janguistas aqui ficaram uma fera comigo, porque eu disse isso, que o Jango não quis. No dia 31 eu liguei para o Palácio, porque queria falar com o Botelho, mas, como não o encontrei, acabei falando com o Jurema, a quem disse: "Jurema, esta situação é uma situação em que o governo precisa tomar uma decisão; e se tomar uma decisão, como uma ação militar de porte aqui no Rio, ele ganha essa parada, porque está todo mundo indeciso" - o próprio Krueel só foi aderir depois. Sugeri o seguinte: "Pegue um pelotão de fuzileiros do Araguaçu ou a PE do Exército," - onde havia um oficial da absoluta confiança do Jango - "não precisa de tropa, apenas um pelotão, uma companhia, e prenda o Lacerda. Ataque o Palácio Guanabara e nem precisa prender, o Lacerda foge e fica tudo resolvido porque desmoraliza e mostra uma decisão do governo." "Ah, é uma boa idéia!" Não tomaram providência nenhuma. Depois alegraram - alguém me falou isso - que o Jurema conversou com o Jango e deu uma desculpa qualquer por não ter feito o que eu sugeri. E era uma coisa à toa. Estou dizendo isso porque, quando do dia 31 para 1º deslocaram os tanques, e não era uma coisa... Um dos tanques que ia para Laranjeiras, não sei o quê, errou, entrou pela rua Paissandú...

L.H. - Exato, com aqueles dois irmãos Etchegoyen, o Léo, que agora foi preso, e o irmão, que eu não me lembro o nome agora.

F.T. - Acontece que quando o tanque embicou na rua Paissandu foi um pânico total no Palácio Guanabara. Até um oficial, o Souza e Silva, que estava lá, porque estavam muitos militares, inclusive o Eduardo, pegou um revólver e, afobado, deu um tiro para o ar que raspou na própria cabeça! Deu um tiro nele mesmo.[risos]

L.H. - Até se descobrir que o tanque não era do Araguaçu, porque achavam que era o Araguaçu que estava indo para lá...

F.T. - Então é o que eu digo: uma ação militar de vulto aqui - de vulto não, até insignificante - decidiria.

L.H. - Mas de pulso, pelo menos?

F.T. - De pulso, que mostrasse a decisão do governo. Mas ao contrário, não fizeram nada...

[FINAL DA FITA 14-B]

L.H. - Eu estava na sede da III Zona, quando o Jango me telefonou do palácio, dizendo: "Olhe, Teixeira, estou telefonando pelo seguinte: eu vou para Brasília." Quando ele disse: "eu vou para Brasília," levei um susto! "Mas, presidente, o senhor vai para Brasília? O negócio é aqui!" "Não, eu vou à Brasília, tenho que pegar uns papéis muito reservados, mas volto. Estou lhe telefonando porque, como vocês na Aeronáutica têm umas comunicações boas com Brasília, é para você ficar atento." Eu disse: "Pois não, não tem dúvida nenhuma." E desligamos. Como o meu gabinete ficava no terceiro andar daquele prédio do Santos Dumont e o Jango deveria tomar o avião ali no pátio de aviões da III Zona, fiquei atendo para ir me despedir dele quando embarcasse, como aliás era a minha obrigação. Pois bem: quando escutei aquele barulho, que tomei o elevador, desci e cheguei no pátio, ele já estava

dentro do avião - veio rápido - e o avião já estava com os motores aquecidos, andando. Nem falei com ele. Quer dizer, foi embora e não deu satisfação a ninguém.

Bom, dali voltei para o gabinete. À tarde, o Botelho, o ministro - nós estamos talvez avançando um pouco, mas não faz mal - me telefonou de sua casa no Galeão - porque a residência do ministro era no Galeão -, dizendo que queria falar comigo. Eu peguei um avião e fui para o Galeão. Chegando lá, ele me disse: "O negócio está liquidado! Vou largar isso aqui e vou para São Paulo descansar um pouco, porque passei a noite em claro. Não há mais esperança: o Jango já embarcou para o Sul, e provavelmente vai para o Uruguai ou Argentina. Está tudo perdido." Eu disse: "Está bom, o que se vai fazer? Vamos entregar os pontos." Aí fui para a base do Galeão, onde aqueles oficiais e sargentos me cercaram: "Qual é a ordem do dia?" Eu digo: "A ordem é essa: vamos embora, o presidente foi para o sul." Aí surgiram opiniões dos exaltados, dos radicais, que queriam ir para o Sul esperar o Jango, ou encontrar com o Jango para fazer uma reação... Eu disse: "Não vamos, não. Não vamos, pelo seguinte: se ele quisesse reagir, teria falado comigo, porque conversamos por telefone, teria marcado um encontro comigo na III Zona e dito: 'Minha idéia é ir para o Sul para fazer uma resistência lá.' Aí nós iríamos. Mas ele não quer reagir. Nós vamos reagir por conta própria? Assumir a responsabilidade de lavar uma guerra civil neste país para eu ser o comandante? Não quero! Não aceito isso!"

L.H. - Porque o senhor podia levantar vôo e bombardear as tropas que estavam descendo de Minas.

F.T. - O que não fizemos! Mas não houve ordem! É isso que eu digo: não houve nenhuma ação aqui. Eu estava esperando... É verdade que foi um dia de muito mau tempo, nós fizemos apenas um reconhecimento em cima da tropa do Mourão, que estava se deslocando, conseguimos furar e tal, mas não se via nada, porque estava um mau tempo danado! Foi a única missão que o Exército pediu. Então, não queriam reagir. Segundo, eu não ia assumir a responsabilidade do comando de uma missão que não era minha. Não era minha. Então disse a eles: "De forma que o meu conselho é esse: ficarmos aqui. Vamos desmanchar toda a prontidão e aguardar os acontecimentos. Estou dizendo isso a vocês com uma convicção total do seguinte: a pessoa mais visada entre nós, para a qual as conseqüências podem ser mais trágicas da parte deles, como reação, sou eu. Sou eu o homem que eles visam. Não estou dizendo que seja só eu, há mais uns dois ou três aqui. Mas eu acho que devemos correr esse risco. Nós defendemos a legalidade; a legalidade acabou, pronto: não somos mais..." E discutiu-se, discutiu-se, porque alguns queriam ir. Mas minha opinião foi essa: não ir, permanecer nos comandos que tínhamos e aguardar os acontecimentos. Nós defendíamos um governo constituído, esse governo deixou de existir, o outro que assumisse, fizesse de nós o que bem entendesse. E assim fizemos. Finalmente prevaleceu esse ponto de vista, e foi muito bom, porque afinal ninguém morreu. E o que iríamos fazer? Vamos supor que fôssemos para Sul. Ora, se nos deslocássemos para o Sul, teríamos dois caminhos: ou reagir, ou nos exilarmos. E as duas coisas eram péssimas. Horríveis! Seria reagir para perder, porque nem sabíamos ainda que a esquerda americana estava aqui com setenta aviões! Íamos reagir para perder, para fazer uma guerra civil com quem? Agora, sim, com aqueles que diziam que eram comunistas? Então era assumir uma responsabilidade! Não aceitei.

L.H. - O CGT inclusive decretou greve geral no dia, o que foi uma burrice, porque as pessoas ficaram em casa, ninguém foi para a rua.

F.T. - Foi uma burrice danada!

L.H. - Agora, no Arsenal de Marinha morreu gente, morreu marinheiro.

F.T. _ Eu não soube, não. Foi?

L.H. - Morreu. No Arsenal de Marinha morreu gente.

F.T. - Eu não sei, não tive conhecimento disso. Agora, e o que aconteceu? Eles assumiram o poder no 1º de abril com muita timidez, com uma timidez enorme! O meu chefe de estado-maior me telefonou dizendo que o Exército tinha prendido o Jurema lá na Zona Aérea - aquele pessoal da Escola de Estado-Maior, aqueles gorilas tinham ido lá e prendido o Jurema. Eu disse: "Bom, isso vai ficar ruim porque vão começar com essas ações, e eu vou ter que reagir." Então eu disse: "Vamos fazer o seguinte: desfaça a prontidão e mande todo mundo para casa. Deixe apenas um oficial de dia e a tropa normal de prontidão." Quer dizer, regime absolutamente normal. "Eu vou para casa, e amanhã a gente vê o que vai acontecer." E fui para casa. Apenas tomei a precaução de não dormir em casa nessa noite e fui dormir na casa da Maria Lúcia, minha filha. No dia seguinte de manhã, dia 2, acordei, pensei e disse: "Eu vou me apresentar." Ainda não sabia que já tinham até passado o comando da Zona a um outro.

L.H. - Quem assumiu o comando da III Zona?

F.T. - O Dario Azambuja, que era um homem muito ligado a nós, mas muito queixoso de mim e tal. Mas eu liguei para o chefe do estado-maior, o coronel Carlos Alberto Alvarez, e disse: "Como é? Você quer ir lá?" E ele: "Vamos." Chegamos na III Zona, e o Dario, muito amável, doce, disse: "Eu assumi o comando, fui nomeado comandante da III Zona e já assumi." Eu disse: "Está ótimo e tal." A idéia deles era nos prender, mas eles estavam muito tímidos. Então continuei: "Nesse caso, vou me apresentar ao ministro." O Melo, meu antigo ministro, tinha assumido o ministério assim à força e tal. "Vou me apresentar ao Melo." Ele disse: "Ah, eu ofereço o meu carro." Ofereceu o carro dele, porque eu estava sem carro, não é? Era o meu carro antigo, de função. [risos] Acho que fui com o Alvarez, e o Melo, que era meu amigo íntimo, estava querendo que eu... Ele disse: "Puxa!" - com aquele jeitão dele estabonado. - "Diabo, todo mundo aceitou essa coisa, passou os comandos, e você tentou reagir!" Eu disse: "Você está enganado, Melo. Eu acabo de vir da III Zona, e não reagi coisa nenhuma, aceitei. Já nomearam o comandante da Zona." Ele queria que eu dissesse "reagi", para me prender, então eu disse: "Absolutamente!" Eu respondi: "Então está bem." E voltamos para a III Zona eu e o coronel Alvarez, para depois ir para casa - como aliás fomos. Quando chegamos lá, a senhora dele telefonou apavorada: tinha havido uma estupidez do pessoal do Lacerda, um daqueles verde-amarelos tinham invadido a casa dele e obrigado ela e os filhos pequenos a cantarem o hino nacional. Uma cena desse tipo! E ela ligou para ele apavorada!

L.H. - O Nero contou essa história.

F.T. - O Nero contou... Pois foi. Ele ficou desesperado! Era um pai extremado, se dava muito bem com a mulher, voltou do telefone inteiramente desesperado! Quando me contou a coisa, eu disse ao Dario: "Isso é uma canalhice! Que diabo! Nós aqui nos apresentando, dispostos a aceitar, e vocês agredindo as nossas famílias!" Mas nós não podemos dar garantias, não temos como dar garantias! Só o ministro!" Nisso, apareceu o Rui Moreira Lima, que tinha vindo não sei de onde, e resolvemos ir ao ministro para protestar contra essa coisa - aliás, eles não tinham nada com a história, tinha sido uma iniciativa de um grupo lacerdista. E eu fui pensando: "Pode haver uma armadilha nisso." Porque eu senti, no primeiro

encontro com o Melo, que ele queria um pretexto para nos prender. Mas fomos ao ministro, assim, numa espécie de comissão, e falamos: "Melo," - eu não me lembro como o tratei - "isso é uma coisa absurda! Nós, aqui, afinal, e as nossas casas..." E ele "Não, não é. Vocês estão ameaçados, só há uma solução, que é vocês... Não! Não fomos ao Melo! Discutimos o assunto com o Dario, e ele ligou para o Melo. Então disse: Só há uma solução: é vocês ficarem presos, porque senão vão ser assassinados por esses bandidos de..." Eu disse: "Não, Dario. Preso, só por ordem. Eu me apresentar preso..." Queria que nós, voluntariamente, ficássemos presos! Acabamos indo para casa, onde, afinal, fui preso no dia 5. Passou o dia 2, o dia 3, o dia 4, e no dia 5, de noite, eles foram me prender.

L.H. - O Melo tinha aderido à conspiração ou não?

F.T. - Tinha, tinha!

L.H. - Como esse processo evoluiu dentro da Aeronáutica? Vocês já sabiam da conspiração?

F.T. - Não! Nós sabíamos que um grupo conspirava. O que não acreditávamos, nem eles mesmos, era que chegassem ao ponto de ganhar. Achávamos que não botariam a cabeça de fora, como o Jango queria, eu não queria, mas o Jango queria; [risos] achávamos que não ganhariam. Nós sentíamos um clima muito pesado contra nós, mas apesar de tudo isso houve uma coisa até muito engraçada: já no fim do governo do Jango, houve uma eleição no Clube da Aeronáutica. O Clube da Aeronáutica estava nas mãos deles, então eles manobram, criaram as normas eleitorais, tudo à feição dos seus interesses, quer dizer, já preparando a vitória. Nós concorremos com um candidato, que não tinha nome na Aeronáutica, o brigadeiro Prata, José de Souza Prata, e ganhamos a eleição. Ganhamos a eleição! Quer dizer, a maioria era relativa. Era relativa.

L.H. - O Cordeiro faz uma observação em seu depoimento, dizendo que o Exército dormiu janguista no dia 31 e acordou revolucionário no dia 1º..

F.T. - Ele tem razão! Foi isso mesmo! Porque não houve uma medida: amanheceu, sentiu-se uma revolução... O próprio Lacerda, depois de 64, quando ficamos, vamos dizer assim, não digo amigos, mas muito bem relacionados, uma vez me contou que no dia 31 para o dia 1º, ele recebeu um telefonema do Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército, dizendo o seguinte: "Estou telefonando governador, para lhe dizer que o senhor deve fugir, porque nós precisamos do senhor vivo e estamos perdidos! E estou telefonando porque não tenho um ordenança para lhe levar uma carta, estou aqui isolado. Nós estamos perdidos!" Então o Cordeiro tem muita razão quando diz isso. Mas o Lacerda me disse que perguntou a ele: "Mas, general," - ele era general - "isso é uma opinião sua ou é uma opinião do grupo?" "É uma opinião minha porque, como estou dizendo, eu estou aqui isolado e tal." "Está bom, vou consultar aqui os meus amigos." Resolveu não sair e ganhou a revolução. [risos] Veja você, o chefe do Estado-Maior! O homem que foi o presidente desta revolução! É verdade que nessa época o Lacerda estava com muita raiva do Castelo, mas não iria mentir uma coisa dessas, não iria mentir. Quer dizer, foi verdade mesmo.

L.H. - Isso é interessante, porque todo esse pessoal... Por exemplo, a adesão do Amauri Kruel foi tardia, porque parece que o Ademar, que já estava conspirando há um certo tempo, porque o Cordeiro fez a base dele em São Paulo, teria dito que São Paulo seria o segundo estado a aderir à revolução, mas não o primeiro, porque ele se lembrava muito bem de 32. E parece que o Kruel fez algumas gestões

junto ao Jango ainda no dia 31 para evitar que determinadas coisas acontecessem, e então ele não iria aderir, tanto que foi preciso pegar o Riograndino Krueel para falar com ele, etc. etc.

F.T. - Há um depoimento que eu não li, mas esse coronel Donato, que estava na reunião de quarta-feira, que íamos com o Renato, me contou que leu: é uma entrevista de um coronel-aviador - eu não sei quem é, tenho feito um esforço para me lembrar - que transportou o Cordeiro de Farias de Belo Horizonte para São Paulo, para onde ele iria com o objetivo de convencer o Ademar e o Krueel a participarem da revolução. Não sei se o Cordeiro usou esse mesmo argumento para convencê-los, mas esse coronel teria dito a ele: "Está muito bem, vamos fazer isso tudo, mas vai virar aquele negócio da posse do Jango. Há uma reação aí..." E o Cordeiro teria dito: "Não, agora não há, porque a esquadra americana já está aqui ao largo do Brasil para nos dar todo apoio. Não há mais hipótese disso reverter para o lado contrário." Não sei se ele teria usado esse argumento também para convencer o Ademar e o Krueel. O fato é que o Krueel, eu acompanhei muito. O comandante da IV Zona Aérea, em São Paulo, era o Hélio do Rosário Oliveira, um brigadeiro muito amigo meu - fui eu que o coloquei lá - eu estava sempre em contato, conversando sobre a coisa e tal. E à meia-noite e meia, uma hora da manhã, ele ligou para mim na III Zona: "Estou ligando, Teixeira, pelo seguinte: o Krueel me convidou agora para ir ao QG do II Exército." Eu disse: "Está bem, vá que você vai ser preso, porque o Krueel, nessas alturas, já deve ter aderido." Ele disse: "É, mas eu vou." E foi. Quer dizer, à uma da manhã o Krueel disse a ele que tinha aderido à revolução, ao golpe, e o convidou a aderir. Ele disse: "Não, eu não posso. Eu recebo ordens do ministro da Aeronáutica." E o Krueel - veja como ele estava cauteloso: "Bom, então faça o seguinte: não hostilize a nossa tropa. Se o pessoal da Aeronáutica ficar neutro nisso, não tem problema, não sei o quê. O Hélio foi embora, mas foi para casa, foi para Cumbica pegar um avião para vir ao Rio, já com dificuldades, porque Cumbica já tinha se revoltado.

L.H. - Ainda era aquele Faria Lima que comandava Cumbica?

F.T. - Não, não era mais o Faria Lima, ele já tinha saído.

L.H. - Quer dizer que, à uma hora da manhã, o Krueel ainda...

F.T. - Foi aí que ele decidiu e chamou o comandante da Aeronáutica para declarar sua posição e convidá-lo a participar. Quer dizer, à uma hora, ou de meia-noite à uma hora. Talvez esta tenha sido uma de suas primeiras providências, porque seria uma limpeza de área.

L.H. - O senhor disse que relatou para o Jango o problema da cerimônia da homenagem dos sargentos a ele, e que o senhor foi contra, porque era uma subversão da hierarquia etc.

F.T. - Não, eu não relatei o negócio do Darci, relatei o do Âncora, que era uma manifestação que ia haver e que o Jango iria, e o Âncora era contra. Então ia-se fazer uma coisa sem se conversar com o Âncora, quer dizer, estava errado.

L.H. - Quando houve a manifestação, qual foi a sua sensação?

F.T. - De descalabro! Da coisa cair! Porque em janeiro de 64, no começo de janeiro, eu operei a coluna, uma hérnia de disco, nos Estados Unidos, foi uma operação realmente meio complicada e eu levei seguramente um mês lá. Quando voltei, em fins de fevereiro, um pouco depois do carnaval, encontrei

uma situação politicamente má e militarmente idêntica à anterior. Quer dizer, havia uma oposição muito grande na hierarquia militar da Aeronáutica, do Exército, mas eu confesso que, erradamente, não tinha medo de um golpe militar, embora estivesse muito preocupado.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Então encontrei uma situação que me pareceu, assim, com tendências a melhorar, que foi a preparação do comício do dia 13. O comício, como eu já disse, foi uma tentativa de unir as áreas populares, as áreas de esquerda, as áreas de oposição à cúpula, o que eu achava indispensável para o apoio ao governo. E de fato... Mas fui ao comício do dia 13 com o ministro, porque eu não fazia nada que não estivesse dentro do regulamento, tanto que não fui à manifestação dos sargentos no Automóvel Clube. O ministro foi.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Então encontrei uma situação idêntica militarmente, e politicamente me parecendo com tendência a melhorar, o que me decepcionou dias depois nessa conversa com o Darci na Casa do Assis Brasil sobre a manifestação dos sargentos.

L.H. - O discurso do Jango na manifestação dos sargentos no Automóvel Clube, despertou muito... No comício do dia 13 ele já havia assinado o decreto encampando as refinarias então e os políticos que ouviram aquele discurso e que tinham algum conhecimento de forças armadas acharam que ele já estava no chão, que ali ele caía mesmo. Há até o depoimento de um rapaz, não sei se o senhor conhece, o Naio Lopes de Almeida, que era parente, não sei se cunhado do Brizola ou primo do Jango...

F.T. - Conheço, era cunhado do Brizola.

L.H. - Ele diz que teria estado com o Jango para interceder no sentido de que ele não comparecesse ao Automóvel Clube - coisa que aliás o Tancredo também fez -, porque a manifestação seria uma afronta à cúpula das forças armadas etc., e o Jango lhe teria mostrado na ocasião três discursos que haviam feito para ele ler. O Naio disse que ia lendo, e cada um era pior do que o outro. Mas teve um que ele achou menos ruim, então disse: "Esse aqui é menos ruim." E o Jango teria dito: "É, mas esse foi o Prestes que me mandou." Parece que o do Prestes era o mais moderado.

F.T. - Viu como ele estava cercado!? [risos]

L.H. - O que me fez suspeitar o seguinte: o Jango perdeu a bússola completamente.

F.T. - O discurso do Automóvel Clube foi péssimo! Houve um detalhe também nessa reunião dos sargentos - era isso que eu queria lembrar: eu ouvi o discurso na III Zona, depois fui para casa, quando cheguei, o ministro, que tinha estado presente à cerimônia, me telefonou dizendo: "Você ouviu os discursos?" E eu: "Só ouvi o Jango, o dos sargentos não ouvi." Ele disse: "O discurso do sargento Silva, da Aeronáutica, foi um discurso subversivo! De forma que você faça o seguinte amanhã de manhã: como você é o comandante da guarnição do Rio de Janeiro, chame esse sargento e prenda-o por 30 dias por ordem do ministro." Quer dizer, o Botelho horrorizou-se com o que o sargento disse na frente dele e do presidente, e mandou prendê-lo. Ninguém sabe disso, mas é um depoimento muito

importante, porque mostra que não havia a idéia de quebra de hierarquia, nunca passou pela nossa cabeça uma coisa desse tipo. Eu ia prender o sargento porque já o conhecia, era um maluco mesmo, um maluco!

L.H. - O senhor ouviu o discurso do Jango?

F.T. - Ouvi o discurso do Jango e achei péssimo, era horrível! Minha impressão foi essa: caiu tudo, caiu tudo. E de fato, caiu. O Mourão foi lá para Minas e revoltou a tropa.

L.H. - E o "cabo" Anselmo? Como foi a história do "cabo" Anselmo?

F.T. - A história do "cabo" Anselmo... Hoje, parece que está provado que ele era um agente da CIA. Hoje está provado.

L.H. - O senhor chegou a conhecê-lo?

F.T. - Não, não o conheci, ele era da Marinha. Na noite que os marinheiros foram para o sindicato, eu apenas recebi uma comunicação. Aliás, quem me fez a comunicação foi o Hércules Correia, que era então deputado estadual e me telefonou, dizendo: "Olhe, brigadeiro, estou lhe telefonando pelo seguinte: os marinheiros acabaram de se rebelar e estão no Sindicato dos Metalúrgicos..." E me contou a história toda. Eu agradeci: "Pois não, muito obrigado." Liguei para o ministro e comuniquei o fato. Como o Jango tinha embarcado de manhã para São Borja, como eu já disse a você; e o Assis ia no dia seguinte para lá, resolvi ligar também para a casa do Assis e comunicar que tinha havido essa coisa. E atendeu a senhora dele, já inteiramente perturbada, coitada - ela era esquizofrênica, maluca...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Então liguei para a dona Alba a quem eu conhecia, e disse: "Dona Alba, aqui é o brigadeiro Francisco Teixeira. Eu quero falar com o Assis." "Ele está dormindo." Eu digo: "Olhe, dona Alba, é um fato muito importante: amanhã ele vai se encontrar com o presidente..." E ela: "Ele está dormindo, e a ordem é não acordá-lo." E não acordou o Assis. Então não avisei nada, perdi a paciência e não avisei coisa nenhuma. Bom, na ausência do Jango, nós reunimos os ministros no Palácio Laranjeiras: o Jair estava doente, e quem o substituiu, foi aquele general que era seu chefe-de-gabinete, o Genaro Bontempo; estavam também o Âncora, o Botelho, eu e o ministro da Marinha, o Sílvio Mota, que levou ainda o almirante César de Andrade - eu o conhecia muito: era alto, bonitão, e aliás até casou-se em segundas núpcias com uma parenta minha. Aí discutimos aquilo, e o ministro da Marinha, uma fera! Queria ali mesmo uma decisão do Exército de ir lá e tirar os marinheiros do Sindicato dos Metalúrgicos. E o Âncora - até fiquei com uma impressão excelente do Âncora - muito tranquilo, disse: "Mas, ministro, o senhor está dando uma importância..." Porque para o ministro da Marinha e o almirante César de Andrade, Marinha e subversão era o fim do mundo! E continuou: "Há um ano atrás houve um levante de marinheiros na esquadra inglesa, acabou e o mundo não se acabou. Não tem problema, vamos resolver isso com mais calma." Em suma, ficou naquele chove-não-molha. No dia seguinte, afinal, o Jango voltou; voltou e tomou algumas decisões, uma das quais a substituição do ministro, e a outra, a de que os marinheiros se recolheriam a um quartel do Exército até que o novo ministro resolvesse a situação de anistiá-los, ou uma coisa qualquer desse tipo. Foi a decisão dele. Então restava o problema de como convencer os marinheiros, no auge da euforia rebelde, a se

recolherem num quartel do Exército, mesmo que simbolicamente. Ele então incumbiu disso o ministro do Trabalho, o Amauri Silva, cabeça branca, e o Botelho. Até foi muito engraçado, porque essa tarefa não teve repercussão, então o Botelho me chamou e disse: "Olhe, o presidente me pediu que falasse com você para ir com o Amauri nos Metalúrgicos, e eu estou pedindo para você ir e tal."

L.H. - Só davam abacaxi para o senhor! [risos]

F.T. - Só abacaxi! Acho que aí foi uma malandragem do Jango, que achava que eu era um homem de esquerda e quis apimentar a comissão, compreendeu? Então lá fui eu com o Amauri, e foi também nessa comissão o Talarico, que na época eu mal conhecia, só vim a conhecer muito proximamente depois de 64.

L.H. - Ele não era da Comissão do Imposto Sindical, uma coisa assim?

F.T. - Acho que era deputado federal na época, era deputado federal. O fato é que o Talarico foi, nós fomos, a comissão. E foi uma luta, ouviu? Porque a idéia dos marinheiros e do CGT lá presente era de que os marinheiros tinham toda razão. Eles não aceitavam o ministro Paulo Mário, que era um homem nosso e tal, mas não era o que eles queriam - acho que eles queriam o "cabo" Anselmo ministro, uma coisa assim. Então conversei muito com o CGT, porque tinha algumas ligações com eles: "Mas esta solução é maravilhosa para a Marinha! Vejam, por exemplo, na Aeronáutica, eu, que sou major-brigadeiro, não sou o ministro da Aeronáutica; o ministro é outro, mas é ótimo. Eu conheço o ministro Paulo Mário e digo que a Marinha vai ter um ministro melhor que o nosso." Acabou que chegou-se lá a um acordo e eu voltei.

Estou contando esse fato porque, tempos depois, já em 65, abriram um IPM para apurar as atividades dos intelectuais nos sindicatos, uma coisa qualquer assim. E o encarregado desse inquérito era o irmão do Andrada Serpa, este que hoje está em evidência, porque é o atual candidato à presidência do Clube Militar. Foi o irmão dele que me ouviu. Foi muito correto e tal, mas... Eu já tinha sido demitido, então ele fez um preâmbulo, dizendo: "Brigadeiro," - me tratando por brigadeiro - "estou lhe ouvindo como testemunha, embora eu pudesse ouvi-lo como indiciado," - porque ele era coronel e eu brigadeiro - "uma vez que o senhor já foi demitido." Eu disse: "Pois não, o senhor decida: se quiser, pode me ouvir como indiciado."

L.H. - "Ouça como quiser."

F.T. - "Ouça como quiser." Então ele me ouviu, eu fiz o depoimento, contei a história toda, e era tudo relacionado com o negócio dos marinheiros. Quando acabei - isso já fora do depoimento -, ele me perguntou: "Brigadeiro, o senhor fez parte de uma comissão" - veja você, isso também é um ensinamento - "que foi ao Sindicato dos Metalúrgicos?" Eu pensei: "Puxa! Nunca ninguém mexeu com isso e já foi há um ano e tanto..." E disse: "Não." E ele: "Veja o senhor como são esses paisanos: o senhor Talarico veio aqui e disse que o senhor fez parte dessa comissão." Eu pensei: "Puxa, que coisa! Como eu vou sair dessa?"

[FINAL DA FITA 15-A]

L.H. - A moral da história é que não se deve mentir.

F.T. - Não se deve mentir em IPM, só se pode dizer a verdade.

L.H. - Só para eu entender, o CGT estava dentro do Sindicato dos Metalúrgicos com os marinheiros?

F.T. - Sim, porque, se não me engano, um dos membros era o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Mas eles estavam lá porque, naturalmente, havia a negociação... Isso é que eu não sei, é até um caso a perguntar, qual seriam as ligações do CGT com o "cabo" Anselmo? Porque houve uma ligação. Mas o que sei é que estavam todos lá: estava o Dante Pellacani...

L.H. - O Clodsmith Riani também?

F.T. - O Clodsmith, o... Pacheco! O Pacheco era talvez a figura mais... Era um homem do Partido, depois até foi preso, em 68 ou 70, acabou contando tudo e foi expulso do Partido, segundo me consta. Mas eles estavam lá, e foi com eles que eu discuti o problema, assim, num intervalo daquelas discussões, daquela intransigência em sair dali, porque eles queriam a garantia de um ministro: "Então o ministro vai ser o Paulo Mário? Não serve e tal." Eu digo: "Mas o que é que vocês querem? Querem o Anselmo para ministro da Marinha? Já estamos vivendo essa época? Essa época ainda está tão longe que eu não posso ser ministro da Aeronáutica!" Não posso pelas implicações ideológicas que há, acusações que acontecem. "Eu não posso ser ministro da Aeronáutica! Já é uma grande coisa que eu seja brigadeiro... Esse ministro é melhor do que o da Aeronáutica." E isso e aquilo, eles acabaram se convencendo. Mas eu acho que o CGT comandou muito essa operação ou participou muito dela.

L.H. - E aquele Pernambuco, que era líder dos marítimos, teve alguma participação nesse episódio? Porque ele era um líder muito atuante nessa época, estava sempre com o Jango e tal. O senhor chegou a conhecê-lo?

F.T. - Não, esse eu não conheci.

L.H. - Agora, a decisão do Paulo Mário de não punir os marinheiros botou a Marinha de cabelo em pé, não foi?

F.T. - Mas ele não tinha outra saída. Ele anistiou os marinheiros, quer dizer, anistiar não é punir, é "está acabado." Agora, os marinheiros cometeram um erro: saíram em passeata do tal quartel em que estavam *pro forma*, não sei se você lembra desse fato. Quando eles saíram em passeata, houve um pânico no ministério, porque eles podiam ir e, como havia um choque muito grande entre... Os oficiais têm uma tradição de medo dos marinheiros, porque, embora a disciplina formal da Marinha seja muito inferior à do Exército, com aquele bate pé, aquele barulho danado, e na Marinha tudo é mais tranqüilo, há uma disciplina férrea, aliás, tradicional na Marinha.

L.H. - Porque, se ocorrer uma rebelião num quartel, o oficial tem para onde fugir; num avião, não tem.

F.T. - Na Marinha não pode. Como aconteceu na Revolução dos Marinheiros do João Cândido, que homens gordos tiveram que passar por vigias desse tamanho para fugir, quer dizer, para se atirarem n'água, porque estavam matando.

L.H. - É claro, porque setecentos marinheiros dentro de um navio...

F.T. - São donos do navio.

L.H. - Essa tradição de medo é até compreensível.

F.T. - Há necessidade dessa disciplina férrea na Marinha. Então, nessa fase, talvez até por um exagero, porque eu não acredito que houvesse... Não sei, conduzidos por um homem da CIA, como esse "cabo" Anselmo, talvez houvesse realmente riscos. Mas eu não sentia que havia tanta animosidade, e eles não ficaram dentro dos navios. Porque a situação era a seguinte: havia o medo de que os marinheiros voltassem para os navios e matassem os oficiais. Mas eles saíram em passeata. Então mandaram ao encontro deles, para acalmá-los – o que os comprometeu para o resto da vida –, o Suzano e o Aragão, que eram benquistos pelos marinheiros, e os marinheiros afinal carregaram os dois em triunfo - os jornais até fotografaram.

L.H. - Aquele negócio do "almirante do povo"...

F.T. - "Almirante do povo", é isso mesmo.

L.H. - O Aragão ainda não tinha entrado nas nossas conversas direito. Ele era meio maluco, não era?

F.T. - É, é maluco...

L.H. - Não teve uma vez que ele e o Brizola quiseram usar fuzileiros contra não sei quem?

F.T. - Ele era muito da conspiração do Brizola. Eu já tive até a oportunidade de contar o encontro que eu tive com o Brizola sobre o San Tiago Dantas, porque o Aragão queria prender o San Tiago Dantas e ainda queria que nós ocupássemos a rádio Nacional. Ele era muito ligado ao Brizola. Hoje são inimigos, romperam; no exílio, romperam definitivamente. Mas ele era muito... Você sabe, antigamente na Marinha - hoje não há mais isso - os oficiais dos fuzileiros navais não eram oriundos do quadro de oficiais, não tiravam a Escola Naval: eram sargentos que faziam oficiais.

L.H. - Havia uma certa discriminação?

F.T. - Havia discriminação.

L.H. - Seria mais ou menos o correspondente à discriminação dos oficiais do Exército em relação aos oficiais da PM?

F.T. - Qualquer coisa parecida. Era uma infantaria de Marinha, a que a Marinha não dava muita importância, mas era uma coisa muito importante para a Marinha. Nos Estados Unidos é poderosíssima, tem vários almirantes e tal. Posteriormente, no Brasil, criaram o quadro de fuzileiros, e hoje o oficial-fuzileiro é igual aos outros, tira o curso da Escola Naval. Mas na minha época de oficial de Marinha, só os oficiais de convés, vamos dizer assim, os oficiais da Marinha mesmo era que tiravam o curso da Escola Naval; os maquinistas não tiravam - era um quadro em extinção -, os fuzileiros não

tiravam, os intendentos não tiravam e, evidentemente, os médicos também, como continuam a não tirar. Então, digamos, era um quadro auxiliar na Marinha. E o Aragão entrou para esse quadro. Quando se deu maior importância ao Corpo de Fuzileiros Navais, o Aragão já era dos oficiais mais antigos do quadro, porque a Marinha permitiu que alguns oficiais que escolhessem ser oficiais-fuzileiros passassem para o quadro. Foram alguns, como na aviação naval quando houve o ministério. Então o Aragão era malvisto na Marinha, malvisto, e sobretudo porque era de origem humilde, meio mulato, de cor, e a Marinha tem um preconceito desgraçado! Mas ele cresceu politicamente, porque a Marinha não fazia política e o Aragão fazia: fazia com os fuzileiros a política do governo, política do Getúlio, a política do Jango, sobretudo a do Jango. O auge dele foi no período do Jango, em que chegou a comandante do Corpo de Fuzileiros Navais. Chegou porque era o mais antigo dos oficiais do Corpo de Fuzileiros. E tinha força, promovia a almirantes... Ele não usava de discricção: passava por cima dos ministros da Marinha e ia diretamente ao Jango, influía na promoção de almirantes... Assim foi fazendo a sua... Aqui para nós, você sabe, esse pessoal é muito sem-vergonha mesmo - *mutatis mutandis*, é o caso do Gregório. Então o Aragão tinha força na Marinha, mas era malvisto, sobretudo o pessoal da oposição mesmo o tinha como... E, aqui para nós, eu não quero fazer acusações de corrupção, mas ele era um homem rico, um homem bem. Depois coitado, perdeu tudo, porque esses anos todos no exílio... Então diziam que roubava nos Fuzileiros, mas todo mundo roubava, não era só ele. Também não vamos... Em suma, ele não tinha prestígio, mas tinha prestígio político, porque comparecia às reuniões políticas. O homem da Marinha era o Aragão. O ministro, o Sílvio Mota, ou mesmo antes, no tempo do Juscelino, aqueles homens de Marinha não eram políticos, não eram, e não faziam política. O Aragão fazia política descaradamente! Nós também fazíamos política, mas discretamente. Então ele tinha força política junto às esquerdas, junto a essa coisa toda. Esse é o quadro do Aragão. Agora, nos prejudicou muito, a meu ver, num balanço, e até me comprometeu. Mas em todo o caso, como estamos na hora de dizer as coisas mesmo... Eu era muito amigo do Aragão, porque ele me procurava muito e tal, me convidava para uns almoços que dava no Corpo de Fuzileiros, muito bem-servidos, com uísque escocês etc... Ele gostava muito de jogar e eu também - hoje nem jogo mais. Então tinha uns clandestinos, onde havia roleta e tal, e ele me dizia: "Vamos lá." Íamos no carro, uma beleza... não podíamos ser presos, então eu ia tranquilo. Chegávamos lá e o Aragão jogava e tal. Não sei se perdia, devia perder, porque todo mundo perde no jogo, eu sempre perdi. O fato é que depois de 64 ele foi preso, não no navio em que eu estava, foi para a fortaleza de Laje. E o encarregado do inquérito na Marinha fazia o inquérito no navio em que nós estávamos, porque reunia a maioria dos presos, então ele ia para lá de manhã. Um dia o Aragão apareceu lá no navio para depor e ficou isolado no convés - isolado até um certo ponto, porque nós, os outros presos... Ele me fez um sinal, eu me aproximei, e ele disse: "Olhe, Teixeira, eu queria avisar a você o seguinte: eles estão me chateando muito nesse IPM com negócio de dinheiro, e eu disse que ganhei o dinheiro com que comprei não sei o quê no jogo, e que você estava comigo." Eu, aqui para nós, fiquei com uma cara! Pensei: "Mas, puxa, eu já estou numa banana desgraçada, e ele ainda me bota nisso!" Mas na hora, com pena dele, eu disse: "Não tem problema nenhum, eu confirmo que você é um homem de sorte." Quer dizer, leviandade, não é? Não sabia se defender das coisas de que o acusavam e me meteu nisso. Esse é mais um dado a respeito do Aragão. Mas eu me dava muito com ele. Depois exilou-se - acho que erradamente, porque eu fiquei aqui e não morri, estou vivo - e, quando houve a anistia, em fins de 79, 80, ele voltou para o Brasil. E voltou, como sempre, com umas posições politicamente muito equivocadas, radicais, de vez em quando me mandava um manifesto. E deu tudo errado: ele voltou com a anistia, mas como tinha um processo pendente no Superior Tribunal Militar, foi preso. Foi preso naquele quartel da Polícia Militar da Frei Caneca. Eu, que já estava anistiado, pensei: "Bom, vou visitar o Aragão." Que diabo, era uma covardia! E fui visitar. Eu acho que ninguém o procurou, porque ele ficou tão satisfeito com a

minha presença, com aquele ato de solidariedade... São dessas coisas que a gente faz e fica na dúvida, mas depois até acha que foi muito bem-feito. Porque afinal era um amigo que estava numa dificuldade e fui visitá-lo. Ele até me apresentou à mulher, uma mocinha com quem tinha casado, uma chilena - ele agora está fora de atividade, não faz mais nada, porque essa mulher não deixa; não sai de casa para visitas porque ela não quer a presença e tal...

L.H. - Essa coisa do prestígio do Aragão perante o Jango... Certa vez eu ouvi de um político uma coisa muito interessante: que era um mal dos políticos gaúchos viverem sempre mal-cercados com exceção do Getúlio, a quem as pessoas até achavam um pouco mineiro. E me deu como exemplo o Flores da Cunha, o próprio Osvaldo Aranha, o Jango e o Brizola, sendo que o Jango, vivia pessimamente cercado.

F.T. - E é verdade. Porque o Juscelino, por exemplo, tinha uma corriola, uma copa e cozinha, vamos dizer assim, daqueles oficiais da polícia de Minas. Não sei se chegou a conhecer, eram uns três ou quatro a quem ele deu cartórios, mas eram homens que vinham com ele; o Juscelino foi médico da polícia de Minas, então fez relações com esse pessoal. Eu até me dava com a maioria deles, mas não eram do mesmo tipo de gente, por exemplo, que os gaúchos, ou aqueles que cercam os gaúchos, que se aproveitam, fazem... Aqueles eram muito... - como se diz? - escravos do Juscelino, homens que faziam aqueles serviços mais domésticos mesmo de acompanhar numa coisa, de ir numa farra... Já esses do Jango, não. Por exemplo, o Aragão: ele tinha força junto ao Jango. Ah, não tenha dúvida, tinha força. O Jango ouvia o Aragão, eu tenho essa impressão.

L.H. - O Juscelino passou a imagem de um sujeito até bonachão, simpático, dançava, tirava sapato nos jantares, mas mantinha a dignidade do cargo, e o Jango parece que estimulava um pouco esse tipo de relacionamento, de as pessoas o chamarem de você o tempo todo...

F.T. - É verdade. Com o Juscelino não tinha isso.

L.H. - Nem com o Jânio, não é?

F.T. - Por isso é que eu digo: esse pessoal podia chamar o Juscelino de você lá no quarto, mas na aparência eram humildes oficiais-de-gabinete, e muito funcionais. O Juscelino tinha amigos no Exército, mas de tratamento normal. O Jango, não tinha assim um amigo no Exército que... O Aragão era mais íntimo, sei lá, mas não era boa... Ele nos atrapalhou muito, porque se dizia um homem de esquerda, mas não tinha nenhuma visão política do quadro, estava muito longe de ter a menor idéia do que fosse aquilo. E suas posições no exílio foram muito falsas, muito equivocadas. É verdade que poucos acertaram no exílio, mesmo o próprio Arrais custou a entender que a saída para o problema do Brasil era essa que nós estamos encaminhando, e não golpes e revoluções.

L.H. - Se bem que o Arrais ainda permaneceu um pouco numa postura terceiro-mundista, uma coisa, assim, já meio ultrapassada também.

F.T. - Meio ultrapassada e radical com relação ao Brasil, com relação ao processo brasileiro. Várias vezes me chegaram às mãos documentos do Arrais ruins, ruins! Depois ele melhorou, no fim ele melhorou muito. Não sei se isto coincidiu com o fato de que ele fez uns bons negócios no exterior e ficou financeiramente melhor, mas os contatos com os exilados, com as pessoas que iam encontrá-lo, já

estava melhor quando voltou, já estava melhor. Quando voltou, já estava melhor. Apesar de que, quando ele voltou...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Quando ele voltou, foi para Pernambuco, e eu tive um encontro com um tio dele oficial do Exército - era tio dele, porém, mais moço que ele -, que queria marcar um encontro entre nós, e o Arrais, me pareceu golpista, ouviu? Aqui, já depois do exílio. Achava que a coisa no Brasil estava muito complicada, e estava disposto a construir um bloco, um grupamento no Brasil para não se repetir o que havia ocorrido em 64, que ele teve que se exilar. E ele queria lutar aqui, era um negócio de luta, de golpe e tal. Nós discordamos daquilo e dissemos ao rapaz: "Olhe, nós não estamos nessa linha; estamos achando que a linha é de luta pacífica, de construção da democracia dentro desse quadro que está se apresentando, uma luta de massas, uma luta política. Fora disso, não há saída hoje no Brasil." Aí o rapaz foi para Pernambuco e voltou com o Arrais, que teve uma conversa com uns quatro ou cinco, entre os quais estava o Donato, que aliás era amigo dele, porque tinha servido em Pernambuco. Não sei se o rapaz conversou com o Arrais em Pernambuco, mas ele veio mudado; já estava um político, não colocou mais o problema de luta armada. Porque o problema dele era a luta armada. Hoje eu não sei, até li no jornal que ele apresentou o Olavo Setúbal como candidato ideal à presidência da República... [risos]

L.H. - E o Brizola, brigadeiro? Como é que se montou naquele período o controle do Brizola sobre uma parte da esquerda?

F.T. - Montou-se principalmente porque ele teve um papel preponderante na posse do Jango, quando da renúncia do Jânio. Nós todos nos enchemos de admiração por ele, porque soube não só levantar o problema e transformá-lo num problema nacional através dos meios de que dispunha na rede de rádio, aquela coisa, como por uma certa firmeza de posições. Eu mesmo não conhecia o Brizola e, até pelo contrário, não tinha uma grande impressão dele. Mas depois que o Jango tomou posse, fui a Porto Alegre para conversar com ele, tivemos um encontro lá, e fiquei com uma boa impressão dele, achei-o um homem disposto, convencido de que havia um grande caminho para trilharmos juntos, no governo Jango, de ações políticas etc.. E ele veio para o Rio, elegeu-se deputado aqui com uma votação espetacular e ganhou prestígio entre nós. Mas rapidamente fomos sentindo que seu problema era um problema caudilhesco e de uma luta desabalada contra o Jango. Porque a partir de um certo momento, o Jango passou a ser o inimigo, o inimigo era o Jango.

L.H. - Agora, Brizola não renunciou ao governo do Rio Grande para se candidatar a deputado no Rio, porque não precisava: quando saía candidato por um outro estado, não precisava se desincompatibilizar. E me disseram que ele veio muito pouco ao Rio durante a campanha. Quem, então, fez a campanha dele para deputado?

F.T. - Você sabe, no Rio, o nome é uma grande coisa. E o Brizola criou muito nome naquela luta pela posse do Jango. Deve ter sido isso. Acho que não houve mais nenhum... Não me lembro se houve algum grupo... Mas ele veio algumas vezes aqui. Não, não, realmente veio pouco, porque ainda era governador do Rio Grande do Sul.

L.H. - Ainda era governador, e estava presidindo as eleições lá.

F.T. - Mas ele se candidatou pelo PTB e o PTB tinha força aqui no Rio, tinha força o PTB e a UDN.

L.H. - E como ele montou esse poder, com o Grupo dos 11 e essa facção da esquerda que ficou...?

F.T. - Mas eu acho que era um pseudo poder, acho que aquilo era falso. Porque o Grupo dos 11 era evidentemente uma coisa golpista, para não dizermos subversiva, e ele montou às escâncaras. Mas havia muita esperança no Brizola. Porque ele é um homem, vamos dizer, com certos atrativos políticos, tem aquela linguagem, e a pessoa se ilude com ele. Eu nunca me iludi, nunca me iludi! Sempre o achei errado politicamente, e um caudilho! E depois, que diabo! Tem que haver um mínimo de ideologia no que você se propõe a fazer, ou um programa senão... Ele não tinha. O programa dele era muito parecido com o do Lacerda: honestidade, aqueles conceitos éticos muito... Era uma coisa! Era fraco! O Brizola, eu achava muito fraco. Depois que fomos derrotados em 64, naquelas tentativas posteriores de unir qualquer coisa para reagir, tentativas inicialmente até um tanto conspirativas, como oportunamente vou narrar, e depois com a Frente Ampla, o comportamento do Brizola foi lamentável.

L.H. - A Frente Ampla foi um horror, não?

F.T. - Ele foi um horror na Frente Ampla, um horror, e na tentativa anterior, vamos dizer assim, na conspiração com o Ladário Teles que se armou logo depois de 64, ainda na esperança de poder aglutinar a área militar para uma reação, ele foi lamentável, lamentável! Sempre atrapalhando, e sempre colocando a rivalidade com o Jango para resolver os problemas políticos.

L.H. - Mas ele tinha penetração na área sindical, por exemplo?

F.T. - Eu não creio, o Partido Comunista Brasileiro não tinha boas relações com ele.

L.H. - Nunca teve, não é?

F.T. - Nunca teve. Inclusive quando o Brizola se elegeu governador do Rio Grande ele repudiou o voto dos comunistas publicamente, disse que não queria.

L.H. - Sim, e aliou-se com os integralistas.

F.T. - Exatamente. Ele achava que os integralistas dariam mais votos que os comunistas. E apesar disso, os comunistas votaram nele. Não tinham em quem votar... É o caso da sua pergunta, se eu votaria no Jango: se não tivesse em quem votar, votaria, senão preferiria outro.

L.H. - A opção lá era entre o Brizola e o Peracchi Barcelos, então ficava duro.

F.T. - Aí não dava.

L.H. - Agora, o senhor acha que ele cresceu um pouco no vácuo das lideranças petebistas? Porque o PTB perdeu o Salgado, que seria uma grande liderança nacional, depois perdeu o Pasqualini, e realmente ficou uma coisa muito dependente do chefe, do grande chefe, fosse o Getúlio ou fosse o Jango.

F.T. - Daí o Brizola sempre se voltar politicamente contra o Jango, porque era o seu rival no domínio do PTB. Depois, no seu processo de atuação política, ele foi desprezando o PTB - não sei se você observou isso - ou desprezando o Congresso. Ele era pela ditadura, era abertamente pela ditadura! Tinha um desprezo total pelo Congresso, dizia que era um clube, só se tomava cafezinho e não se resolvia nada. Desprestigiava o Congresso, compreendeu? Mas o certo era que ele não tinha força na área militar. Na nossa área ele não tinha penetração. E vou dizer mais: não que o Jango tivesse, mas tinha mais do que ele. Havia mais equilíbrio, mais possibilidade de um entendimento político com o Jango do que com o Brizola, porque ele era ele, e o Jango tinha mais habilidade. O Brizola também não tinha penetração na área sindical, não acredito. Ele era um populista mesmo, isto sim: tinha força no *lumpen* - era onde ele ia buscar a sua força -, que era a quem ele se dirigia com aqueles problemas, aquelas agressões à situação, inclusive ao Jango. Agora, o fenômeno Brizola em 82, a eleição em novembro de 82, já foi diferente. Primeiro, pela maneira errada como se conduziram os homens que lhes eram de oposição, como foi o nosso Miro. Porque o Brizola concorreu contra a Sandra Cavalcanti e contra o Moreira Franco, porque o PT era muito fraco, e o nosso Lisâneas Maciel também muito fraco. Como ele já era um nome, já tinha tido boa votação aqui, dominou.

L.H. - Mas com um tipo de apelo muito parecido, porque o apelo dele em 82 também foi direto ao *lumpen*.

F.T. - Ao *lumpen*. Tanto que outro dia o Aluísio me disse - e eu achei que, no fundo, ele tinha razão -, que o Brizola está se desgastando muito, mais na classe média; no meio do lumpesinato ainda não se desgastou. Agora talvez já tenha se desgastado; com negócio de Pavãozinho e essa coisa toda, começou a haver o desgaste. Mas o Brizola tem uma habilidade de ir queimando os auxiliares para se defender da coisa, então...

L.H. - Vai soltando lastro?

F.T. - Vai soltando lastro. Primeiro foi o Jamil Haddad, daqui a pouco vai ser o Marcelo Alencar; na medida em que não se resolve o problema dos mendigos, ele vai queimar o Marcelo, vai deixá-lo se queimar. Ele tem essa habilidade.

Mas voltando à pergunta inicial, força no meio sindical, não acredito que ele tivesse; força no meio militar, não tinha, não tinha. Eu me lembro que ele cansou de fazer reuniões, e usava muito a casa do Santos Vahlis, na esquina da Paula Freitas. Uma vez ele reuniu lá a mim, o Aragão, o Oromar Osório e outros generais do Exército, o Cunha Melo, uma meia-dúzia do Exército, para nos propor uma conspiração. Mas ele propunha abertamente: derrubada do governo do Jango. É claro que ninguém aceitava, nem o Aragão. Nem o Aragão aceitava! Ele tinha força com o Aragão, com o Aragão ele tinha força.

L.H. - Tanto que ele torpedeou o tempo todo as tentativas do Jango de alguma estabilização, de encontrar saídas.

F.T. - Exato, de encontrar caminhos, saídas para se estabilizar. Ele torpedeou todos.

L.H. - A própria situação dele com o San Tiago, não?

F.T. - Exatamente. Não, ele era... Agora, tinha força no meio do *lúmpen*, porque tinha um nome, um nome de lutador, de homem que brigou no Sul, que encampou a ITT, não sei o quê, o que dava um certo... Mas nem nacionalista ele era. Era só de fachada, não tinha nenhuma... Talvez eu nunca tivesse simpatizado com a figura política do Brizola desde que o conheci, a não ser aquela primeira impressão, como eu disse, de quando ele era governador do Rio Grande. Talvez por isso eu o analise sob um ângulo muito severo, mas na minha opinião ele não tinha força, não tinha.

[FINAL DA FITA 15-B]

8ª Entrevista: 03.02.1984

L.H. - Eu gostaria de retomar nossa conversa a respeito do dispositivo do Jango. Nós já vimos que esse dispositivo na verdade não existia. O que comporia, então, esse dispositivo militar?

F.T. - Na minha opinião, esse dispositivo não existia, pelo menos sob o ponto de vista de uma coisa coordenada, comandada. Para provar isso, nunca o Assis Brasil e o Jango tiveram uma conversa comigo à respeito do dispositivo ou de como agir na hipótese de um movimento. Agora, eles deveriam se basear, fundamentalmente nos quatro exércitos; mas dos quatro, o único que tinha realmente um comando - não só do Exército, como da tropa aqui sediada - era o I Exército, o do Rio de Janeiro, através do Oromar Osório na Vila Militar. O Oromar Osório era um homem que já tinha participado na posse do Jango no Rio Grande do Sul, era um homem do nosso lado, vamos dizer assim. O Âncora também era um homem com lealdade, mas no IV Exército havia o Justino, que era um homem de muito pouca confiança, em quem ninguém acreditava.

L.H. Engraçado, nenhum dos dois lados, parece que o lado revolucionário também não tinha muita confiança no Justino.

F.T. - Não tinha nenhuma, e ele custou muito a aderir ao 1º de abril. Em São Paulo havia o Krueel, aliás colocado em São Paulo porque o Jair... A meu ver, o homem do dispositivo militar deveria ser o ministro da Guerra, e o Jair jogava muito com esse problema: ele queria fazer os quatro comandos do Exército, botar homens dele. Quando o Peri brigou com o Jango, por motivo daquelas greves em São Paulo, porque sua posição antigreve se chocava com a política do Jango, que era sindicalista etc., e saiu do II Exército, o Jair queria colocar lá um outro general. Mas o Assis Brasil, a quem não faltava malícia política, disse ao Jango: "Não, vamos botar o Krueel." Porque o Krueel era inimigo do Jair; podia não ser amigo do Jango - já não era mais, porque romperam quando ele deixou o ministério -, mas era inimigo do Jair. Então o Jango botou o Krueel, mas o Krueel não era um homem de confiança, não podia compor um dispositivo militar.

L.H. - E num lugar tão estrategicamente importante como São Paulo.

F.T. - Tão importante como São Paulo, que foi a alma da coisa. E no Rio Grande havia o Galhardo, um general de muito pouca expressão, a quem o Jair tinha na mão. Então o Jair teria o Âncora, que era homem seu, teria o de São Paulo, que ele colocaria - não me recordo o nome do seu candidato -, e o Justino ele deixava para lá. Mas ninguém confiava no Justino, nem eles, nem nós.

L.H. - E na área da Marinha? O Distrito Naval teoricamente participaria desse dispositivo, uma vez que era força no Rio?

F.T. - Era força no Rio, mas na área da Marinha, compunham o dispositivo apenas os Fuzileiros Navais, com o Aragão; o resto do navio não participava diretamente nessa coisa, como na própria Aeronáutica apenas... O negócio era o Exército, realmente. Então da Marinha havia o Aragão, com uma força terrestre até de certa importância aqui no Rio, porque era um efetivo de mais de dez ou 15 mil homens, uma boa tropa, tropa muito boa. O Aragão então cumpria esse dispositivo. Eu hoje estou um pouco convencido de que o Aragão não tinha aquela tropa na mão, que ele fazia uma bazófia, jogava muito com aquilo, mas não tinha. Em todo caso, não se comprovou nem que tinha, nem que não tinha, porque ele não chegou a agir.

L.H. - Mas ele era fiel ao Jango?

F.T. - Era fiel ao Jango. E muito hostilizado na Marinha, o Aragão.

L.H. - A situação do Âncora era meio confusa porque o senhor mesmo me contou que uma vez, em que ele supostamente mandaria uma tropa não sei se para a Guanabara, alguma coisa assim, ele refugou.

F.T. - Não mandou. Eu tive uma boa impressão do Âncora quando estourou o problema dos marinheiros, que foram para o Sindicato dos Metalúrgicos e houve aquela rebelião. O Jango estava fora do Rio, tinha ido passar a Semana Santa em São Borja, na terra dele. Ele foi na terça-feira e o negócio estourou na quarta, na terça para quarta de madrugada. O Assis também não estava, mas o gabinete militar se reuniu no Palácio Laranjeiras; foi o ministro da Marinha, o Sílvio Mota, acho que o chefe da esquadra, que era o almirante César de Andrade, em suma, dois almirantes, o Âncora, o ministro da Aeronáutica, que era o Botelho, e eu. Nós nos reunimos para comunicar ao Jango para tomar aquelas providências, e o Âncora portou-se muito bem. Os dois oficiais de Marinha, o ministro e o almirante, estavam desesperados e queriam a força que o Exército invadisse o Sindicato dos Metalúrgicos, tirasse os marinheiros de lá à força e os levasse presos para os navios, ou para o Exército e tal. E o Âncora, muito tranqüilo - até, aqui para nós, gozando um pouco o almirante - disse: "Não, almirante, não se deve fazer isso. O senhor sabe, esse negócio de rebelião de marinheiros é uma coisa que acontece até na Marinha inglesa," - tinha acontecido uma rebelião um ano antes - "que é tradicional." Em suma, acalmou a coisa, conteve os dois almirantes nesse desejo de violência e tal, até que o Jango chegasse e resolvesse. Então para mostrar a você que a Marinha era toda... O Âncora, nesse ponto, foi muito bom, muito correto, não aceitou aquilo, mas aceitou depois a solução que o Jango deu, que foi a de os marinheiros irem teoricamente para um quartel, para ficarem presos, e o novo ministro, que já tinha assumido - Jango chegou parece que na quinta-feira -, os anistiará, como realmente anistiou. Então o Âncora portou-se bem aí. O Âncora, durante o 64, apesar de ser um homem doente, de sofrer de asma, procurou entendimento com São Paulo e tal, mas não atuou, não atuou.

L.H. - Era muita gente doente, o senhor não acha?

F.T. - Muita gente doente. O Jair, doente, na época, o seu substituto, que era o chefe-de-gabinete, o Genaro Bontempo, não tomou uma medida!

L.H. - Esquisito, não acha?

F.T. - Esquisito, esquisito. Uma paralisia geral.

L.H. - Baixou uma doença esquisita nas pessoas.

F.T. - Eu liguei pessoalmente para o Palácio Laranjeiras no dia 31 e não consegui falar com o Assis, mas falei com o Jurema, que era o ministro da Justiça: "Jurema, diga a esse pessoal daí para mandar uma tropa ou uma companhia, a Polícia do Exército, a PE, ou os marinheiros do Aragão - minha não pode ser, porque eu não tenho tropa - atacar o Palácio Guanabara e acabar com isso. Se nós tomarmos uma medida ofensiva, essa revolução acaba." Não tomaram nenhuma. Então havia uma apatia geral do lado de cá, compreendeu? Eu entrei também em ligação com o I Exército para saber se eles queriam alguma missão aérea contra a tropa do Mourão, que já nessa altura se deslocava para o Rio e nem uma medida: "Não precisa, até logo." Na tarde do dia 1º., eles disseram: "Prepare uns aviões e tal, vamos ver se fazemos alguma coisa." "Está bom, vamos preparar." Meia-hora depois desfez-se a ordem: "Não, deixe para lá." Quer dizer, nenhuma medida. Então se vê que não havia dispositivo militar.

L.H. - Pois é. E o Cunha Melo chegou a sair com a tropa?

F.T. - O Cunha Melo chegou a sair com a tropa. Eu gosto muito do Cunha Melo, sou seu amigo pessoal, era um homem do nosso lado em todas as campanhas político-militares, sempre participou, mas no caso ele agiu mal, ouviu? Ele chegou a se deslocar com a tropa para o rio Paraíba, para a margem do rio Paraíba, mas errou, porque ele tinha um batalhão de Petrópolis que era comandado pelo Kerensky, um coronel muito nosso...

L.H. - Que nome, hein!

F.T. - É , com esse nome Kerensky. [risos] É irmão do Jeová Mota. Os nomes da família são assim: Kerensky, Jeová... O Kerensky comandava essa unidade de Petrópolis que fazia parte do destacamento que ia se deslocar em direção às tropas comandadas pelo Mourão. E o 1º. regimento da Vila Militar, que era comandado por um sujeito muito suspeito - era do lado de lá - também se deslocou. O Cunha Melo tinha uma boa tropa de engenharia, tinha uma tropa de artilharia, uma companhia não sei de quê - eu não sou muito versado nessas coisas -, e chegou no local combinado. Mas quando ele chegou, esse comandante do 1º. Regimento já tinha passado. Eu até o conhecia muito, mas não me lembro seu nome. Era um coronel do Exército - aliás, não teve futuro na revolução - muito amigo do Denis, e o Denis já estava em Juiz de Fora. Ele se entendeu antes com o Denis, chegou no local marcado e passou direto. Quando o Cunha Melo chegou, ele já tinha passado. O Cunha Melo então dissolveu o destacamento, voltou para o Rio, ligou para o Assis Brasil e disse: "Não tenho nada a fazer, está tudo..." E não fez nada. Eu achei aquilo errado! Ele não tinha que combater o Mourão, tinha que combater o Lacerda aqui para depois ir enfrentar o Mourão, porque assim ninguém aderiria no Exército. Nessa altura a maioria estava em cima do muro compreendeu? Em cima do muro! Um outro aspecto do movimento de 64 é esse. Nós tínhamos conhecimento de uma conspiração que se lavrava por aí, nesses apartamentos, mas tínhamos certeza que seria muito difícil a decisão de botar tropa na rua para brigar, porque eles tinham medo do dispositivo militar do Assis Brasil.

L.H. - Que não existia.

F.T. - Que não existia. Tanto que quem fez, pelo menos iniciou 64, o autor, foi o Mourão.

L.H. - Que era o único dessas lideranças militares do movimento que tinha tropa.

F.T. - O único que tinha tropa, e no qual as lideranças revolucionárias que conspiravam não tinham a menor confiança. Isso, aliás, está dito no livro do Mourão. Dito por ele mesmo que ninguém confiava nele! Ele botou a tropa na rua com extrema dificuldade, porque a maioria se negava a fazer aquilo, uma vez que não tinha confiança no comando. Afinal marchou para o Rio e ganhou a revolução. Para se ver que não havia... o próprio Castelo Branco... Tempos depois, quando eu me tornei mais íntimo do Lacerda, com o negócio da Frente Ampla etc., ele me contou que estava no Palácio Guanabara na noite no dia 31, quando recebeu um telefonema do Castelo Branco, chefe do Estado-Maior do Exército e futuro primeiro presidente da revolução, e que o Castelo lhe disse o seguinte: "Olhe, governador, eu estou telefonando para lhe aconselhar a fugir. A revolução, isso que houve aí, foi uma precipitação. Nós estamos perdidos, não há nenhuma chance de vitória, e o senhor é um homem que precisamos vivo. Se ficar aí, vai ter que se defender e pode ser morto." Diz o Lacerda que perguntou: "Mas, general, isso é uma opinião sua ou de um grupo?" "Não, é a minha opinião, e estou lhe dando esse telefonema porque não tenho um ordenança para lhe mandar uma carta. Estou isolado aqui no quartel-general do Exército." O Lacerda disse: "Está bem, vou discutir." E discutiu com o Eduardo Gomes, com aqueles militares que estavam lá no Palácio Guanabara, resolveram continuar lá e ganharam.

Acreditávamos que surgiria um louco como o Mourão ou o Guedes... Não eram tão loucos assim, porque o Magalhães Pinto não era louco e entrou, já estava escorado pela "operação *Brother Sam*."

L.H. - Exatamente. Se fosse só o Mourão, talvez o Magalhães não entrasse.

F.T. - Não entraria, como o Krueel não entraria. Quando na madrugada de 31 para 1º. o Cordeiro foi a São Paulo convencer o Ademar e o Krueel a entrarem, o trunfo que colocou deve ter sido esse. Aliás, me disseram outro dia que o coronel-aviador - que eu não sei o nome, e a pessoa que contou não se lembrava - que transportou o Cordeiro de Belo Horizonte para São Paulo naquela noite, contou que conversou com ele e disse: "Mas, general isso vai acabar virando aquela posse do Jango. Todo mundo vai ficar do lado do governo, e os senhores..." E o Cordeiro teria respondido: "Não, desta vez a coisa mudou, porque nós temos o apoio do americano. Ele contou que o Cordeiro disse claramente isso, o que deve ter tido uma influência muito grande no ânimo dos que se mexeram para fazer a revolução. Como não havia dispositivo militar, eles ganharam.

L.H. - Como era essa figura do Assis Brasil? Porque muitos militares contam que realmente a nomeação dele para chefe da Casa Militar foi quase que uma bofetada no Exército. Como era essa figura do Assis Brasil?

F.T. - O Assis Brasil tinha um irmão, Renato Assis Brasil, que foi um homem de 35, quer dizer, por aí já pairava uma suspeita contra ele. Suas atitudes não tinham nenhuma conotação ideológica, mas era um homem de esquerda, um homem nacionalista, um homem do nosso lado. Na posse do Jango ele servia no QG do III Exército, comandado pelo Machado Lopes, que tinha como chefe do estado maior o Murici. E ele, Assis, apoiado pelo nosso grupo em Porto Alegre, que era grande, fez um trabalho muito grande no sentido de influenciar o Machado Lopes para a posição legalista. É verdade que a

maioria dos generais do III Exército, na época - o Peri, o Oromar e mais uns dois outros -, já tinha aderido à idéia de dar posse. Mas o fato é que o Murici saiu de lá...

L.H. - E veio para o Rio.

F.T. - Veio para o Rio, exatamente. Então o Assis ganhou uma fama muito grande de coordenador, coisa que eu penso que não foi ele, foram os nossos amigos de lá, unidos etc - e ficou nessa posição. Era coronel, foi ser adido na Argentina, e quando vagou a chefia da Casa Militar, que o Albino foi para a Petrobrás, e o Jair assumiu o ministério, e Jango o designou para o cargo, porque ele também era gaúcho e já o conhecia lá do Rio Grande. Então o Assis tinha essa fama. Mas como chefe da Casa Militar ele se portou de uma maneira extremamente confusa, não coordenou coisa nenhuma: estava bem cercado da parte do Exército, mas mal cercado da parte da Aeronáutica, então não fez nada.

L.H. - O chefe da Casa Militar era também o secretário-geral do Conselho de Segurança Nacional, não era?

F.T. - Exatamente. Às vésperas do golpe, vamos dizer, uns dez dias antes do golpe, o Assis recebeu um relatório minucioso do Conselho de Segurança Nacional mostrando o grau de avanço da conspiração no Exército, na Marinha e na própria Aeronáutica, isso me foi contado por um oficial da Marinha, que era também do Conselho de Segurança, e foi um dos que levaram esse documento ao Assis Brasil. Ele passou a vista no documento e disse: "Mas isso aqui é um novo Plano Cohen!" E deixou para lá, não tomou uma providência, e não só não tomou conhecimento, como não deu conhecimento a nós, da Aeronáutica. Eu não entendi o Assis. Talvez ele tivesse... Ele estava numa fase ruim, a mulher estava doente - ela era muito perturbada, deu para beber e tinha aqueles períodos de euforia e de depressão -, então ele devia estar atravessando um mau momento. Mas o fato é que ele não...

L.H. - Quer dizer, do ponto de vista de intermediários entre o Jango e os diversos segmentos da sociedade, que seriam o chefe da Casa Civil e o chefe da Casa Militar, o Jango estava muito mal cercado: o Darci era muito confuso.

F.T. - Muito confuso. Eu já contei que entre o comício do dia 13 de março e a queda, o Assis me chamou no apartamento dele aqui na avenida Atlântica, onde estavam também o Darci e uns dois ou três oficiais da Casa Militar, para pedir a minha opinião sobre o problema de uma manifestação de sargentos ao Jango, e eu manifestei uma opinião contrária: "Acho que a manifestação não é indicada nesse momento por uma razão muito simples: porque o Jango acabou de fazer esse comício do dia 13, que politicamente foi bom, porque o Arrais compareceu, o Brizola também, quer dizer, as lutas internas do nosso lado aparentemente foram solucionadas com esse comício."

L.H. - Pelo menos unificou.

F.T. - Unificou pelo menos aparentemente. "E depois, qual é a vantagem que há em o Jango receber uma manifestação dos sargentos? O que isso soma? A meu ver, não soma, diminui. Porque na área militar, nós, oficiais, vamos ter dificuldades em conter o repúdio dos militares a esse tipo de manifestação. Vocês não sabem o que é um militar, o oficial. Nós já temos dificuldades, porque eles são golpistas, estão conspirando, e vamos lhes dar um trunfo." O Darci virou-se e disse: "Não,

Teixeira, você está enganado, porque se nós não aceitarmos essa homenagem dos sargentos, o Brizola aceita, o Arrais aceita, e o Jango perde terreno." Eu disse: " Bom, sob esse aspecto, já não discuto nada." Para você ver o que era o Darci, o que era o Assis. E a manifestação dos sargentos acabou havendo, não mais como eles estavam planejando, no Palácio Laranjeiras, mas no Automóvel Clube, e foi o estopim para a queda do Jango, porque de resto ninguém conseguiu mais conter o estado de ânimo dos oficiais, que já estavam trabalhando pela idéia de que ia haver uma subversão, uma república sindicalista e não sei o quê comunista. Veio uma manifestação dos sargentos em que eles diziam barbaridades...

Outra coisa interessante que eu digo até em defesa do ministro da Aeronáutica: eu não fui à reunião do Automóvel clube, não tinha que ir, apesar de que, em reuniões do ponto de vista militar em que o militar é convidado e que o ministro vai, você é obrigado a ir. Mas eu falei com o ministro e não fui. Não me lembro por que não quis ir, mas não aceitava muito aquilo e não fui. Fiquei ouvindo pelo rádio, fui embora para casa. À meia-noite, uma hora da manhã, o ministro me telefonou dizendo: "Você ouviu o discurso?" E eu: "Ouvi." "O que você achou?" "Achei uma bomba!" "Pois é," - disse o ministro - "então você faça o seguinte: chame amanhã aquele sargento" - o sargento Selva, da Aeronáutica, que fez o discurso - "e prenda-o em meu nome, porque ele disse coisas indisciplinadas na minha frente." Eu disse: "Está bom." Era chato para mim prender o sargento, porque o Jango tinha assistido, não é? Mas quando foi no dia seguinte estourou a revolução, e eu então liguei para o ministro, que disse: "Agora, não prenda mais ninguém."

L.H. - O interessante é que, mesmo que o ministro estivesse de acordo, enfim, e até presente naquela situação, a hierarquia na hora falaria mais alto, não?

F.T. - Falou mais alto e ele puniu o sargento - e estava certo -, para mostrar que havia uma preocupação muito grande em não quebrar a disciplina. Nós não concorriamos para isso, pelo contrário, exigíamos que fosse íntegra a disciplina, que houvesse o respeito à hierarquia. E o ministro achou que o sargento não só quebrou a disciplina com os termos que usou, como desrespeitou hierarquicamente. Então mandou prendê-lo. Isso é uma coisa que ninguém sabe, porque acabou no dia seguinte.

L.H. - E isso é muito interessante, porque um desses militares de 64 me disse o seguinte sobre essa idéia já mais ou menos consagrada de que os generais de 64 foram os "tenentes" de 22: que em 22 eles fizeram a revolução com os "tenentes"; em 30 eles fizeram a revolução com os "tenentes", e todos viram o perigo que isso representava, e que então, em 64, fizeram a revolução com os sargentos e coronéis, mas muito preocupados com esse problema da hierarquia.

F.T. - Exato. Mas eu não acredito que a preocupação fosse apenas com o problema da hierarquia e da disciplina. Porque o que predominava na cabeça dos mentores dos golpes - Góis Monteiro, Dutra, Cordeiro de Farias - era essa tese, que hoje nós colocamos para discussão, de que, justiça seja feita, o Exército, as forças armadas tinham que ser eficientes, profissionais, capazes de cumprir com os seus deveres; segundo, que elas não faziam política, eles, sim, era que faziam. Há até essa frase do Góis Monteiro, de que "não se pode fazer política no Exército; tem que se fazer a política do Exército." Então eles, que em 22 se rebelaram contra a hierarquia da época, queriam agora uma obediência cega à hierarquia. Então exigiam muito a disciplina, o respeito à hierarquia, para poder falar em nome da instituição. E fizeram isso em 37, porque o golpe de 37 foi um golpe que o Exército impôs ao Getúlio que...

L.H. - Docemente constrangido, como se diz.

F.T. - Docemente constrangido, achou ótimo, aceitou. Então fizeram 37. Em 45 se livraram do Getúlio, porque não era mais possível mantê-lo, mas começaram a preparar o 64. Fizeram o 64, e estão até hoje lá. Então eu digo, voltando à tese, que eles realmente eram muito ciosos da disciplina e da hierarquia de todas as maneiras, inclusive contra a opinião. Não era possível um Exército que opinasse - para eles isso era impossível. E o golpe foi feito para acabar com a idéia de que... O Edgar, agora, com esses oficiais da PM: eles se reúnem num Clube e vão dar as suas opiniões. Ganham pouco, ganham pouco realmente. Se nós achamos que as forças armadas ganham pouco, imagine a Polícia Militar, que ganha menos ainda! Ganham pouco, mas não podem quebrar... Com o Chagas, aquele movimento já foi mais sério do ponto de vista de que eles cercaram o palácio e se opuseram ao Chagas. Agora, não. Pelo que me consta, eles se reuniram no Clube para trocar idéias, organizar uma tabela, sugerir, e não vejo quebra de disciplina nisso.

Mas, então, nos preparativos de 64, eles eram muito ciosos da disciplina, da hierarquia militar e nos acusavam de quebrá-la. E eu cito muito esse exemplo do ministro da Aeronáutica mandando prender o sargento, para mostrar que ele estava preocupado com esse aspecto do problema. Doesse a quem doesse, prejudicasse até o nosso lado.

L.H. - E o Jango nisso tudo, brigadeiro?

F.T. - Eu já contei a você que o Jango... No dia 31 e no dia 1º, na III Zona Aérea, que eu comandava, isto é, nas organizações militares da Aeronáutica aqui no Estado do Rio, nós não tivemos nenhum ato de indisciplina. Não houve uma quebra de disciplina! Constava que eles iam atacar a III Zona, e o Clube da Aeronáutica era vizinho da sede da III Zona, ali no Calabouço, e não tomamos nenhuma medida! Ah, houve uma, mas do grupo do Lacerda, do Borges: eles jogaram uma bomba na porta do Ministério da Aeronáutica. Chegaram de automóvel, jogaram e foram embora. Mas da tropa sob meu comando... A não ser o destacamento de Belo Horizonte, que evidentemente aderiu ao Magalhães, porque estava lá, e participou daquilo - tinha muito pouca tropa, uns aviõezinhos e tal, mas era subordinado a mim.

L.H. - A III Zona?

F.T. - A III Zona. Aliás, o comandante, tenente-coronel Aguiar, me comunicou; ao meio-dia ou duas horas do dia 31 - não me lembro exatamente a hora -, dizendo: "Olhe, brigadeiro, estou telefonando" - muito leal a coisa - "para lhe comunicar que estourou uma revolução aqui em Minas e eu aderi." Eu digo: "Só posso dizer que, na minha opinião, você fez mal. Mas, em todo caso, me comunicou, seja muito feliz." No mais, não houve um ato de indisciplina. Na base de Santa Cruz, na base do Galeão, em nenhum lugar houve um ato de manifestação de grupo pela derrubada do governo.

L.H. - Diga-me uma coisa, brigadeiro: o senhor contou agora que falou no telefone com esse comandante. Já outras pessoas me disseram que o Alkmin telefonou de Minas para avisar, mais ou menos em código - aquelas coisas do Alkmin -, que a revolução estava à caminho. Nenhum desses revolucionários pensou em tomar a central telefônica, coisa que se faz em qualquer revolução ridícula?

F.T. - Nenhum, nenhum.

L.H. - Quer dizer, falou-se abertamente ao telefone nesses dias?

F.T. - Eu não posso assegurar a você a hora, mas nós tivemos... Eles se rebelaram de manhã cedo, o Guedes em Belo Horizonte, e o Mourão em Juiz de Fora. Quando, antes do almoço, esse rapaz me telefonou comunicando - coisa que eu já sabia - que tinha aderido, estava tudo normal, e assim continuou.

L.H. - A' noite o Castelo telefonou para o Lacerda dizendo uma coisa mais ou menos secreta. Agora, se ele confiava mais no telefone do que no ordenança...

F.T. - Ordenança, disse ele que não tinha, que estava completamente sozinho e não podia nem sair de lá. Mas é o que eu digo, o telefone estava funcionando, estava tudo normal. Aqui não houve nenhum ato de indisciplina. Você era muito moça na época, não se lembra, mas não houve nada. Nada, nada, nada, nada! No dia 1º., quando o Jango saiu de manhã cedo, seguii para Brasília, e de Brasília foi para o Rio Grande do Sul, o ministro da Aeronáutica deu a sua atuação ministerial como encerrada. Como ele residia no Galeão, me chamou, pediu para eu dar um pulo lá. Eu peguei um avião, fui lá, e ele então me disse: "Olhe, Teixeira, está acabado." E eu: "Mas, então, não há...?" "Não, não há mais reação nenhuma: o presidente foi para o Sul, de lá provavelmente ele vai para o exílio, e não falou nada conosco." Em suma, deu por encerrada sua atuação e disse: "Eu vou para São Paulo amanhã." - Ele era paulista, morava em São Paulo.

[FINAL DA FITA 16-A]

F.T. - E eu lhe disse: "Está bem, então vou voltar para a III Zona e dar por encerrado também." Aí fui para a base do Galeão - ele morava numa casa ao lado da base - e reuni aqueles oficiais que estavam presentes lá: estava o Rui Moreira Lima, que comandava Santa Cruz, o comandante da base do Galeão, vários oficiais, havia também alguns sargentos mais ligados àqueles oficiais. Aí surgiu a idéia de irmos para o Rio Grande: "É, porque aqui nós vamos ser massacrados..." Eu então aconselhei a não ir: " O problema é o seguinte: eu sei que nós vamos correr riscos aqui, porque vamos nos entregar à fúria desse pessoal. Agora, eu aconselho isso tranquilamente a vocês, porque evidentemente o mais visado de todos nós sou eu. Se eu me proponho a ficar, é porque estou certo de que não vai acontecer nada. Eu não quero me suicidar..." Em suma, aconselhei, e acabou prevalecendo a idéia de encerrarmos ali a nossa atividade de defesa de um governo que não queria mais resistir. Então eu liguei para a sede da III Zona, que era no Salgado Filho, chamei o chefe do estado-maior e disse: " Daqui eu vou direto para casa. Desfaça a prontidão, mande todo mundo para a casa, no regime normal, e vamos aguardar os acontecimentos." E assim fizemos, quer dizer, tudo com muita tranquilidade. Eu fui para casa, dormi tranquilo em casa. No dia seguinte, no dia 2, por conseguinte, eu pensei, pensei, e resolvi me apresentar, já sabendo que não era mais comandante da III Zona.

L.H. - Diga-me uma coisa, brigadeiro: o que é exatamente uma prontidão? O que significa ficar de prontidão?

F.T. - Ah, fica todo mundo no quartel, sem poder sair, e pronto para entrar em operação.

L.H. - Mas não era a hora de botar a tropa na rua, ao invés de segurar dentro do quartel?

F.T. - Mas, para a rua, contra quem? Não havia nenhuma hostilidade! Durante aqueles dois dias não houve um ato de hostilidade! Porque a guerra estava se processando lá no vale do Paraíba, com São Paulo aderindo, e o Mourão atravessando o Paraíba para vir para o Estado do Rio. Lá era que havia guerra, aqui não havia nenhuma!

L.H. - E aqueles rapazes do Lacerda, com o lenço azul, que ficavam nas esquinas, porque eu era menina, mas lembro que na esquina da minha casa tinha um rapaz de lenço azul e branco com uma metralhadora na mão.

F.T. - Esses atuavam, inclusive agrediam as famílias dos oficiais - como de fato ocorreu. No dia seguinte, dia 2, ocorreu um fato: quando fomos nos apresentar, eu chamei o chefe do estado-maior, que era o coronel Carlos Alberto Alvarez e disse: "Olhe, Alvarez, nós vamos nos apresentar ao ministro. Como ainda não sei quem é o ministro, vamos primeiro à III Zona e depois vamos nos apresentar." E fomos. Nos apresentamos à Zona, cujo comando o Dario Azambuja tinha assumido na madrugada. Ele nos recebeu muito bem e tal, e eu disse: "Está certo, você já é o comandante da Zona, nós vamos nos apresentar ao ministro. Quem é o ministro?" Ele disse: "É o Melo."

L.H. - O Melo Maluco?

F.T. - O Melo Maluco. Eu digo: "O'timo, meu velho chefe, meu ministro..." Então ele cedeu o automóvel, nós pegamos o carro e fomos ao ministério. O Melo até fez uma provocação comigo, porque eles não queriam nos prender pelo que não tínhamos feito, porque não tínhamos feito nada; queriam que nós os provocássemos para sermos presos.

L.H. - Porque teriam reagido a alguma coisa?

F.T. - Exatamente. Ele me recebeu: "Venha cá! Estou admirado! Todo mundo passou os comandos normalmente, e você fez onda com o Dario." Eu disse: "Você está mal-informado Melo, eu acabo de vir de um encontro com o Dario, soube que ele foi nomeado comandante da III Zona e não fiz mais do que aceitar a idéia." E ele não quis fazer nada. Aí voltamos para casa, mas antes passamos na III Zona para devolver o carro do Dario. Quando chegamos lá, o Alvarez recebeu um telefonema de sua residência: era a mulher dele. Os lacerdistas, esses do lenço azul, tinham invadido a casa dele e botado os meninos - parece que ele tinha quatro filhos de dez, doze anos - em forma, cantando o hino nacional. De metralhadora na mão! Uma cena!

L.H. - Uma violência gratuita.

F.T. - Gratuita, inteiramente gratuita! A mulher dele, então, muito nervosa, falou com ele. Foi mal ela ter falado, porque ele ficou desesperado! Era um pai muito amoroso, ficou danado e começou a reagir com o Dario. Eu disse: "Mas isso é um absurdo Dario! Que diabo! Nós aqui nos apresentando, e essa gente agredindo nossas famílias!" "Pois é, mas não temos nada com isso, absolutamente nada!" E ligou para o Melo: "Não tem problema, nós vamos dar uma garantia a vocês." "É, vocês têm que nos dar garantia mesmo." Aí o Dario propôs irmos ao Melo para reclamar. Lá fomos ao Melo outra vez - fomos o Alvarez, o Rui Moreira Lima, que eu me lembre, e eu, nós três. Chegamos lá, o Melo propôs o

seguinte: que nós, para garantia das nossas vidas, ficássemos presos. Eu aí percebi a coisa e disse: "Não, Melo, isso não. Primeiro de tudo, não é para nossas vidas que estamos pedindo garantias, é para as das nossas famílias. Nossa prisão num quartel da Aeronáutica pode nos garantir a vida e não garantir a da família. Segundo, se até agora soubemos garantir a nossa vida e a da família, vamos continuar. Muito obrigado e tal." E fomos embora para casa. Isso foi no dia 2, e eu fui preso no dia 5 em casa. Quer dizer, levei os dias 3, 4 e 5 em casa solto. Se quisesse fugir, ir para uma embaixada...

L.H. - Como foi sua prisão?

F.T. - Ah, houve um aparato! Porque eu morava numa casa no último quarteirão do Posto 6 - eram umas casas do Paulo Bittencourt, meu primo, umas casas antigas, que ficavam onde hoje é esse centro...

L.H. - O Rio Palace, o Cassino Atlântico.

F.T. - Exatamente. Então era um domingo, eu estava em casa e recebi um telefonema do brigadeiro Nicoll me avisando: "Olhe, você vai ser preso, porque eles estão aqui para me prender." Eu estava sozinho em casa com a minha mãe, porque a Iracema tinha ido fazer uma visita à mãe dela, que estava muito velhinha, e disse: "Bom, vou esperar." Dali a pouco apareceu o brigadeiro Armando Perdigão - porque eu ainda era major-brigadeiro, tinha que ser um major-brigadeiro - com dois coronéis, dois gorilas tremendos! Eles ficaram no carro e o Perdigão entrou, levando uma ordem de prisão do ministro, e me comunicou. Eu disse: "Está bom. Vou me vestir." Tinha que me fardar, porque eu ainda era... Mas aí fiz uma cerazinha, para ver se a Iracema chegava. Ah, mas estava em casa me visitando um capitão-médico da Aeronáutica, o Mário Landeiro. Então, quando recebi a comunicação, eu disse: "Landeiro, vá embora..."

L.H. - "Senão você também vai preso."

F.T. - "Senão você acaba preso aqui." Mas ele foi muito valente e disse: "Absolutamente!" Eu até pedi: "Me faça um favor:" - porque o Lino morava numa daquelas outras casas ao lado, no mesmo quarteirão -, "vá com a minha mãe lá para a casa do Lino, porque ela está muito velha, e é uma cena meio desagradável." Mas ela também não quis ir, então ele ficou. Minha mãe conhecia muito o Perdigão, do tempo em que o meu pai foi uma espécie de vereador aqui, em 23 ou 24, e tinha arranjado um emprego na Prefeitura para o irmão dele que era engenheiro. Então ela conversou com o Perdigão: "Eu não sei se lhe trato de Armando ou de brigadeiro, porque afinal o meu marido arranjou um emprego para..." Jogou tudo na cara dele. Ele, muito envergonhado com aquela cena... Porque é uma cena desagradável prender um colega. O fato é que a Iracema não chegou e eu tive que ir. Bom, nesse intervalo, o Lino foi avisado, não sei por quem, e tentou entrar. Eles tinham cercado o quarteirão com tropa do Forte...

L.H. - Do Forte Copacabana, que o general Montanha já tinha tomado?

F.T. - É, já tinha tomado. Então cercaram o quarteirão, e o Lino quis entrar e não pôde. Não pode, porque um tal coronel, que eu não me lembro o nome - é melhor até não lembrar -, disse: "Não entra, porque isso..." Mas o Lino reclamou e acabou entrando, foi lá e assistiu eu sair. Quando eu saí, houve até um incidente, porque quando o carro em que íamos eu, o Perdigão e os dois coronéis, passou o bloqueio, ia dobrar, mas a tropa não quis deixar passar, não o reconheceu. [risos] Foi uma cena! Mas

fomos embora e me levaram para o Ministério da Marinha. Lá o Perdigão me entregou à Marinha, e o almirante Sílvio Moitinho, que depois foi ministro do Superior Tribunal Militar e a quem eu conhecia muito, porque também fui de Marinha, me escoltou. O brigadeiro Nicoll já estava lá, e fomos levados os dois para a base de submarinos que ficava lá perto, no fundo da baía, onde ficamos três ou quatro dias incomunicáveis. Foi uma cena, porque quando chegamos, o comandante da base, que era um capitão-de-fragata, disse: "Brigadeiro, o senhor sabe que está incomunicável?" Eu digo: "Não, estou sabendo agora." E ele: "Então o senhor está incomunicável." Eu então perguntei: "Mas incomunicável, inclusive com relação a conversar com o outro brigadeiro, o Nicoll?" "Também não pode falar com ninguém." Isso era o quê? Já umas dez horas da noite, porque eu fui preso às seis e meia, sete horas, até ir para o Ministério da Marinha, pegar a lancha e ir para a base de submarinos... Eu não tinha jantado, então pedi a ele: "Seria possível arranjar um chá, um café, qualquer coisa...?" "Pois não." Pouco depois chegou um taifeiro da Marinha com a comida, e o tenente ali, com uma metralhadora portátil na mão, para eu não conversar com o taifeiro. Nisso, fiquei três dias.

L.H. - Essa confusão que o senhor está relatando se refletia também em pequenos detalhes, como esses: de um lado, por exemplo, a família de Alvarez foi molestada por indivíduos que eram, quando muito, revolucionários, não tinham patente nenhuma porque não eram militares. De outro lado, com o senhor, ainda houve uma coisa assim, de ter que ser preso por um brigadeiro, enquanto um coronel tentava evitar que o Lino entrasse, mas ele acabou entrando... Quer dizer, foi uma coisa estranha esse primeiro momento, uma coisa híbrida, porque havia uma certa confusão entre eles também.

F.T. - Uma grande confusão. Eles respeitaram muito porque, não sei, tenho a impressão de que a tomada do poder da maneira como foi feita não deu muita garantia a eles. Eles tinham um grande receio de atuar, assim, precipitadamente com relação a certas pessoas e provocar uma reação dos sargentos, coisa que sempre imaginaram que haveria.

L.H. - Amanhã a coisa vira...

F.T. - "Amanhã a coisa vira, então vamos tomar cuidado, vamos respeitar e tal." Respeitaram muito, muito.

L.H. - E esse caráter de incomunicável, como era? O senhor ficava num camarote?

F.T. - Num camarote. Era um quarto, não é? Um quarto confortável, com cama e tal, me levavam comida lá... Dois dias depois, esse mesmo comandante da base veio me convidar para tomar um banho de sol, para sair.

L.H. - Fazer um *tour* pela base?

F.T. - É . [risos] O outro brigadeiro, que era um radical, recusou.

L.H. - O Nicoll não foi?

F.T. - Não foi, não aceitou, e disse: "Estou muito bem aqui." Deu uns coices. Eu, não, sou conciliador: "Bom, vou apanhar um solzinho, que não faz mal a ninguém." Fui com ele, ele me mostrou a base e voltamos.

L.H. - A porta do seu camarote ficava trancada por fora?

F.T. - Não, mas ficava um marinheiro armado na porta e um tenente, porque era um pavilhão onde só estávamos eu e o Nicoll: eu ficava num quarto, tinha um corredor, e o Nicoll ficava três quartos depois. Para ir ao banheiro...

L.H. - Uma pergunta indiscreta: onde era o banheiro?

F.T. - O banheiro era, no meu caso, praticamente em frente. Mas para ir ao banheiro, eu tinha que ir com o soldado ou com o tenente - para tomar banho ou para fazer qualquer necessidade. Eu só via o Nicoll quando ele passava.

L.H. - E por que a prisão na Marinha?

F.T. - Porque eles não queriam me prender na Aeronáutica, com medo de um suposto prestígio que eu tivesse lá, não entre os oficiais - também um pouco -, mas sobretudo entre os sargentos. O medo deles eram as nossas relações com os sargentos, que não existiam, não existiam. Então não botaram na Aeronáutica, o Exército naturalmente se recusou... Não sei se você se recorda, mas já contei que, na renúncia do Jânio, eu fui preso também na Marinha. Quer dizer, eles não queriam nada com a Aeronáutica.

L.H. - E a sua família ficou sabendo?

F.T. - Provavelmente ficou sabendo, porque esses almirantes... Quem me escoltou para essa base submarina na ilha de Mocanguê - acho que era em Mocanguê - foi o almirante Moitinho. Eu acredito que ele tenha avisado, porque conhecia o Lino... Então acho que minha família sabia que eu estava lá.

L.H. - A sua mãe, de qualquer forma, tinha assistido tudo.

F.T. - Tinha assistido tudo, apenas não sabia para onde seria levado, porque nem eu sabia. Mas fui para a Marinha, e já no navio... Não, no navio havia até correspondência, porque...

L.H. - Isso foi posterior? Quanto tempo o senhor ficou na base?

F.T. - Fiquei três dias, no máximo quatro, porque fui preso no dia 5, o Ato Institucional que me cassou foi do dia 9...

L.H. - Que depois virou Ato Institucional nº. 1, porque antigamente não tinha número, não é?

F.T. - Ato Institucional nº. 1. Eles impuseram o Ato Institucional nº. 1 e o primeiro decreto de cassação, que se não me engano saiu no dia 9. Eu fui passado para a reserva e tive os direitos políticos cassados. Quando houve isso, eu já estava no navio, e então devo ter passado a noite de 5, os dias 6 e 7, e no dia 8 fui para o navio.

L.H. - E lá dentro o senhor sabia de alguma coisa que estava acontecendo?

F.T. - Nada, nada, nada. Aí fomos para um navio, o *Princesa Leopoldina*, onde concentraram a maioria dos militares presos.

L.H. - Eu estou achando engraçado, porque o navio em que o pessoal ficou preso em 35 foi o *Pedro I*, e agora, em 64 foi o *Princesa Leopoldina*. Terá sido mera coincidência? [risos]

F.T. - Eu acho que foi coincidência. [risos] Então fomos para o navio, e quem me escoltou, também com todo respeito, foi um vice-almirante, que era o correspondente a mim.

L.H. - A patente correspondente, tudo dentro do figurino.

F.T. - Dentro do figurino. Era o almirante Fernando de Matos, um homem finíssimo, com quem eu me dava muito.

L.H. - É o irmão do Dante?

F.T. - É irmão do Dante, é irmão de um brigadeiro meu amigo.

L.H. - Ele é casado com uma tia do Edgar, meu marido. Eu conheço, é magrinho, alto...

F.T. - Ele era casado numa família tradicional. Eu conheci a senhora dele. Como é o nome dela?

L.H. - Elisa Pais Barreto. A Elisa é prima-irmã da minha sogra.

F.T. - Isso mesmo. Pois bem, o Fernando de Matos me levou para o navio numa lancha, atracamos e ele subiu comigo. Quando chegamos no navio, o comandante que era um capitão-de-fragata quis me revistar, mas o Fernando de Matos disse: "Comandante," - ele é almirante - "o brigadeiro não vai ser revistado, não precisa ser revistado, porque ele vem de um estabelecimento da Marinha. Não tem nada que revistar, ele foi revistado lá quando chegou." E o sujeito insistiu, deixou passar um tempo e foi me revistar. Então o almirante deu um duro nele, espinafrou: "Absolutamente, o senhor não vai fazer isso!" E não fui revistado, porque ele era meu amigo, se dava muito comigo, eu até fui o responsável pela promoção do irmão dele, que era contra nós. Quando eu era chefe-de-gabinete, botei-o adido na Argentina.

L.H. - O Dante?

F.T. - Não, o Carlos Alberto, o mais moço. Quer dizer, havia todo um respeito. Bom, quando chegamos no navio, eu tive uma impressão pavorosa! Porque o navio era muito confortável, me levaram para um camarote bom - eram dois camarotes com um banheiro no meio, comum aos dois, quer dizer que eu fiquei nos dois camarotes, num apartamento de luxo -, mas quando eu entrei, fecharam a porta por fora. Eu nem podia espiar, porque eles vedaram aquela abertura da fechadura pela parte de dentro. Então pensei: "Bom, o negócio aqui é sério."

L.H. - O senhor não viu ninguém preso no navio?

F.T. - Não vi ninguém. Quando cheguei no convés do navio, houve aquela cena; depois fui escoltado para o quarto e... E também já era tarde, umas oito horas. Aí pensei: "Vão me matar de fome aqui." Passou oito e meia, nove horas... Quando foi nove horas, um sujeito abriu a porta, com uma escolta, com metralhadoras, e me levou para o rancho. Chegamos no rancho, encontrei outros militares presos. Aí sentei numa mesa com uns quatro ou cinco...

L.H. - Aí foi uma festa, porque o senhor já tinha companheiros.

F.T. - Ah, melhorou muito, muito! Já se podia conversar...

L.H. - E o senhor se lembra de quem estava lá?

F.T. - O Nicoll, o brigadeiro Dirceu, tinha um general da reserva que também estava preso, mas eu não me lembro seu nome... Era um moreninho, um rapaz muito simpático e tal. Aí cheguei, já estavam quatro ou cinco ali, então conversamos.

L.H. - E nessa conversa ninguém também sabia de nada?

F.T. - Não, ninguém sabia de nada, porque estávamos todos chegando. Depois fomos montando um serviço de informações. Mas era negócio de prisão, não é? Porque eu fiquei sozinho no camarote, mas os outros coronéis, tenentes-coronéis e majores ficaram quatro, seis, oito num camarote. Eles então começaram... Acabou que até jornal entrava.

L.H. - Quer dizer que o navio estava cheio?

F.T. - Cheio! Tinha uns cento e tantos oficiais, e na parte de baixo do navio, nos deques, uma série de sargentos. Mas havia muito rigor, só na hora do rancho - no almoço, no jantar e no lanche - era que nos encontrávamos.

L.H. - Mas não se podia tomar sol no convés, essas coisas?

F.T. - O rigor foi relaxando paulatinamente depois de uns dez dias, já havia banho de sol no convés, passávamos a manhã inteira lá, conversávamos, fazíamos até campeonato de biriba, de jogos de carta.

L.H. - E já se podia receber, por exemplo, carta da família, essas coisas?

F.T. - Recebíamos cartas da família. Até nesse período... Eu fiquei preso 40 dias, porque ainda vigorava aquele negócio de 30 dias: passavam 30 dias, apelava-se, e com 45 dias eles soltavam. Mas, nesse intervalo, minha mãe morreu. Morreu minha mãe, o que para mim foi... Porque ela já sofria do coração, e com o choque da prisão e tal... Então o comandante me chamou, me deu a notícia, e eu fiquei chateadíssimo. Ele então disse: "O senhor vai ao enterro. Há uma autorização para o senhor ir ao enterro." Eu digo: "Está bom." O enterro era nesse mesmo dia de tarde, mandaram uma lancha e eu fui para o Arsenal de Marinha. Lá fui entregue a um brigadeiro médico que me devia um milhão de favores. Quando vi que era ele, até fiquei muito satisfeito, porque é sempre bom conversar. Mas logo

notei que ele estava apavorado! Estava com dois oficiais médicos, mas eram dois, assim, guardacostas...

L.H. - Trogloditas?

F.T. - Trogloditas! Mas eu sou muito desprevenido para essas coisas e achei: "Veio com dois médicos, está certo." Então fomos para o enterro. De fato cheguei no velório, mas não pude ficar até o fim: passou uma meia hora, um tempo muito contado, ele foi me avisar que tínhamos que ir embora. Aí fui embora, não vi o enterro.

L.H. - Mas o senhor se encontrou com sua esposa e filhos?

F.T. - Encontrei a Iracema, encontrei os filhos, encontrei os irmãos...

L.H. - O Lino não tinha sido preso?

F.T. - O Lino não foi preso. Esse é que foi o drama do Lino: ele não foi preso e viveu um drama tremendo, porque tinha tudo conosco, mas não foi preso. Eles respeitavam muito o Lino, ouviu? Mas já aí começaram a não promovê-lo, a preteri-lo, preteri-lo, preteri-lo, até que o tiraram do quadro de acesso por incompatibilidade com o oficialato e ele caiu na expulsória. Mas promoveu uma ação, porque aquilo foi um absurdo!

L.H. - Mas, de qualquer forma, ele não sofreu nenhum tipo de restrição, nem prisão, nem coisa nenhuma?

F.T. - Nem prisão, nem coisa nenhuma. Só sofreu aquela chateação e ficou uns dois ou três anos sem função. Depois veio a "lei Castelo", pela qual se o sujeito pedisse reforma, teria as promoções na reserva. Mas ele recusou, não pediu reforma, até que o botaram para fora. Tanto que hoje ele ainda é coronel.

L.H. - Nesse tempo em que o senhor esteve preso, sua família não sofreu nenhum tipo de constrangimento?

F.T. - Não. Até então, não. A Maria Lúcia já era casada, tinha muita atividade, mas naquele primeiro período, nesses 40 dias, não se armou nada de reação.

L.H. - Tudo muito respeitoso ainda?

F.T. - Todo mundo respeitou aquilo, meteu a viola no saco e ficou esperando para ver no que dava. Então eu me correspondia, escrevia cartas.

L.H. - O senhor é capaz de me dizer em que momento, mais ou menos, vocês começaram a perceber que aquele não era um golpe como os outros?

F.T. - Eu percebi logo de saída. Ainda na prisão, escrevi uma carta explicando que eu achava que aquele não era um golpe como os outros, que era um golpe muito mais sério, porque era um golpe

ligado ao imperialismo, tinha um respaldo total do imperialismo. E o fato de os militares terem assumido o poder... Agora, a minha ilusão era de que o tipo de política que o imperialismo iria impor ao governo revolucionário seria de tal natureza que o isolaria do restante do país. Quer dizer, a previsão estava certa, apenas isto não se deu em três ou quatro anos, mas em 18 anos. Nós levamos até 78, quer dizer, levamos 14 anos para que a coisa...

L.H. - Mas o senhor começou a perceber que eles estavam ali para ficar?

F.T. - Para ficar, mas iam ficar mal, porque não fariam um governo, não implantariam uma política para o Brasil, e sim uma política contra o povo brasileiro que fatalmente os levaria... Até não sei como essa carta passou, como passavam essas cartas!

L.H. - Não seria ainda por conta daqueles primeiros momentos de indefinição?

F.T. - Talvez por conta daqueles primeiros momentos de indefinição, passou. Até a Iracema mostrou a meus irmãos, mostrou para todo mundo, porque se entusiasmou muito com aquela análise. Então foi esse o problema. Nesse período, ficamos no navio...

L.H. - No navio vocês faziam algum tipo de análise, tinham alguma expectativa?

F.T. - Depois no navio, começamos a nos preocupar com os depoimentos, porque abriram os inquéritos, os IPMs. O encarregado do IPM da Aeronáutica era o marechal de reserva Ajalmar Mascarenhas, muito anticomunista, não era brilhante, mas era um homem honesto. Foi ele que eu contei que se rebelou contra a nomeação do Nero para ministro, e disse: "Não aceito." Rasgou o telegrama, mas acabou aderindo e foi chefe do estado-maior. É o mesmo que queria que eu fosse para os Estados Unidos. Até deu-se uma coisa engraçada com ele: como era um aviador que não voava, voava pouco, voava mal, se especializou em administrar no chão, na terra. Então era um militar caxias, muito regulamentar e, o que se admirava no Ajalmar era essa coisa dele de ser apenas militar, de nunca fazer política e tal. Bom, durante o nosso período com o Melo ministro, ele era major-brigadeiro e foi nomeado adido militar nos Estados Unidos. Já nessa função ele foi promovido a tenente-brigadeiro, e a rigor teria que deixar o lugar de adido, que era um lugar de major-brigadeiro e não de tenente-brigadeiro, que era um posto mais alto, e voltar para o Brasil. Ele tinha, digamos, um ano de adido, e a comissão era em geral de dois anos. E ganhava muito bem lá naquela época, uma fortuna! Imagine, um adido, major-brigadeiro, ganhando uma fortuna! Mas eu fiz uma viagem aos Estados Unidos - não sei se com o Melo ou sem o Melo, acho que sem o Melo - e passei em Washington exatamente quando ele tinha sido promovido e estava na expectativa de ter que deixar a função - estou até contando isso não contra ele, mas para se ver que é o mesmo homem.

Ele então me ofereceu um jantar, durante o qual me pediu - eu, um brigadeiro, e ele, um tenente-brigadeiro - para continuar como adido. Aquilo, para mim, foi uma decepção, ouviu? Porque eu achei que ele estava colocando o negócio de ganhar um dinheirinho acima das funções primitivas do seu cargo. E ele realmente ficou lá mais um ano.

Mas o Ajalmar foi o encarregado do IPM, e inegavelmente portou-se muito bem comigo. E a nossa preocupação durante o inquérito era a fraqueza humana. Porque éramos um grupo da Aeronáutica, uns 60 militares presos, e cada dia um ia depor e voltava. Então nós tínhamos que fazer uma espécie de doutrinação para o sujeito não dizer besteira, não aceitar provocações... E havia uns fracos que queriam

botar a culpa nos outros... Então havia muito essa preocupação de organizar os depoimentos, ajudar aquele pessoal e tal. Também organizou-se um sistema de comunicações para fora, recebíamos jornais, havia rádio para ouvir o noticiário...

L.H. - Tinha muita gente do Grupo de Caça?

F.T. - O Rui Moreira Lima, que era o comandante da base de Santa Cruz, o Fortunato... acho que só. Bom, aí eu fui depor. O Ajalmar era assistido por um escrivão e por um promotor da Aeronáutica, que no caso era o Nelson Barbosa, que depois foi até ministro do Supremo Tribunal Militar, foi procurador-geral da Justiça Militar e portou-se muito bem comigo. Ele devia o emprego na Aeronáutica ao Lino! Quando o Lino era do gabinete do Nero, botou os dois irmãos - o Nelson e o outro, que era um mais baixinho e tal -; entraram como promotores da Aeronáutica, fizeram carreira e eram muito gratos a ele. Mas ali era a revolução, então esse Nelson assistia ao Ajalmar, que disse: "Brigadeiro, se o senhor não se incomodar, porque sabe, eu não entendo, o Nelson fará as perguntas no inquérito em meu nome."

[FINAL DA FITA 16-B]

L.H. - Quer dizer, não havia nada contra vocês que pudesse...?

F.T. - Nada, nada, nada! Então ele começou o interrogatório, perguntou umas bobagens, e eu fui respondendo com muita tranqüilidade. Lá pelas tantas, o Nelson me fez uma pergunta, insinuando... Ah, porque as perguntas vinham de fora; o grupo atuante, os revolucionários faziam as perguntas para ele. Então ele me fez uma pergunta que insinuava que eu tinha relaxado como comandante, havia um troço qualquer que eu não me lembro exatamente o que era, e eu então protestei, mas com muita veemência: "Não admito que você, um paisano, insinue aqui..." E o Ajalmar me deu toda razão. O Nelson, coitado, ficou... E o interrogatório acabou, porque daí em diante ele só fez se desculpar da pergunta: "Não era minha intenção, Teixeira, você sabe..." E parou o depoimento.

Quando se aproximaram os 40 dias de prisão, e que eles teriam que nos soltar - já estávamos uns 30 ou 40 dias no navio, então já não havia mais porta fechada, andávamos o navio inteiro, já éramos donos do navio - eles começaram a retirar o pessoal do navio. Mandavam, por exemplo, para a Aeronáutica: todos os aviadores para a III Zona, que já era comandada pelo Adil, de lá foram soltos depois.

L.H. - O Adil já era o comandante?

F.T. - Era o Adil; o Dario tinha deixado o comando, e o Adil já tinha sido nomeado comandante da III Zona. O Adil era brigadeiro, e eu major-brigadeiro, ainda não tinha sido demitido. Então foram todos os da Aeronáutica, e eu fiquei no navio; no dia seguinte saiu o pessoal da Marinha, no outro dia saiu o do Exército, e eu fiquei sozinho no navio. Eu digo: "Bom, acho que agora vamos sair com esse navio barra afora e fazer aquilo que o Burnier quis fazer mais tarde jogando do avião."

L.H. - "Sabe Deus o que vai acontecer!"

F.T. - "Sabe Deus o que vai acontecer!" Mas o que havia era o seguinte: eu não podia ir para a III Zona, porque o Adil era brigadeiro. Então eles me mandaram de novo para a Marinha. Lá fui eu passar os últimos dias da minha prisão de novo na Marinha.

L.H. - Na base de submarinos?

F.T. - Não, não. Dessa vez no Corpo de Fuzileiros.

L.H. - Quando o senhor saiu, já que demorou um pouco mais que os outros, o Castelo já tinha sido eleito presidente?

F.T. - Ah, o Castelo presidente, os atos institucionais funcionando, a revolução institucionalizada.

Bom, fui solto. Fui solto, retomamos os contatos e foi então que houve as tentativas, pelo menos as de que eu participei, de reagir à ditadura, ao governo militar.

L.H. - Quando foi solto, o senhor passou para a reserva?

F.T. - Passei para a reserva. A revolução foi em 1^o. de abril, em fins de maio, portanto, um mês depois de ter sido solto, eu fui demitido. Houve um outro ato institucional, baseado no ato n^o. 1, me demitindo das forças armadas.

L.H. - Isso é que eu não entendo: já existia essa figura de demitir um oficial?

F.T. - Existia. Um oficial é demitido das forças armadas ou por ato voluntário, quer dizer, requer, pede a sua demissão das forças armadas, e então deixa de ser militar, ou quando é condenado a mais de dois anos por crime.

L.H. - E aí perde a patente?

F.T. - Perde a patente e é demitido das forças armadas. Não havia outra figura na Constituição. Então eles, baseados no Ato Institucional n^o. 1, me demitiram. E podiam fazê-lo, porque o Ato dizia que se podia passar para a reserva, reformar, aposentar ou demitir.

L.H. - O senhor então perdeu a patente?

F.T. - Não, aí é que está: a dúvida era essa. Porque se eu fui demitido, a rigor, perdi a patente; mas na verdade não perdi, embora nunca tenham me dito. Só sei disso porque, uns meses depois, nós resolvemos fazer uma ação reclamando qualquer coisa na Justiça - eu não me lembro bem o que era -, e o meu advogado, que era o Hariberto Miranda Jordão, o pai - já morreu, aliás -, mandou um auxiliar ir à Brasília para ver no *Diário Oficial* o ato, o decreto que me cassou a patente. Porque um jornal havia publicado uma noticiuzinha seca: "Foi cassada a patente do brigadeiro Francisco Teixeira." Eu pensei: "Bom, então cassaram a patente." Mas o auxiliar do Hariberto foi à Brasília, procurou o ato no *Diário Oficial*, não encontrou. Então, a conclusão a que chegamos foi a seguinte: eles não podiam cassar a patente, porque o ato institucional não autorizava e a Constituição também não deixava cassar.

L.H. - Só com dois anos de prisão.

F.T. - A não ser com dois anos de prisão, condenado etc. Deve ter havido o seguinte: o Castelo Branco assinou o decreto cassando a patente, deu publicidade na secretaria, e um jornalista pegou; quando ele mandou publicar no *Diário Oficial*, verificaram que não podiam fazer aquilo, recolheram o decreto e eu não perdi a patente. Acabei não perdendo, embora isso não tenha valido nada para mim, porque eu nunca usei a patente para coisa nenhuma.

L.H. - Mas de qualquer forma era uma carreira inteira que não se podia jogar pela janela.

F.T. - Mas foi jogada, porque a diferença que existe entre o demitido e o reformado é que o reformado ganha a pensão de reforma e o demitido ganha o montepio.

L.H. - Como morto.

F.T. - Como morto, como morto! Então eu passei de junho ou julho de 1964 até a anistia vivendo do montepio que a Iracema recebia.

L.H. - Ela recebia como viúva, então?

F.T. - Como viúva, como viúva! [risos] Na mais negra miséria!

L.H. - Viúva de marido vivo?

F.T. - De marido vivo, quer dizer, eu, vivendo às custas da minha viúva. Foi isso que se passou, e nisso ficamos até a anistia. A anistia, para mim, foi um benefício enorme, porque eu passei de morto, de receber um montepio, para receber os vencimentos de marechal.

L.H. - Ressuscitou, para dizer o mínimo.

F.T. - Ressuscitei, ressuscitei! [risos] Mas então, como eu ia dizendo, depois, ainda em 64, começamos a constituir grupos que se reuniam, em geral de políticos e militares. Eu nunca tive a ilusão de que fosse possível uma reação armada contra o regime, mesmo nos primeiros momentos, embora sentisse que o apoio militar que eles tiveram para fazer a revolução não existia. Mas, em todo caso, eu botava as minhas dúvidas. A primeira conspiração contra o governo do Castelo foi com o Ladário Teixeira, aquele general. Nós nos reuníamos com o Ladário, em geral na casa do Hélio de Almeida, e as figuras principais nessas reuniões eram: o Ladário, o coronel Ciro Labarth, um oficial muito competente que tinha sido do gabinete do Jair, do Conselho de Segurança, eu, o Hélio de Almeida, políticos, o Wilson Fadul... Era aquela conspiração.

L.H. - Políticos cassados em geral?

F.T. - Cassados, todos cassados, de oposição ao regime. E o Ladário achava que tinha condições de coordenar um levante, mas impunha como condição número um que o Jango e o Brizola, exilados no

Uruguai, se unissem e dessem os elementos que tinham no Brasil, quer na polícia do Rio Grande, quer na tropa do Exército. Porque eles tinham muita gente.

L.H. - Tinham mesmo, brigadeiro?

F.T. - Acredito que tinham, ouviu? Não que quisessem fazer um contragolpe, isso não! Mas tinham alguma coisa, eu acredito que tinham. O Jango foi presidente três anos... Então o Ladário, no maior sigilo, foi a Montevideú: ele e o Ciro Labarth foram até Campo Grande, lá pegaram um teco-teco, foram até Assunção, no Paraguai, e o Stroessner os levou a Montevideú - Stroessner era muito amigo do Jango. Isso nos foi informado depois, pelo Ladário, quando ele voltou. Mas o Ladário chegou em Montevideú colocou o problema: "Estou disposto a chefiar um contragolpe, mas com a condição de que vocês se unam aqui e que nos dêem os elementos." Houve muita dificuldade, porque nessa altura dos acontecimentos o Brizola hostilizava tremendamente o Jango, negou-se inicialmente, mas acabou aceitando. Aí houve outra reunião com o Ladário, já dividindo o bolo: o Brizola ficaria com o Rio Grande, o Jango não entraria lá; o problema de dinheiro, o financiamento, era o Brizola que daria - esse aspecto é que foi interessante. Estava tudo bem, tudo de acordo. Não sei se deram algum elemento ao Ladário ou ficaram de dar posteriormente, mas o Ladário se preparava para voltar, quando, em cima da hora, eles se lembraram que ele tinha que trazer algum dinheiro para o Brasil - uma porcaria, dez mil dólares, uma coisa assim. Como o Brizola estava não sei onde, o Jango adiantou o dinheiro, que estava com aquele rapaz que era dono daquele hotel lá, que foi prefeito de Brasília no final do governo do Jango, Ivo Magalhães. Eu sei que ele deu uns cinco ou dez mil dólares ao Ladário, e o Ladário preparou a volta ao Brasil. Quando ia embarcar, no dia seguinte, o Brizola mandou avisá-lo que estava tudo desfeito, que o Jango tinha rompido, porque tinha dado o dinheiro, e quem tinha que dar o dinheiro era ele... Rompeu. Rompeu, o Ladário deixou o dinheiro lá e disse: "Não quero mais nada com isso." Voltou, nos reuniu e deu por encerrada a conspiração.

L.H. - Mas o que deu no Brizola?

F.T. - Ele não queria!

L.H. - No fundo, não queria mesmo?

F.T. - No fundo ele não queria! No fundo e na prática, porque o que ele queria era ele mesmo fazer o contragolpe, já estava sonhando com as invasões ao Brasil... - imagino eu! Não queria, torpedeou e não saiu. Não estou dizendo que saísse, eu mesmo não acreditava, não tinha muito entusiasmo pela possibilidade dessa reação. Mas em todo caso houve esse fato. O Ciro Labarth já morreu, o Ladário também já morreu... Até o nosso grupo resolveu mandar um emissário ao Juscelino, que estava na Europa para avisá-lo da conspiração, colocá-lo também a par. E quem foi, foi o Gaminha, o filho do Gama, que também já morreu; arranjam os dólares, porque ele não tinha dinheiro, e lá foi ele para a Europa. Gorou.

A segunda tentativa foi com o Ademar. O Ademar foi cassado, se não me engano, antes de 65. Mas um ou dois meses antes de ser cassado, ele mandou o Eduardo Chuay, que hoje é deputado estadual e tem um irmão que era muito amigo do Ademar, e aquele padre Baleeiro, que foi secretário de qualquer coisa - dizem até que é bicha; dizem não, é - fazerem um contato com o pessoal do Rio. Eles convidaram o marechal Hasket Hall para ir a São Paulo conversar com o Ademar, e eu fui com ele. Até então eu não conhecia pessoalmente o Ademar. Chegamos lá, ele nos reuniu no palácio: estava o

Ademar na cabeceira - foi a única vez que eu o vi sério, realmente sério - o Haskett Hall, eu, o padre Baleeiro, que era secretário do Ademar, um outro secretário do Ademar, uns cinco ou seis. O Ademar, então, fez uma exposição, dizendo o seguinte: que a revolução, ou o governo do Castelo Branco, queria liquidá-lo, e ele estava disposto a reagir. Fez um histórico das intervenções, dos indícios de que haveria intervenção em São Paulo, disse que estava disposto a reagir, e convidou o marechal Haskett Hall, já na reserva, para comandar a força paulista que iria reagir. [risos] Uma coisa muito formal, mas nasceu dali. O marechal aceitou, mas ele não era conspirador nem revolucionário, era apenas um homem contra aquilo tudo, o filho tinha sido cassado também... Tenho a impressão de que o marechal ficou esperando que se publicasse em boletim no *Diário Oficial* sua nomeação para comandante.

L.H. - Comandante-em-chefe. [risos]

F.T. - Ele não chegou a assumir coisa nenhuma. [risos] O Ademar tomou algumas providências: nomeou Chuay comandante da guarda civil, o Chuay chegou a ir assumir a guarda civil... [risos] Mas 15 dias depois o Castelo cassou o Ademar, interveio em São Paulo e não se pôde reagir. E nem o Ademar queria. Essa foi a segunda tentativa, em que também entrou o Renato Archer, porque houve o seguinte: o vice-presidente era o Alkmin, que já estava numa posição inteiramente contra a revolução, e o Alkmin era muito amigo do Renato. Então nós procuramos o Renato, para que também participasse. Ele relutou muito, mas acabou conversando com o Ademar, e houve afinal um encontro do Ademar com o Alkmin, no maior sigilo, montado no meio da estrada. Mas também falhou, porque o Castelo Branco...

L.H. - A cassação do Ademar foi o primeiro sinal de que a revolução já estava expelindo os seus apoios, não?

F.T. - Foi, porque depois foi com o Lacerda.

L.H. - Exatamente. Quer dizer, foi o primeiro sinal de que, pelo menos no mundo civil, a revolução já estava expelindo os seus apoios.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

L.H. - Mas o que o senhor achou do Ademar, já que até então não o conhecia?

F.T. - Eu conhecia o Ademar como um político, como um corrupto, um malandro e tal. Nessa primeira impressão, ele até calhou bem, mas daí em diante foi um descabro! Uma vez nós fomos a São Paulo até com esse atual prefeito, o Marcelo Alencar, que nesse tempo era muito nosso amigo, muito chegado ao nosso grupo político, militar em si, mas sobretudo civil, e entrou muito nessa conspiração para tratar de um assunto qualquer com o Ademar, e ele estava na casa da amante dele, a Bechimol. Então fomos lá, e ele estava com um *robe de chambre*, aberto, aparecendo a barriga, um barrigão... então ela chegou e disse: "Ah, não quero o meu amorzinho assim nu..." E sentou-se no colo dele! Era uma dessas coisas! Eu sei que eu disse ao Marcelo: "Conspirar com essa gente é impossível!"

L.H. - É preciso ter um mínimo de seriedade, pelo menos estar vestido, não é, brigadeiro?[risos]

F.T. - Pois é, não tinha nenhuma seriedade, e assim não era possível! Era gente... Eu logo vi que com o Ademar não se faria nada. Em todo caso... Ah, estivemos também com o Kruel! Aliás, quem esteve com o Kruel foi o Lino e o Edmundo Muniz. O Kruel não acreditava no Ademar, mas estava disposto a participar, se houvesse seriedade.

L.H. - Agora, há um aspecto interessante, porque enquanto o Brizola e o Jango no exílio se disputavam aos tapas, na Frente Ampla, sobre a qual nós vamos conversar depois, também houve problemas.

F.T. - Maiores até.

L.H. - Quer dizer, as forças mais janguistas e as forças mais brizolistas aqui estavam unidas?

F.T. - Estavam unidas. O Brizola aqui tinha pouca... Hoje todo mundo está com ele, mas aquele grupo do PTB que foi deposto era todo Jango: o Doutel, o Baby - o Baby esteve exilado -, o Fadul, era tudo do Jango, tudo Jango! E com a maior desconfiança do Brizola. Acredito que se o Jango não tivesse morrido, tivesse sido anistiado, eles estariam com o Jango, não estariam com o Brizola.

L.H. - E na área militar, pelo que o senhor está me contando, já havia revolucionários arrependidos se incorporando?

F.T. - Ah, já havia! Não digo se incorporando, mas se manifestando, embora nessa fase ainda fossem poucos. Nessa fase, poucos. Surgiu o Boaventura...

L.H. - Foi a Frente Ampla que os articulou mais, não?

F.T. - Articulou mais, porque entrou o Lacerda.

L.H. - Diga-me uma coisa: do ponto de vista das forças militares no poder, nesse período, antes de começar a articulação da Frente Ampla, o senhor foi vigiado, foi chamado para mais algum inquérito, ou depois que foi demitido a coisa parou?

F.T. - Não, não. Ainda nessa fase do Castelo e no começo do Costa e Silva, eu fui chamado para depor em mais dois inquéritos: um feito pelo brigadeiro Hugo da Cunha Machado, também marechal de reserva - meio safado -, sobre um problema no Clube dos Taifeiros, em que ele queria me envolver em ligações com os taifeiros, com os sargentos, com o pessoal de baixo, mas não deu em nada. E o outro foi um IPM sobre o problema do Sindicato dos Metalúrgicos, do CGT, feito pelo irmão do Andrada Serpa, o Gonzaga. Na ocasião eu já tinha sido demitido.

L.H. - Esse foi o tal inquérito que o Talarico disse que o senhor estava, o senhor disse que não estava...?

F.T. - Foi. Eu fui ouvido, mas preso não fui mais. Só fui preso depois, na posse do Médici.

L.H. - O senhor e um monte de gente.

F.T. - E um monte de gente. Foi a operação "pente-fino", para poder dar posse ao Médici.

L.H. - Nessas reuniões que se faziam inicialmente, então, só havia militares cassados e políticos também cassados? Não havia políticos da ativa?

F.T. - Não, em geral eram políticos cassados. O núcleo central era o Doutel, o Edmundo Muniz, o Fadul, o Artur Lima Cavalcanti, que era um deputado cassado de Pernambuco e que originou os primeiros contatos com o Lacerda. É filho de um irmão daquele que foi interventor.

L.H. - Filho do Caio?

F.T. - Filho do Caio, homem até bem de vida, industrial... O Hélio de Almeida, eu, o Nicoll... Era um grupo grande que se reunia. Quando havia um problema, e havia muitos, nós nos reuníamos.

L.H. - Havia uma coordenação?

F.T. - Havia uma coordenação. Então conversávamos muito, e a nossa idéia... O problema da guerrilha urbana ainda não tinha começado, mas nós já estávamos convencidos de que a maneira de atingir ou de combater a ditadura era um movimento político de massas. Não se podia pensar em movimento militar. Então já se trabalhava nesse sentido, embora ainda sem uma visão de como organizar esse movimento de massas. O Partido Comunista entrava nisso, com o Luís Maranhão, o Renato...

L.H. - O Renato ainda estava na ativa? Quer dizer, ainda era deputado?

F.T. - O Renato Archer estava na ativa, ainda era deputado. Havia muitos na ativa. Se não me engano, o Doutel ainda era deputado... Não, já tinha sido cassado.

L.H. - Acho que o Doutel já tinha sido cassado. Agora, quando decretaram o AI-2, que os partidos antigos acabaram, houve alguém do MDB que chegou...?

F.T. - O AI-2 foi consequência daquela eleição de 65, em que nós nos empenhamos a fundo na eleição do Negrão aqui no Rio. O nosso candidato era o Hélio de Almeida, que foi impugnado, depois foi o Lott, que também foi impugnado, e afinal nós nos conformamos com o Negrão de Lima, e nos jogamos na candidatura Negrão, como em Minas nos jogamos na candidatura do Israel Pinheiro. Aquelas duas vitórias foram significativas a tal ponto que eles fecharam tudo de novo com o AI-2, mas poderiam ter sido muito mais...

L.H. - Dizem, brigadeiro, que o Juscelino atrapalhou muito esse negócio. O senhor concorda com isso?

F.T. - Muito, muito, muito. Aliás, o Lino e o Osvaldo Penido atuaram como representantes do Juscelino junto ao Negrão. O Negrão os ouvia muito na orientação da campanha, eles iam a comícios, acompanhavam tudo. Quando o Negrão ganhou, o Juscelino manifestou o desejo de voltar.

L.H. - E voltou: saiu da Europa dia 3 e chegou aqui dia 4 .

F.T. - Voltou, para você ver... O Lino e o Penido ligaram para ele mostrando que sua volta era absolutamente inconveniente, que era um erro, mas ele alegou - o Juscelino, que era um homem com uma visão tão interessante de certos problemas, nesse ponto... - que a coisa já estava derrotada e ele queria estar presente.

L.H. - O Amaral Peixoto também o desaconselhou vivamente a voltar.

F.T. - Todos desaconselharam, mas ele teimou e foi preso.

L.H. - Ao chegar no Galeão ele já recebeu uma intimação para depor no dia seguinte.

F.T. - Recebeu uma intimação para ir depor no dia seguinte, e eles reuniram toda a área militar golpista do AI-2 em torno do Costa e Silva. Foi um erro danado do Juscelino. Mas, para avançarmos um pouco no tempo, nós tivemos essa conversa em 66, quando houve uma eleição...

L.H. - Em 66 houve uma eleição para deputados e senadores, a primeira já sob a vigência do bipartidarismo.

F.T. - Exatamente, já com o AI-2 funcionando, mas ainda no governo Castelo.

L.H. - O Costa e Silva assumiu em 67. Em 66, como as eleições foram no dia 15 de novembro, se não me engano, já era plena a situação da candidatura Costa e Silva - se não me engano ele já estava até eleito.

F.T. - Já estava eleito, exatamente. Então o Lacerda foi participar de uns comícios em Pernambuco em benefício de um candidato que ele apoiava - não me recordo qual era -, lá encontrou o Artur Lima Cavalcanti e conversaram. E o Artur, que conversava muito conosco aqui no Rio, achou uma coincidência muito grande entre os pontos de vista do Lacerda e os nossos, e perguntou a ele: "Lacerda, você quer conversar com um grupo assim e assim no Rio?" Ele respondeu: "Topo" Então o Artur veio ao Rio, procurou o nosso grupo e propôs um encontro com o Lacerda.

L.H. - É interessante como o Lacerda evoluiu nesse período: primeiro, de aceitação da conspiração, depois passando a fazer oposição ao governo, e finalmente ao regime!

F.T. - Quando o governo fechou-se contra ele, ele passou a fazer oposição ao regime.

L.H. - Porque a conspiração se deve em grande parte ao Lacerda 64, embora no último momento ele não tenha sido um participante espetacular; mas ele evoluiu da oposição ao governo Castelo, à política do Roberto Campos...

F.T. - Para a oposição ao regime. Foi nessa fase que nós o encontramos.

L.H. - Como foi essa história?

F.T. - Ele veio ao Rio e reuniu o grupo. Nós discutimos e aceitamos, porque aquilo era o embrião da Frente Ampla, que tanto sonhávamos.

L.H. - Mas o senhor não vai passar rápido por essa história, não. Como foi o seu encontro com o Lacerda?

F.T. - Nessa reunião ficou decidido que nós teríamos um encontro com o Lacerda, e foi escolhida uma comissão para esse encontro: nessa comissão ficou o Ênio Silveira, que também participava do grupo, o Fadul e eu.

L.H. - O Ênio Silveira pessoalmente, ou participava em nome de alguma coisa?

F.T. - Não, participava pessoalmente. Então ficou decidido que iriam o Ênio, eu e o Fadul para o encontro com o Lacerda, que foi na casa daquele industrial Alberto Lee, no Cosme Velho - uma casa que ele tinha, mas nem morava lá.

L.H. - Deve ter sido uma delícia! Que impressão o senhor teve? Quero que me conte tudo.

F.T. - Nessa altura da vida, eu já era muito mais político do que militar. E aquilo era uma jogada política, tratava-se de estruturar uma Frente Ampla. Nós começamos pelo mais difícil para nós, que era o Lacerda, mas ainda tínhamos o problema do Jango e do Brizola. Então nos encontramos na casa do Lee, e foi uma excelente conversa, porque houve imediatamente uma coincidência muito grande de pontos de vista.

L.H. - Bobo, ali, não tinha nenhum!

F.T. - Bobo, ali, não tinha nenhum! Quem também assistiu a essa conversa foi o Hélio Fernandes, a quem o Lacerda, nessa época, já tinha as maiores restrições, não gostava muito dele. Não sei se foi o Alberto Lee que o convidou ou se ele se insinuou, mas ele foi. Hoje ele até faz referências a isso. Outro dia, a título de um documento da Associação ele fez uns elogios a mim, dizendo que, além dele, eu fui o único que todo mundo diz que compareceu a todas as reuniões da Frente. Não é verdade! [risos]

Bom, então conversamos, e o Lacerda aceitou a idéia de uma frente ampla política - ele, o Jango e o Juscelino. Conversamos muito, e ele aceitou tudo. Você o conheceu pessoalmente?

L.H. - Pouco, no final. Mas era muito envolvente, muito inteligente.

F.T. - Muito inteligente. Ele era um jornalista, ouviu? Não era um homem profundo em coisa nenhuma, mas sabia de tudo, conversava sobre tudo.

Bom, fizemos a primeira reunião, marcamos outras, tivemos outras reuniões. Tratava-se então de colocar o Jango e o Juscelino na Frente. O Edmundo Muniz e o Fadul foram a Montevideu expor o problema ao Jango e convidá-lo a participar. O Juscelino, pegamos o Renato Archer para falar com ele. O Renato relutou também, não queria, tinha horror ao Lacerda, mas eu e o Lino conversamos com ele e o convencemos a aceitar a conversa com o Lacerda. Então a coisa evoluiu para uma patamar... O Renato foi a Europa conversar com o Juscelino, e dona Sara, que era muito contra - o Renato deve ter contado a você esta cena - quando ele colocou o problema, disse: "Se esse sujeito entrar nessa casa, eu saio daqui e não volto mais!"

L.H. - Porque o problema todo era o Lacerda, quer dizer, para o Juscelino e para o Jango, até ficava tudo muito bem, porque os dois sempre foram pessoas muito generosas, sem rancor. Agora, para o Lacerda devia ser uma coisa terrível!

F.T. - Para o Lacerda, sim, porque nas campanhas ele entrava pelo desaforo, pela agressão.

L.H. - Um, ele tinha derrubado, e outro, ele chamava de presidente cafajeste. Então, realmente... [risos]

F.T. - Exato, para ele era muito mais difícil. Então fez-se tudo isso, os dois aceitaram, e combinamos primeiro uma ida do Lacerda ao Jango. O emissário foi o Talarico, o José Gomes Talarico. Coitado, até outro dia o Renato não foi justo com ele, gozou-o muito numa entrevista que deu, ele protestou... Mas o Talarico foi, e a senha era ele passar um telegrama ou um rádio de lá ou para mim ou para o Alberto Sued, em casa de quem havia as reuniões fechadas. Ele morava no hotel Excelsior, aqui na praia.

[FINAL DA FITA 17-A]

F.T. - Então o Talarico passou o telegrama, dizendo que o Jango receberia o Lacerda. Aí eu procurei o Lacerda, ele impôs que só iria com o Renato Archer.

L.H. - Por que a preferência?

F.T. - Daqui a pouco você vai ver por quê: ele estava apavorado com o encontro! No fundo tinha um receio danado de o Jango aproveitar para tirar uma forra! Fomos procurar o Renato, parece que ele estava em São Paulo, mas veio e acabou concordando, tirou o passaporte e foi com o Lacerda de avião para Montevidéu. Ao voltar de lá, o Lacerda me contou que - para você ver o estado de ânimo dele -, quando já estavam voando, ele cochilou no avião e teve um pesadelo: ele chegava em Montevidéu e, quando ia entrando na casa do Jango, o Jango fazia uma cena: "Bote-se daqui para fora, seu cachorro!" Ele disse que acordou suando frio! Isso ele me contou. [risos]

L.H. - O estado de pavor devia ser absoluto!

F.T. - Um estado de pavor absoluto em que ele estava. Mas ele foi com o Renato, e houve aquela cena toda que eu acho que você conhece bem: o Brizola negou-se a receber o Lacerda, ameaçou de denunciar aquilo, fez miséria!

L.H. - Lançou uma nota oficial...

F.T. - Discordamos da história. Mas o Jango agüentou a coisa.

L.H. - Mas ninguém procurou o Brizola antes para...?

F.T. - Procuraram! O Renato, se não me engano, esteve com o Brizola, o pessoal lá exilado, foi todo mundo!

L.H. - Dizem que foi o Amauri Silva.

F.T. - O Amauri Silva, também, todo mundo. O Brizola era violento, e já estava isolado lá, já estava isolado. O fato foi que o Lacerda voltou com a concordância do Jango, e em seguida foi a Europa não sei se foi com o Renato, acho que não, o Renato já tinha ido antes. Foi à Europa, conversou com o Juscelino, acertaram a coisa e esboçou-se um início de campanha popular. Mas o Lacerda entrou mais de corpo e alma no problema do que o Juscelino e o Jango. Esses não contribuíram.

L.H. - E o Jânio, ninguém tentou incorporá-lo na Frente Ampla?

F.T. - Acho que não. Não havia credibilidade para o Jânio. Não me lembro, sinceramente não me lembro. Ou houve uma tentativa qualquer, alguém o procurou, mas ele não aceitou...

L.H. - E dentro do país, do ponto de vista de aumentar os apoios, que tipo de trabalho vocês estavam fazendo? Quem mais vocês incorporavam nessas conversas?

F.T. - Foi feito um trabalho amplo, com o PTB, cassados, não cassados... Porque ainda havia na Câmara... Houve um movimento grande de ampliação da Frente Ampla quando cassaram o Lacerda, e aí endureceu: cassaram o Renato, cassaram vários deputados, e acabou-se a Frente Ampla.

L.H. - Baixaram o AI-5, não é?

F.T. - Baixaram o AI-5. Quando houve eleição em que se elegeu aqui o Marcito e aquele pessoal, a coisa fugiu um pouco do nosso controle porque, na medida em que baixaram o AI-5, essas dissidências esquerdistas resolveram partir para a guerrilha urbana, que tomou corpo, e nós ficamos de fora.

L.H. - O que vocês achavam desse tipo de solução?

F.T. - Péssima! Nós vimos a coisa com muita clareza de saída: que não era possível derrubar a ditadura com esse tipo de movimento, que só ia fortalecer a ditadura. Então combatemos. É claro que não se condenava aqueles rapazes, moços, entusiasmados, honestos até, mas com uma visão deformada do processo, mas firmávamos a idéia da luta política de massas.

L.H. - Como vocês receberam a notícia de que o Brizola estaria de alguma forma pretendendo financiar ou financiando aquela guerrilha em Goiás?

F.T. - Caparaó, tudo isso... Ficamos contra! E ele sacrificou gente! O Boiteaux foi uma vítima de Caparaó, porque acabou preso, exilado.

L.H. - E o problema de um dinheiro que o Fidel teria mandado para o Brizola, e que até hoje não se sabe direito.

F.T. - Ah, havia dinheiro! Fizeram um campo de treinamento em Caparaó! Valia a pena gravar a descrição do coronel Jeferson Cardim Osório, que invadiu o Brasil junto com um sargento! Você morre de rir! O Brizola negou-se a dar dinheiro, mas apoiou a invasão. Invasão de dois: um coronel e um

sargento. [risos] Foram por ali, tomaram uma cidade e acabaram reunindo um grupo de umas 20 ou 30 pessoas que invadiram Santa Catarina e Paraná, onde afinal foram liquidados.

L.H. - O "exército de Brancaleone!" Porque 30 pessoas... [risos]

F.T. - É , 30 pessoas! E morreu um sargento das hostes governistas. Então eles prenderam o coronel Jeferson Cardim e ele foi barbaramente torturado. Foi levado preso para um batalhão de Foz do Iguaçu, botaram-no lá no centro e fizeram desfilar toda a unidade, soldados e tudo, para cuspir nele! Esse coronel foi processado e condenado a dez anos de prisão; pagou os dez anos de prisão. Veio a anistia, foi anistiado, o Walter Pires o anistiou. Aí o Superior Tribunal Militar cassou a anistia, porque ele tinha participado de um crime de morte. Ele não participou de um crime de morte, participou de uma revolução, e morre gente em revolução! Mas é muito engraçada a descrição dele; ele faz muita carga... Agora ele está exilado de novo, está em Paris.

L.H. - Pelo que estou entendendo, até o AI-5 a coisa ainda estava correndo, na área militar, muito ainda dentro do figurino, pelo processos legais. Quer dizer, prisões pela patente, IPMs... Depois do AI-5 foi que essa coisa da tortura, da repressão começou?

F.T. - Foi depois do AI-5 que começou. Quando a junta assumiu e elegeram o Médici, eu fui preso - foi a tal "operação pente-fino."

L.H. - Como foi sua prisão?

F.T. - Nessa época eu tinha um cursinho - curso primário e segundo grau, para ver se fazia alguma coisa. O curso era à noite, e eu estava em casa esperando a hora de ir para lá - até estava com o Fadul. Quando saímos de casa, o Modesto da Silveira estava parando o carro, o Fadul foi embora, e eu fui falar com o Modesto: "Ah, eu estou de saída, Modesto." E ele: "Eu vim aqui para avisar o seguinte: eu estava agora na III Zona para tratar da liberdade de um preso, quando vi a seguinte cena. O comandante da Zona" - era um sujeito que me devia um milhão de favores, o brigadeiro Bordeaux - "recebeu uma ordem, virou-se para um oficial que estava perto dele e disse: `Olhe, fulano, você não quer tirar uma forra do Teixeira?" - e o Modesto ouvindo. "Por quê?" - perguntou o outro. "Porque está aqui uma ordem de prisão para ele." - era uma relação com os nomes de uns cinco ou seis. "Você não quer ir prendê-lo?" E o outro respondeu: "Não, que eu não sou vingativo." O Modesto então saiu de lá e foi me avisar que eu ia ser preso. Até deu-se uma coisa muito engraçada, porque um mês antes tinha sido restabelecida a pena de morte. Eu até pensei: "Vou fugir, me esconder." Estava naquela dúvida, quando me lembrei. "Bom, uma pessoa que eu sei que não está fazendo nada é o Scaffa." - o coronel Scaffa, que era nosso companheiro. "Vou ver qual é a opinião do Scaffa." Isso era, digamos, quatro horas da tarde, e, como o Scaffa morava perto de mim, fui até a casa dele. Contei o fato, e ele me gozou: "Ah, o senhor deve ser preso, brigadeiro! Vai ser o primeiro em cima de quem vão aplicar a pena de morte." Eu ri muito, mas saí de lá pensando: "Bom, vou ser preso: deixe eles me prenderem." Peguei um ônibus para ir para o curso, e do ônibus, vi a Iracema na rua, chamei, ela entrou no ônibus, eu contei a história e fomos para o curso. E o mais engraçado: o Scaffa foi preso antes de mim. Porque primeiro eles foram lá em casa, não me encontraram, foram na casa do Scaffa e o prenderam. Depois foram até o curso e me prenderam lá. Esse era um momento muito duro do problema, porque mandava na Aeronáutica o Burnier, que era o chefe-de-gabinete do Márcio, que era o ministro.

L.H. - Pois é, muito diferente da situação de 64.

F.T. - De 64, 65... Bom, foram no curso me prender, e foi uma cena desagradável, porque o sujeito chegou e disse: "O senhor está preso!" Eu perguntei: "Cadê as suas credenciais?" Ele mostrou: era um tira lotado na III Zona!

L.H. - Já não era mais um brigadeiro que o ia prender?

F.T. - Nem um oficial, eram três tiras, porque tinha mais dois ou três lá fora. Mas eu disse: "Não vou! Não sei quem você é, esse documento pode ser falso, você pode estar aqui me seqüestrando..." Ele disse: "Olhe, brigadeiro, eu não lhe aconselho a resistir: o senhor vai apanhar aqui na frente da sua mulher." Eu então pensei e acabei concordando: "Ele vai me levar para a III Zona, e eu vou cair na mão do Burnier." Mas o carro pegou a praia de Botafogo, passou pela III Zona, seguiu. Então deduzi: "Bom, se não vamos para a III Zona, vai ser Santa Cruz," - porque ele entrou na avenida Brasil - "o que é pior ainda, porque é longe como o diabo!" Mas quando chegamos na Vila Militar, ele entrou e eu fiquei preso lá.

L.H. - Desta vez no Exército?

F.T. - No Exército, sem mais nenhuma contemplação. O oficial de dia, o superior de dia, que devia ser um major - não sei o nome dele - me revistou e disse: "O senhor vai ser preso." E me mandou para o campo de Jericó, onde eu fiquei uma noite. Era um pavor aquilo! Mosquito, mosca, uma coisa horrível!

L.H. - O senhor ficou numa cela?

F.T. - Não, era uma sala grande com uma cama. Mas os oficiais chegavam lá, conversavam, acho que mais por curiosidade de falar ou vigilância, mas chegavam, conversavam. No dia seguinte de manhã fui para um batalhão da Escola de Intendência. O comandante era um major muito correto - era até um escurinho -, me botou num quarto bom... Mas o meu comportamento era de não pedir nada, não reclamar nada, não dar uma palavra. Fiquei lá, ele me tratando com muita consideração, mas incomunicável, isolado. Passaram-se uns dias, ele passou a me visitar de manhã, me convidava para dar uma volta, eu ia com ele, conversava, muito amável, muito respeitoso. Um dia ele disse: "Olhe, brigadeiro, eu tenho pedido muitas instruções ao meu superior" - que era o comandante da Vila Militar, o general Dutra de Castilhos...

L.H. - Irmão do Altemar Dutra de Castilhos, que foi presidente do Botafogo?

F.T. - Exatamente, e eu o conhecia muito, porque sou botafoguense, até na véspera de ser preso estive com o Altemar. Então o major disse: "Tenho pedido instruções ao meu superior, e ele não dá a resposta. Mas o senhor hoje tem o quartel por menagem, vai passar a fazer as refeições lá no rancho etc." Eu disse: "Muito obrigado." Aí eu ia almoçar, jantar até eu e o oficial, mas...

L.H. - O senhor despertava alguma curiosidade no quartel?

F.T. - Muita, muita! Tinha um oficial que era amigo de um filho do Scaffa que foi oficial do Exército, eram contemporâneos de escola, que disse: "Puxa, aquele brigadeiro é um sujeito de uma dignidade total. Já tivemos vários presos aqui, mas ele não pede nada, não reclama..."

L.H. - Mas eles sabiam que era um perigoso subversivo que estava preso lá? [risos]

F.T. - Subversivo perigosíssimo e tal, mas me tratavam com uma simpatia muito grande. Uma vez o comandante deu uma festa lá. Eles patrocinavam escolas, então aquela unidade patrocinava uma escola pública na Vila Militar, e ele deu um lanche ou um almoço para as professoras, os alunos, e me convidou. Eu disse: "Mas, major, é melhor eu não ir porque..." "Não, senhor!" E me colocou ao seu lado, me tratou muito bem, só faltou fazer discurso! Depois quebraram a incomunicabilidade, a Iracema podia ir lá me visitar com os netos, os filhos também iam... Aí o Aluísio foi preso.

L.H. - Esse é um outro capítulo para se ver como essa coisa bateu na sua família.

F.T. - Bateu na minha família. Porque o Aluísio, meu filho, estava foragido, escondido, mas, por uma inadvertência, foi a um aniversário na casa de um outro irmão meu - não era o Lino - e, quando desceu para ir embora, o prenderam na porta. A Iracema estava lá, mas não me avisou nada... Nesse intervalo, eu fui ouvido no IPM por um oficial da Aeronáutica. Porque aquele capitão médico que estava na minha casa em 64, quando fui preso, acabou vítima de perseguições, foi transferido para Santos e, quando vinha para o Rio, foi preso. Foi ouvido no IPM, citou o meu nome, então foram me ouvir. A pergunta era a seguinte: "O capitão Landeiro" - era o nome dele - "disse que o senhor é socialista." - acho que ele não falou comunista. "Nós queremos saber se o senhor é socialista." Eu digo: "Bom, o capitão Landeiro disse isso porque conversou muito comigo, é a opinião dele. De forma que vamos aceitar a opinião dele. Eu não lhe digo nada: ele acha que eu sou, sou capaz de ser mesmo." Mas fui ouvido, e também não houve problema nenhum. Então a Iracema me comunicou que o Aluísio tinha sido preso, e eu fiquei chateado. Ela só me avisou porque sabia que eu ia ser ouvido nesse IPM e ficou com medo de que...

L.H. - O senhor fosse informado pelo homem do IPM.

F.T. - Eu ia ficar chateado, então ela me avisou. Eu disse: "Mas que facilidade a dele de ser preso nesta fase!" Porque era a fase áurea de torturas.

L.H. - Dá uma sensação de impotência muito grande, não?

F.T. - Uma impotência muito grande. Depois que fui solto, fui visitá-lo na ilha das Flores, e ele tinha sido torturado, mas já havia parado as torturas.

L.H. - Mas como o senhor, sendo pai?

F.T. - Ah, é uma tragédia, a coisa!

L.H. - E o senhor, militar, vendo a corporação exercer a função de polícia!

F.T. - De polícia! Ele estava na Marinha. Se fosse na Aeronáutica...

L.H. - Estava no Cenimar?

F.T. - No Cenimar, foi torturado no Cenimar. Nessa época já estava na ilha das Flores.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Mas o Aluísio me disse: "Olhe, pai, o negócio é o seguinte: eu vou ser ouvido de novo." O torturador era um tira do Cenimar muito conhecido, um pernambucano que já atuava há anos. "Ele me comunicou que vai me ouvir amanhã ou depois de amanhã." Eu pensei: "Ele vai ser torturado." E eu fiquei chateado. Aí procurei o Suzano, porque eu fui de Marinha e tinha colegas de turma eminentes, um era chefe do Estado-Maior... Então fui procurar o Suzano e disse: "O que vamos fazer, Suzano?" E a mulher dele, a Geovina, que era um azougue - já morreu também -, disse: "Vamos ligar para eles!" E começou a ligar para os meus colegas de turma. Eu falei com uns dois ou três que estavam na ativa, e um deles agiu muito, talvez tenha até ajudado o Aluísio, porque fez um escândalo na hora do almoço - não sei se ele já era chefe do Estado-Maior - contra aquilo: "Como é que a Marinha faz uma coisa dessas, torturando o filho de um colega nosso!" Também liguei para o Acir Carvalho Rocha - já morreu, os dois já morreram - porque os dois sobrinhos dele eram oficiais de Marinha torturadores do Cenimar. Os dois!

L.H. - Que profissão!

F.T. - Uma profissão tremenda! Então liguei para ele e disse: "O problema é o seguinte, Acir: eu não quero que se solte o meu filho, não estou pedindo isso, mas acontece que ele vai ser ouvido amanhã e, segundo consta, vai ser torturado. Eu estou chamando sua atenção para este fato." Ele disse: "Você sabe que nós temos idéias completamente diferentes," - já se defendendo - "mas eu vou ver isso." E não viu nada. Mas o outro, parece que agiu, e o fato é que o Aluísio não foi torturado, ficou lá preso. Depois nós metemos o Osvaldo Mendonça, que começou a atuar. Foi aí que entrou esse Nelson Barbosa, que na época ainda não era ministro, era o procurador-geral da Justiça Militar. Veja como é engraçado: numa época em que ele era candidato a ministro, eu, com o filho preso acusado de ser comunista, de rearticular o Partido, fui procurá-lo, e ele me levou ao promotor que estava atuando no processo do Aluísio, o Walther Wigderowtz. Aliás, eu o conhecia de rua, na infância. Chegando lá, o Nelson Barbosa disse: "Olhe, Walther, esse aqui é o Brigadeiro Teixeira. É meu irmão. Quero que você faça pelo filho dele o que puder!" Ele procurador-geral da Justiça Militar! E com o Osvaldo Mendonça atuando, conseguimos relaxar a prisão preventiva do Aluísio.

L.H. - Quer dizer, havia ainda alguns laços que não passavam pela divisão ideológica.

F.T. - Mas esse camarada era meu amigo, ele e o irmão, o Sílvio. O Sílvio foi quem me levou a ele, era advogado, promotor da Aeronáutica, mas o Nelson era o importante. O fato é que o Osvaldo entrou com o pedido e o auditor relaxou a prisão preventiva. O Aluísio não foi a julgamento, foi condenado a um ano, à revelia, e caiu na ilegalidade.

Depois disso houve a minha segunda prisão. Porque eu fiquei com o Aluísio na ilegalidade, com o Luís Jorge no Chile e com eles atrás da Maria Lúcia. Eu aconselhava a Maria Lúcia a não cair na ilegalidade, porque ela tinha três filhos na época. E eu, que vivia do montepio, já estava ajudando um

pouco o Aluísio, que já tinha uma filha nessa época. Então a Maria Lúcia, que estava até meio separada do Werneck - parece que estava separada, ele estava no Chile, tinha ido exilado -, mudou-se; eu morava em Botafogo, em cima do cinema Veneza, e ela alugou um apartamento perto. Então ficou ali, e eu sentindo a pressão em cima dela, já não era mais em cima de mim, eles em cima dela, em cima dela, procurando por causa daqueles processos do Partido, não sei o quê, até que uma tarde nós sentimos... Primeiro foram na casa dela, ela não estava, quebraram o telefone, fizeram uma violência qualquer. Depois, uma noite, foram lá em casa, mas não entraram, procuraram por ela na portaria. O fato é que, à noite, eu resolvi ir ao apartamento dela e estava lá quando eles chegaram. Eu nem vi que a diligência era grande. Chegaram, tinha até um barbadinho, e eu falei com ele: "O que é?" Ele disse: "Nós viemos aqui prender a Maria Lúcia Werneck Viana." Eu digo: "Tem ordem?" E ele: "Temos aqui." Eu então a aconselhei a ir, a enfrentar, não queria que ela fugisse. Aí ela virou-se para mim e disse: "Você não quer ir comigo até lá?" Lá era a PE.

L.H. - Na Barão de Mesquita?

F.T. - Na Barão de Mesquita. Eu digo: "Vamos." Aí cheguei para o barbadinho e disse: "Eu posso ir com ela até lá?" Ele sabia que eu era brigadeiro, naturalmente pensou: "Bom, se eu disser que não, ele vai resistir, e eu vou ter que dar um tiro nele, vou ter que fazer uma violência." Topou, e lá fui eu. Ainda avisei a Iracema, mandei meu filho mais moço ir lá avisá-la. Não sei se ele estava comigo, sei que na época ele tinha uns 16 anos, e acabou fugindo da polícia: houve uma violência lá no prédio - eu aliás acabei tendo que me mudar -, deram uns tiros nele, mas não pegaram, e ele fugiu. Então eu fui com a Maria Lúcia para a PE. Entramos no carro - o barbadinho dispensou um porque eram dois ou três carros, uma diligência grande. Mas eu fui com ela. Quando chegamos na porta da PE - nesse tempo só botavam capuz quando você entrava -, ela disse: "Meu pai, você não quer entrar aí comigo?" Eu pensei: "Puxa, tenho que dar uma força a ela, não é?" Então disse: "O[^], tira, posso entrar com ela?" E ele: "Bom, agora eu não posso resolver. Um momento." Foi lá dentro e falou com o torturador do dia, o oficial que achou uma delícia prender esse brigadeiro!

L.H. - Em vez de um, dois, e ainda mais um brigadeiro!

F.T. - Uma beleza, um brigadeiro! "Pode entrar." Providenciaram um capuz para mim e eu entrei na PE - era uma quarta-feira, se não me engano. Entramos na PE, com capuz e tal, e eles: "Fique aqui em pé! Fique encostado aí! Suba, suba!" Dali a pouco me tiraram o capuz e eu estava numa cela. Ainda vi a Maria Lúcia entrar. Era uma coisa assim: havia um corredor aqui e um corredor ali, a cela dela era ali e a minha, aqui. Eu via a cela dela.

L.H. - O senhor ficava na diagonal, digamos?

F.T. - Na diagonal, exato. Quando vi ela entrando na cela, pensei: "Puxa, mas que papelão eu fiz! Agora estou aqui preso, me mandam para o Burnier, que está torturando na Aeronáutica, e eu não vou poder fazer nada para tirá-la daqui. Mas, em todo caso, fico." Nessa mesma noite meteram um capuz na Maria Lúcia, ela saiu, e eu fiquei num desespero desgraçado, porque pensei: "Estão torturando." O engraçado foi que até o soldado que fazia guarda achou que eu estava... e disse: "Mas o senhor está preocupado... O que é? Por que o senhor não dorme?" Eu digo: "Não posso dormir com a minha filha..." E ele: "Mas não vai acontecer nada. O senhor quer que eu apague a luz?" - tinha uma luz - "para o senhor dormir?" Eu disse: "Não precisa, não." Foi amável. Mas eu fiquei acordado, não dormi.

Lá pelas duas horas da manhã, sei lá, ela apareceu e fez um sinal para mim de que estava tudo bem. Aí eu dormi. Nisso ficamos: ela foi ouvida várias vezes...

L.H. - O senhor, não?

F.T. - Eu fui só uma vez. Meteram um capuz em mim, e o sujeito fez uma voz debochada: "O senhor aí, quantos filhos tem?" Eu digo: "Três: Maria Lúcia, que está aqui, o Aluísio e o Raul" - que era o outro. "E o Aluizinho, onde é que ele está?" Eu digo: "Não sei." - o Aluísio já estava na ilegalidade. E ele: "Ah, ele está esperando que prescreva, não é?" Eu digo: "Provavelmente." Pronto, me mandaram embora. Depois fui para a identificação. Aliás, deu-se uma coisa muito engraçada. Fui me identificar com um oficial do Exército, primeiro-tenente ou capitão no máximo, meio debochado também. E ele começou a perguntar: "Que cursos o senhor tem? Tem curso superior?" Eu disse: "Eu tenho isso, isso e isso. Aliás, não sei se isso vale, acho que não vale nada..." Acabou que esse sujeito era filho de um oficial do Exército, grande companheiro nosso nas lutas do Clube Militar. Depois contou a um amigo que, quando ele viu que eu era brigadeiro, ficou meio assim... Era lá da PE, não sei se era torturador também.

L.H. - E quem era esse companheiro seu, o pai dele?

F.T. - Era o Oscar Bastos, que foi tesoureiro da *Revista do Clube Militar* quando eu era diretor da publicação. O filho dele era oficial do Exército e estava na PE. Quer dizer, ele deve ter dado um desgosto danado ao pai, não é? Porque para ir para a PE... Aí, ficamos naquela coisa uns cinco, seis dias. Porque aconteceu que o Osvaldo Mendonça soube da minha prisão, encontrou-se com o Grün Moss, que era ministro do Supremo Tribunal e meu inimigo político, mas com quem eu sempre tive muito boas relações, e disse: "Imagine você, ministro, prenderam o Teixeira!" "Mas prenderam o Teixeira?" "Pois é, a filha dele foi presa..." E contou a história. Disse o Moss: "Mas isso é caso de *habeas-corpus*, porque não é uma prisão política. Esta prisão não tem nada de política, porque prenderam a filha e levaram ele..." E o Osvaldo Mendonça fez um *habeas-corpus*, que *O Estado de São Paulo* publicou na íntegra, o Hélio Fernandes publicou na íntegra, e *O Globo* e o *Jornal do Brasil*, nada. Mas o fato de publicarem já alertou, porque a autoridade tem que informar, tem que informar. Então, nessa noite, lá na PE, eu notei que estava um clima ali na guarda... Sabe como é, negócio de quartel...

L.H. - Havia uma movimentação?

F.T. - É, estavam mais atentos e tal. Dali a pouco, apareceram dois sujeitos à paisana, chegaram no corredor onde estava a Maria Lúcia e começaram a conversar olhando para mim. Eu, discretamente, de dentro da cela, fiquei vendo aquilo. Depois foram para a cela da Maria Lúcia, olharam lá para dentro e saíram. Um dos presos ao lado, que era um advogado, falador e tal, disse para mim: "Brigadeiro, sabe quem são esses aí? Um é o comandante da PE e outro é um general."

L.H. - Mas estavam à paisana?

F.T. - À paisana. Eu digo: "Não conheço, não." - o que ele disse que era general, devia ser do Exército. Bom, os dois foram embora, e dali a pouco chegou um dos guardas com uma caneca de café só para mim. "O senhor quer café?" Pensei: "O negócio está mudando aqui." Tomei o café, e depois até

me arrependi, porque podia ser remédio, não é? Aí virou-se o advogado: "Puxa, estão te tratando a pão-de-ló, hem?" O guarda foi até a cela da Maria Lúcia e deu café para ela também. Eu digo: "Bom, a coisa está mudando." Eu não sabia nada do *habeas-corporis*, mas pensei: "Acho que estão se mexendo lá fora." No dia seguinte, de manhã cedo, apareceu um oficial. E logo vi que era oficial pelo respeito dos guardas.

L.H. - Por quê, estavam todos à paisana?

F.T. - Não, os guardas, os soldados, estavam fardados, mas os oficiais estavam à paisana, e só se tratavam de "doutor." "Ah, doutor, e tal..." Era doutor para cá... Ele então chegou na frente da minha cela, e o advogado da cela ao lado começou a reclamar.

L.H. - Quem era esse advogado?

F.T. - Eu não guardei a cara dele. Até uma vez, depois da prisão, eu me encontrei com ele, ele falou comigo, mas não me lembro o nome dele. Era do PTB, e estava preso na PE. E ele, reclamando: "Doutor, estou preso aqui há não sei quantos dias, tenho uma porção de causas lá fora e estou perdendo uma fortuna!" E o oficial disse: "Vamos ver o seu caso." Aí o soldado virou-se para ele e disse: "Olhe, doutor, tem o caso desse senhor aqui." Eu digo: "Um momento, doutor: o meu caso não é nada parecido com o do advogado, não. O meu caso é o seguinte: eu tenho Cr\$50,00 lá em baixo, um dinheiro qualquer e quero comprar cigarro. Esse é que é o meu caso." E ele: "Está bem! Não se preocupe, não, vamos resolver." Aí cochichou comigo: "O senhor fique tranqüilo que nós vamos fazer uma bola desse seu problema, vamos dar um chute, e o senhor vai sair daqui." Eu então perguntei: "Mas a minha filha também?" E ele: "É, talvez ela também saia." Isso foi, assim, entre oito e dez horas da manhã. Aí ele saiu, mas dali a pouco voltou e me perguntou: "Brigadeiro, me desculpe a pergunta, mas o senhor foi ministro da Aeronáutica?"

L.H. - Quer dizer, já chamando o senhor de brigadeiro?

F.T. - Já me chamando de brigadeiro. Eu digo: "Olhe, doutor, o senhor veja como são as coisas: é por isso que eu estou aqui, porque sempre acham que eu fui coisas que nunca fui. Eu fui chefe-de-gabinete do ministro." "Ah..." Riu e tal, e foi embora. De fato, uma hora depois chegou o cabo da guarda e disse: "Arrume as coisas." Eu arrumei as coisas, me botaram o capuz e descí.

L.H. - E a Maria Lúcia?

F.T. - A Maria Lúcia, nada. Bom, eu descí, cheguei lá, tirei o capuz... Era para me devolver os pertences, relógio, dinheiro, o que eu tinha deixado lá. Aí o sujeito - era um major, mas eu não soube o nome dele - me disse: "Brigadeiro, eu conheci o senhor." Eu disse: "Ah, conheceu?" E ele: "Conheci. O senhor não tirou a Escola Superior de Guerra no ano tal assim, assim?" Eu disse: "Tirei." "Eu era assistente de secretário de um general Castelo Branco," que comandou a região em Fortaleza, e ele também estava tirando o curso. "Ah, está bem... "Eu não tenho nada com isso aqui, brigadeiro. Sou apenas do rancho, trato com negócio de material, não tenho..." Como quem diz: "Eu não torturo ninguém." Eu quase que disse a ele: "Puxa, mas o rancho aqui é péssimo." Mas não disse nada. Dali a pouco chegou a Maria Lúcia de capuz. Quando tirou o capuz me viu, já ficou mais aliviada.

[FINAL DA FITA 17-B]

9ª Entrevista: 06.02.1984

L.H. - Brigadeiro, eu queria retomar uns temas que a gente passou um pouco de raspão na última entrevista, começando por aquele famoso caso Para-Sar. Aliás, eu queria até perguntar o seguinte: o que é exatamente Para-Sar?

F.T. - Para-Sar é uma unidade criada para trabalhos na selva, para a recuperação de pessoas, então tem pára-quedistas, homens muito treinados para esse tipo de trabalho, aliás, seja dito de passagem, humanitário.

L.H. - Seria uma unidade de salvamento, uma coisa assim?

F.T. - De salvamento, só de salvamento. Por exemplo: se cai um avião, eles localizam o avião, jogam os pára-quedistas, socorrem quem ainda estiver vivo, tiram... Em suma, é uma unidade de busca e salvamento.

L.H. - Quando foi criado o Para-Sar?

F.T. - O Para-Sar funcionava inicialmente na Escola de Aeronáutica, no Campo dos Afonsos, quer dizer, era uma subunidade da Escola de Aeronáutica. E aquele rapaz, o capitão Sérgio, Ribeiro Miranda de Carvalho, muito dedicado àquele tipo de serviço, àquele tipo de trabalho, queriam muito que o Para-Sar fosse transformado em uma unidade autônoma, com vida administrativa própria e subordinada à Diretoria de Rotas, que justamente cuida desse problema de transporte aéreo, de proteção ao vôo.

L.H. - A Diretoria de Rotas tem alguma coisa a ver com o Comando de Transporte Aéreo?

F.T. - Não, não tem nada. O Comando de Transporte Aéreo executa o transporte aéreo; a Diretoria de Rotas é superior ao Comando de Transporte Aéreo.

L.H. - A Diretoria de Rotas é o órgão que planeja?

F.T. - É o órgão que planeja a parte de comunicações, organiza as rotas aéreas, tudo é com a Diretoria de Rotas.

L.H. - Inclusive a aviação civil?

F.T. - Não, a aviação civil usa a Diretoria de Rotas. A Diretoria de Rotas cria a infra-estrutura para a aviação civil e a aviação militar operarem, compreendeu? Eu até concorri muito, ainda quando na ativa, antes de 64, para transformar essa unidade em uma unidade autônoma, tanto que aí foi que eu conheci o Capitão Sérgio, que era muito entusiasmado por aquilo. Ele era intendente, quer dizer, devia cuidar dessa parte administrativa, mas nunca fez serviço de intendência, sempre se dedicou ao pára-

quedismo, ao Para-Sar, a essa unidade do Para-Sar. Daí eu fiz um certo relacionamento com ele, muito ligeiro, e ele ficou muito grato, todos gostaram muito, porque eu intercedi junto ao ministro da época, já às vésperas de 64, em 63 talvez, para dar autonomia administrativa ao Para-Sar. Então o Para-Sar passou a ser uma unidade não mais subordinada ao comandante da Escola de Aeronáutica, mas subordinada à Diretoria de Rotas Aéreas, que era chefiada pelo brigadeiro Itamar Rocha quando estourou o problema do Para-Sar, no ano de 69 ou 70. E foi ele quem saiu em defesa do Sérgio. Então o Para-Sar era uma unidade com esse objetivo. Quanto ao incidente, eu tomei conhecimento... Depois de 64, minhas relações com o pessoal da ativa evidentemente eram nulas, para não dizer nenhuma, a não ser no caso de um amigo muito chegado etc. Então nunca mais vi o Sérgio, até que ele um dia realmente me procurou, por intermédio de um oficial da ativa com quem eu tinha relações, dizendo que queria conversar comigo. Nessa época, eu tinha o tal cursinho em Botafogo, e ele foi até me contar a história toda da tentativa do Burnier de utilizar o Para-Sar inicialmente na repressão às passeatas, e futuramente na repressão contra as pessoas de mais notoriedade na oposição ao sistema.

L.H. - Não houve uma história de explodir o gasômetro?

F.T. - Houve a história de explodir o gasômetro. Mas a primeira tentativa seria infiltrar o pessoal, porque o Burnier sabia que o pessoal do Para-Sar era muito disposto para a luta, para uma atividade assim mais violenta. Naturalmente ele sonhava com a utilização daquilo para a sua própria violência. Então eles se infiltrariam naquelas passeatas muito em voga na época - 68, 69 - para identificar as pessoas que das janelas dos prédios davam apoio às passeatas: se o sujeito jogasse papel, eles subiriam no prédio e o identificariam. Mas eles não aceitaram essa participação.

L.H. - Desde o início?

F.T. - Desde o início.

L.H. - O capitão Sérgio comandava essa unidade?

F.T. - Não, o comandante era um major médico, mas o Sérgio, que era capitão, era a segunda pessoa da unidade. E foi ele que me contou que o Burnier reuniu o pessoal do Para-Sar para propor essa participação.

L.H. - O Burnier era então...?

F.T. - Era o chefe-de-gabinete do ministro Márcio Sousa Melo. Então o Sérgio reuniu os oficiais do Para-Sar e protestou contra aquela forma de emprego, dizendo que aquela era uma unidade humanitária, não era uma unidade para um emprego político, para praticar violência contra a população. Em suma, protestou contra, e afinal não empregaram, porque já havia uma divergência. Em seguida ele contou que, antes dessa tentativa de emprego do Para-Sar, oficialmente, como repressão às passeatas, o Burnier o chamou para propor que seqüestrassem primeiro, dom Hélder Câmara - queria seqüestrar dom Hélder Câmara. E o Burnier lhe disse: "Você é um homem que pode fazer isso." Chamou-o para propor que prendesse dom Hélder e a mim, que fosse me buscar em casa e tal! E disse ainda: "Com relação a dom Hélder, a vantagem que você tem é a seguinte: você é um oficial, e todos os seus vizinhos estão habituados a verem você desaparecer, assim, por uma semana, porque vai para a selva... Então ninguém vai dar por falta. Eu lhe dou um avião com as pessoas que você escolher você

vai a Recife, a Olinda, seqüestra o homem, bota-o no avião e o traz para cá." "E o brigadeiro Teixeira?" "O brigadeiro Teixeira, você vai na casa dele e o seqüestra." Disse ele que ainda perguntou ao Burnier: "Mas, e se ele resistir? Porque ele pode resistir. Eu o mato..?" "Não, não mata, porque eu quero ver a cara dele." A idéia era me jogar de um avião a 40 quilômetros da costa, e ele queria ver a minha cara na hora que eu fosse jogado. O Sérgio me contou, não estou dizendo que o Burnier teria feito. Isto tudo ele me contou em 68. O AI-5 foi em 69...

L.H. - Em 1968, no final de 68.

F.T. - Ele me contou aquilo, e o nosso grupo ficou com aquela informação, que era uma bomba! Nesse tempo ainda havia Congresso aberto, ainda estava tudo normal, aparentemente normal. Então ficamos à procura do que fazer com essa informação. Divulgar na imprensa não seria bom, porque podia fechar o jornal. Então apareceu aqui no Rio um deputado de Pernambuco - era até suplente no exercício da função -, Maurílio Ferreira, um rapaz relativamente moço, e nós lhe demos todas as informações. E o Maurílio Ferreira fez um discurso na Câmara, às vésperas do AI-5, denunciando o problema do Para-Sar. Eles ficaram umas feras com a história e passaram a perseguir o Sérgio! Ele foi transferido para Recife, e fizeram ainda um processo acusando-o de falsificar saltos... Porque o militar que salta, que faz um certo número de saltos de pára-quedas faz jus a uma gratificação mensal de pára-quedista. Os pára-quedistas, como o aviador, o submarinista, têm uma gratificação da função, mas para isso precisam saltar de pára-quedas, ou voar, ou mergulhar do submarino.

L.H. - Isso conta mais horas de serviço?

F.T. - Não. Há essa gratificação, e na medida em que você tenha continuidade nela, você a incorpora quando passa para a reserva, o que é uma vantagem muito grande. Então ele foi acusado de falsificar vôos para terceiros se beneficiarem, não ele, porque ele saltava muito. Mas foi afinal absolvido, e o Burnier então aplicou nele o AI-5 no ano de 69, 70. A tal lista de pessoas a serem jogadas do avião tinha cerca de 40 nomes, inclusive o de Carlos Lacerda. Até na minha fase posterior e naquele momento de boas relações com o Lacerda, ele me contou que foi uma vez ao Ministério da Aeronáutica fazer um depoimento ou tratar de qualquer coisa, e então mandou um recado para o Burnier, dizendo que queria conversar com ele. Mas disse: "Quem quer conversar com você não é o Lacerda que você queria jogar do avião, é o Lacerda daquele tempo em que conspirávamos juntos e tal." O Burnier acabou não o recebendo. Então a lista era enorme: dom Hélder, Lacerda, vários deputados, provavelmente o Renato Archer, todo mundo estava na relação.

L.H. - E o senhor, que está sempre presente nessas listas. [risos]

F.T. - Eu também, e outros militares, outros militares! Então estávamos nesse problema, nessa fase.

L.H. - Mas como evoluiu esse caso?

F.T. - O caso evoluiu da seguinte maneira: logo que o Sérgio teve o convite para participar das passeatas como ação concreta, ele foi ao diretor de Rotas e deu parte do ocorrido. E o diretor de Rotas, Itamar Rocha, o brigadeiro, que era um homem muito discreto e não tinha nada de político, indignou-se com aquela tentativa, e sobretudo com o fato de o chefe-de-gabinete do ministro tentar empregar uma unidade subordinada a ele, sem consultá-lo. Então abriu um inquérito, e o inquérito...

L.H. - Viva a hierarquia nessas horas, não é?

F.T. - Viva a hierarquia, exatamente. Ele queimou-se com essa história e, apoiado pelo Eduardo...

L.H. - Parece que o Eduardo dedicou-se a isso.

F.T. - Dedicou-se ao problema do Sérgio, e o Cordeiro também. Porque o Sérgio era um sujeito de uma atividade danada! Então o Eduardo apoiou o diretor de Rotas e começou uma luta. Acabou que o diretor de Rotas foi exonerado, encostado, e o Sérgio foi punido pelo AI-5. Mas aconteceu o seguinte: o Burnier é incansável quando quer perseguir um sujeito. Como ele não podia fazer nada contra o brigadeiro Itamar Rocha, e o brigadeiro tinha um filho intendente - aí foi o fim do Burnier - ele abriu um inquérito contra o filho do brigadeiro, acusando-o de corrupção. Porque ele acusava muito os intendentes de receber propinas dos fornecedores, de dificultar os pagamentos... Então abriu um inquérito contra ele e mais oito ou dez intendentes. Ele forjou partes de fornecedores acusando os tais caras, que não tinham nada, não eram ladrões, pelo menos daquilo de que o Burnier os acusava. Então correu um inquérito, e ele prendeu os dez sujeitos, mas os prendeu aqui no Rio. E, para assustar os camaradas, os intendentes envolvidos no inquérito acusados de corrupção, ele designou um avião do Comando de Transporte e levou-os para Cachimbo. Quem conhecia o Burnier sabia que era para torturar. O Eduardo e o Délio levaram um susto com aquela coisa! O Itamar provavelmente foi ao Eduardo - isso já é especulação -, mas fato é que o Délio foi procurar o Figueiredo, que na época era o chefe da Casa Militar do Médici, e o Figueiredo, imediatamente, com a autoridade de chefe da Casa Militar, mandou ordem de o avião ir para Brasília com os dez intendentes. Interrompeu a coisa do Burnier! Aí o Burnier, que era petulante, pensou que tivesse sido ordem do Orlando Geisel, ministro da Guerra, e foi reclamar com ele - esta é a versão que me foi contada -, protestar contra a intromissão na aviação e tal. Mas o Geisel botou-o pela porta a fora, foi ao Médici e disse: "Ou esse sujeito sai da chefia de gabinete do ministro da Aeronáutica, ou saio daqui." Aí o Médici, a contragosto, chamou o Márcio e disse: "O Burnier tem que sair." E o Márcio: "Então eu saio junto com ele." Saíram os dois. Foi o fim do Burnier. E devemos isso, indiretamente, ao caso Para-Sar, segundo consta.

L.H. - Há poucos anos houve uma história de que o Burnier teria pedido um tribunal de honra para julgá-lo, e o Délio mandou arquivar tudo.

F.T. - Recentemente houve uma reportagem que trouxe isso à tona. Então o Burnier protestou, pediu um conselho de justificação, e o Délio, que conhecia bem a posição do Burnier no caso Para-Sar, negou, alegando que aquilo era desnecessário. Foi política do Délio para não se chocar com o Burnier, com quem ele já havia se chocado.

L.H. - Porque o Délio vem tentando fazer uma política de pacificação, não é?

F.T. - De pacificação, de...

L.H. - Mas o Sérgio até hoje continua sem...?

F.T. - O Sérgio lutou, tem lutado valentemente para voltar, porque foi uma injustiça tremenda a punição dele pelo AI-5, seu caso não teve nenhuma semelhança com qualquer outro caso de punição. Porque houve muita punição pelo AI-5, algumas de corruptos, militares e civis, que eles botaram para

fora pelo ato, mas a maioria delas foi política. Agora, com o Sérgio não foi nada disso: ele respondeu a um processo que o Burnier fez antes de botá-lo na rua, mas foi absolvido no Superior Tribunal Militar por unanimidade. Então ele lutava. Obteve a proteção ou o apadrinhamento do Eduardo, que fez uma carta belíssima ao Geisel, já na presidência, denunciando o Burnier como um insano mental que queria usar o Para-Sar para... Até é uma coisa muito bonita aquela carta do Eduardo, porque não casa inteiramente com a figura política do conservador que ele era. Ele disse que o Burnier, "esse insano mental", queria explodir o gasômetro, para jogar as autoridades no caso, atribuir o fato aos comunistas e desencadear uma perseguição. Uma carta muito bonita a favor do Sérgio. Mas houve várias *démarches*. Você já entrevistou o Sérgio?

L.H. - Não.

F.T. - Se entrevistar, ele contará. Inclusive no tempo do Geisel - deve ter sido no ano de 78 -, o Cordeiro conseguiu com o Golbery, que era chefe do gabinete civil, que o Sérgio fosse a Brasília para resolver o problema. Aliás, aqui para nós, eu até não simpatizava muito com o Sérgio, porque ele não se somou aos cassados.

L.H. - Ficou um caso isolado?

F.T. - Um caso à parte. Então nós não tínhamos nada com a sua luta, com o seu trabalho. Mas ele me contou isso pessoalmente - ele também é muito falador, então eu boto muita reserva no que ele diz. Mas parece que o Golbery o chamou, pediu que ele fosse reservadamente a Brasília, ele foi e hospedou-se incógnito num hotel, era para fazer um decreto revertendo-o ao serviço ativo. O Golbery então foi ao Geisel, que concordou com a proposta, mas disse: "Espere aí: esse caso é um caso, mas pode ser que a Marinha, a Aeronáutica e o Exército tenham outros casos semelhantes." E mandou alguém ir aos ministérios, não sei se civis também, para averiguar, e surgiram vários casos de pessoas punidas injustamente. Então ele disse: "Isso não é possível! Não posso fazer 30 decretos!" E a coisa morreu aí. Mas o Sérgio lutou muito para obter a anulação da punição, tanto que não aceitou a anistia, porque queria voltar com as promoções.

L.H. - Esse é que foi o problema: como ficou o caso do Sérgio com a anistia?

F.T. - Eu não sei bem, porque o Sérgio foi reformado, creio que em 70, já com o Márcio ministro do Médici, porque ele ficou no Ministério da Aeronáutica até 71.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Então o Sérgio, de 70 a 78, portanto durante oito anos, ficou como capitão. Porque o problema era que a anistia não possibilitava a promoção dos anistiados, quer dizer, eles não voltariam para o lugar que teriam direito se tivessem continuado na ativa. Então 90% não tinham mais condições de voltar, porque não tinham mais idade; digamos, um capitão reformado em 1964, com 38 anos, teria cinquenta e tantos em 1978 e não poderia mais ser capitão, já não teria idade para ser capitão.

L.H. - Por quê? Há limite de idade em cada posto?

F.T. - Cada posto tem um limite de permanência na ativa, e do capitão parece que é 50 ou 54 anos. Então a maioria não tinha condições de voltar. Eu, por exemplo, não teria mesmo, porque já tinha passado a idade-limite de permanência na ativa.

L.H. - O senhor teria caído na expulsória então?

F.T. - Na expulsória mesmo, exato.

L.H. - Mas criou-se um caso complicado: o que fazer com isso?

F.T. - Não voltou ninguém, e era o que eles queriam. A anistia, para os civis, foi realmente ampla, geral e irrestrita; para os militares, não foi nada! De sete mil e tantos punidos em consequência da Revolução de 64 - alguns não foram punidos pelos atos - só 19 sargentos conseguiram voltar! Dezenove sargentos!

L.H.- Nenhum oficial?

F.T. - Nenhum oficial! Porque além de haver o problema da idade, mesmo o sujeito tendo idade, se requeresse a volta à ativa, ainda teria que ser submetido a uma comissão. Este, a meu ver, é o aspecto político discriminatório de todas as anistias a partir de 35. Excetuando-se a de Jacareacanga, todas as anistias a partir de 35 tiveram uma cláusula, pela qual o sujeito, para voltar à ativa, teria que requerer, e o requerimento seria submetido a uma comissão nomeada pelo ministro da pasta, que julgaria o interesse da administração na sua volta. Isto é, político! Então, por exemplo, o filho do marechal Haskett Hall, que era coronel-engenheiro-aviador, tinha idade, porque a idade de coronel era 60 anos e ele tinha 59, e requereu. Eu até disse a ele: "Você vai fazer uma tolice requerendo. Em primeiro lugar, porque eles não vão dar a sua volta à ativa e você vai ser novamente humilhado. E aí fica a suspeita de que você é ladrão, é uma porcaria, porque não interessa à administração. Agora, se derem a sua volta, vai ser pior ainda, porque vão classificá-lo em Belém, até você cair na compulsória no ano seguinte." Ele requereu... não deu outra: o requerimento foi negado, porque sua volta à ativa não interessava à administração.

L.H. - Mas isso é muito complicado! A anistia, então, a rigor, não funcionou direito com vocês.

F.T. - Quando surgiu a campanha da anistia, nós fizemos uma emenda ao projeto do governo e trabalhamos por essa emenda. Estivemos inclusive com o Teotônio Portela, quando expusemos...

L.H. - Espere aí, o senhor está misturando as bolas: Teotônio Vilela e Petrônio Portela! [risos]

F.T. - Teotônio Vilela! Estou até misturando as bolas! Coitado do Teotônio, deve estar protestando lá! [risos] Bom, então nós expusemos a vantagem para o regime democrático de uma anistia ampla, geral e irrestrita, não só pela volta desses militares, que iriam compensar essa unanimidade existente hoje em dia, como também para aliviar o ambiente militar. Quer dizer, se esses sujeitos fossem anistiados criariam mais coragem para ter opinião, para... Esta é a nossa tese, que você já sabe. O Teotônio Vilela ficou entusiasmadíssimo com a história e me disse: "Eu nunca atentei para a importância desse problema militar, e agora sinto que não tenho mais tempo para ganhar o PMDB para tal posição. Mas

nós temos que conversar depois de isto ser votado." De fato, o PMDB lançou-se numa campanha, e no que ele estava realmente interessado era em soltar 19 presos políticos, que era o que existia naquela época: 19 presos políticos! Então surgiram duas emendas ao projeto: uma, do Djalma Marinho, que era senador pelo Rio Grande do Norte, liberal, tinha uma posição muito boa. E a outra emenda, a nossa, que foi apresentada pelo Paulo Torres, porque ele também era um general que já tinha sido anistiado, então compreendeu bem o nosso problema. Mas o PMDB tinha que escolher entre uma ou outra emenda, e escolheu a do Djalma Marinho, que aliás passou, embora vetada pelo Figueiredo em alguns aspectos que não nos atendiam. Quer dizer, foi essa a anistia porque lutamos, não mais para voltar à ativa, já que seria impraticável a volta à ativa por causa da idade, mas para acabar com a discriminação.

L.H. - Claro, e para ver vitoriosa uma tese.

F.T. - Exatamente. Mas eu queria contar a você uma coisa que esqueci da outra vez, que foi o seguinte: nessa época do Para-Sar, quando veio o Ato nº. 5, pelo qual cassaram tudo, acabaram com a Frente Ampla, liquidaram e foi retomado aquele poder ou revigorada a revolução autoritária etc., eu morava no Posto 6, onde fica hoje o Shopping Atlântico. E era uma série de casas, umas dando para a rua Copacabana, e outras para a rua Francisco Otaviano. Eu tinha chegado em casa - eram dez horas, dez e meia da noite - e até ia ver um futebol, um videoteipe, quando a campanha tocou. Naquele tempo, a TV Rio funcionava ali no Posto 6, e quem tocou foi um rapaz, que disse: "Eu sou da segurança da TV Rio e vi fumaça nesse prédio ao lado, então queria saber se o senhor sabe quem mora lá?" Eu disse: "Ali não mora ninguém, essa casa está vazia." E a proprietária, que era a Niomar, não alugava mais as casas, porque ela queria justamente vender tudo. Eu ainda disse: "Aliás, é até bom ver isso, porque a casa virou moradia de vadios que não têm onde dormir." "Ah, está bom, seu moço, eu vou lá." Foi lá, e cerca de meia hora depois, às 11 e pouco, voltou e me disse - eu não havia dito que era brigadeiro: "Foi bom o senhor me dizer aquilo, porque nós fomos até lá e não havia ninguém, mas tinha realmente umas brasas que nós apagamos. Em todo caso, se houver qualquer coisa, o senhor nos chame, que estamos ali na TV." Isso era 11 e tanto, eu fui ver o tal videoteipe, e só fui dormir à meia-noite e tanto. A minha casa era geminada com a outra, - era uma casa enorme -, em cima tinha um corredor: de um lado ficava a minha casa e do outro lado, a outra. Fui dormir à meia-noite, meia-noite e meia, e não ouvi crepitar de fogo, não senti fumaça, nem calor, nada! À uma e meia, quer dizer, uma hora depois, fui acordado pelos vizinhos - o Lino também morava lá -, porque a outra casa estava pegando fogo. Mas pegando um fogo que eu saí de pijama, senão morria queimado! Eu, a Iracema e um filho menor que eu tinha na época... Em 15 minutos destruí todo o andar de cima!

L.H. - Da vizinha?

F.T. - Da vizinha e da minha! O fogo passou para o lado de cá e pegou também na minha casa! A casa tinha dois andares, e em baixo não chegou a pegar fogo, porque o fogo foi posto em cima. Mas a outra casa foi toda destruída! Aí vieram os bombeiros e tal...

L.H. - O senhor dormia em cima ou em baixo?

F.T. - Eu dormia em cima. Em baixo eram só salas, e em cima havia cinco quartos. Eu dormia num quarto, o meu filho no outro, e o resto... Queimou tudo, tudo, tudo! Mas não ficou nada! O teto caiu! A Iracema tinha umas jóias, que por acaso eu até havia tirado do prego, e estavam lá em cima dentro de uma caixinha. Ela foi procurar e encontrou, ainda não tinham pegado fogo. Mas tudo, roupa... Eu saí de

pijama. Esse incêndio foi na madrugada de 27 de novembro, quer dizer, data da Revolução Comunista, uma data muito convidativa para uma ação contra mim. [risos]

L.H. - Em que ano foi isso?

F.T. - Em 1970.

L.H. - E que providências o senhor tomou?

F.T. - Bom, fui para a casa de um parente, e todo mundo ajudou, porque não tínhamos roupa, tivemos que arranjar, comprar e tal. Mas houve um inquérito. E eu comecei a pensar naquilo: "Ora, um incêndio de uma brasnha leva horas para pegar fogo, não se alastra com essa rapidez. Se à meia-noite e meia eu fui dormir, e meia hora, uma hora depois, o meu andar estava todo destruído, quer dizer que foi um incêndio técnico, um incêndio organizado e preparado para pegar fogo no meio da minha casa!" Logo, só podia ser o Burnier. A não ser que tivesse sido o sujeito da TV, mas isso era pouco provável, porque se ele tivesse posto fogo, não ia me chamar a atenção, não é verdade? E realmente, nessa época, tinham posto uma bomba numa TV em São Paulo, e eles estavam com muita preocupação com a segurança. Então eu abri um inquérito na delegacia ao lado e fui chamado para depor. E o comissário que estava fazendo o inquérito me identificou e perguntou: "A que o senhor atribui o incêndio?" Eu disse: "Política!" "Como, política?" Aí eu contei a ele: "Sou um oficial cassado, visado pela Aeronáutica, pelo "seu Burnier." Botei tudo para fora, ouviu? Ele ficou arrepiado.

[FINAL DA FITA 18-A]

F.T. - Quando dei minha versão, ele imediatamente interrompeu: "Está bom, levem o homem. Até logo!" E nunca mais me ouviu. Eu também, imagine! Naquela época alguém ia apurar aquilo? Era impossível apurar! Eu estou absolutamente convencido de que foi o Burnier que botou fogo na casa! Inclusive a escolha da data, 27 de novembro, dia da Revolução Comunista, foi para castigar um comunista. Aí vem a outra parte que eu também queria contar, afinal, a bem da verdade: passada essa coisa, eu, que realmente já estava numa situação difícil, porque estava demitido e tal, piorei ainda mais. Então recebi um telefonema do Lacerda, dizendo que queria muito conversar comigo - nessa época já tínhamos interrompido a Frente Ampla.

L.H. - E o senhor não o tinha mais visto depois que ele foi cassado?

F.T. - Não o tinha mais visto, porque não tive nenhuma oportunidade.

L.H. - Ele esteve preso, inclusive, não foi?

F.T. - Ele andou preso, exato, e eu também andei preso nessa fase. Então ele me chamou e disse: "Brigadeiro, estou lhe chamando pelo seguinte: eu sei o que aconteceu com o senhor e fui convidado para ser o redator de uma enciclopédia." Não sei se era das listas telefônicas, mas era uma enciclopédia. "Então eu queria convidá-lo para trabalhar comigo." Eu disse: "Mas eu não entendo nada disso, não sei português para..." E ele: "Não, o senhor sabe. Eu não posso pagar muito..." E falou o que havia

combinado. Eu disse: "Não vamos falar em salário." Em suma, acabei aceitando, e levei quase um ano - veja você o que é a vida! - trabalhando com o Lacerda na casa dele ali na praia do Flamengo. Eu ia lá toda tarde, e o trabalho era o seguinte: ele selecionava os verbetes, e eu pegava aqueles verbetes para verificar se havia algum dado... Em suma, dava uma idéia sobre o verbete, fazia modificações etc e tal. Uma vez ele me apresentou ao dono da editora, um rapaz magro, que eu não me lembro quem era, e eu achei que o sujeito foi muito frio comigo, mas me manteve no trabalho. E lá eu não tinha contato com ninguém, só com o Lacerda, com uma mocinha muito simpática que trabalhava com ele e com o filho de um coronel que ele também empregou - um coronel do Exército, coronel gorila, mas um gorila manso, lacerdista... Ficamos os três lá.

L.H. - Era o Heitor?

F.T. - Não, era um que foi diretor da Biblioteca do Exército. O rapaz até usava uma barbazinha, era moço ainda, um estudante de vinte e poucos anos.

L.H. - Mas o pai, quem era?

F.T. - O pai era um coronel do Exército, cujo nome agora eu não estou lembrando. Ainda está vivo, foi diretor da Biblioteca do Exército depois de 64, mas rompeu, ficou lacerdista, ficou mais com o Lacerda. Então, nesse período, eu até gozava de certa intimidade com o Lacerda, conversava muito a título de conversar sobre o trabalho, e foi assim a minha aproximação com ele. Mas uns seis ou oito meses depois, ele me chamou e disse: "Eu me aborreci com a enciclopédia." Eu digo: "Está perfeito, então até logo." E me despedi. Mas depois eu soube que a enciclopédia foi publicada com ele como redator-chefe. Houve uma imposição a que ele cedeu, e fez muito bem; eu não fiquei chateado nem quis apurar o que foi, mas acho que ele arranjou uma desculpa para me despedir. Mas ficamos amigos.

L.H. - E como foi sua experiência com o Lacerda durante esse tempo todo de convivência diária?

F.T. - Olhe, eu não guardo rancores, sou talvez muito político nessas minhas atuações. Então não tenho raiva de ninguém, nem mesmo do Burnier. O Burnier era um sujeito que eu não conhecia militarmente, quer dizer, ele nunca serviu sob o meu comando, nunca tivemos uma questão. Pois esse sujeito tomou-se de um ódio violento por mim! Quando ele era chefe-de-gabinete do ministro da Aeronáutica, nesse período de 69, 70, já se havia passado cinco anos da revolução, mas ele achou que era preciso lembrar aos jovens oficiais que tinham se formado depois de 64, quem era eu. Sabe que ele excursionava pelas bases com fotografias minhas dizendo: "Esse é um comunista que come crianças. É um assassino!" Para ninguém esquecer, compreendeu? Pois bem, eu não tenho rancor desse sujeito. O Lacerda fez uma campanha contra mim no seu jornal, foi impiedoso comigo! Essa minha fama de comunista devo a ele, que denunciava tudo, o irmão, o cunhado... Até um cunhado meu que trabalhava na Petrobrás ele botou no meio! Mas não me conhecia, nem eu a ele, nunca tínhamos tido nenhum contato. Quando houve esse contato político, puramente político, achei-o politicamente um sujeito muito capaz. Muito capaz, eu não digo, mas muito ousado, e estava com o mesmo ponto de vista que o nosso, com as mesmas convicções. Então fizemos um bom relacionamento. Depois estreitamos mais nossa intimidade, e eu tive uma boa impressão dele, ouviu? Tive uma boa impressão. Agora, é como eu digo a você: o Lacerda era um jornalista, essencialmente um jornalista. Não se pode dizer que fosse um homem de uma cultura extraordinária; agora, conhecia tudo o que era assunto, jornalisticamente, assim meio por cima e tal, mas conhecia.

L.H. - PHD em idéias gerais, não?

F.T. - PHD em idéias gerais, exatamente. E me lembro de uma vez que o capitão Sérgio foi procurá-lo, eu estava lá, e o Lacerda me chamou para ir recebê-lo. Ele estava preocupado com o Sérgio, porque o Sérgio queria fazer coisas, queria atuar, e como o Lacerda não tinha uma resposta para ele e não queria inventar coisas, prometer coisas, me levou. E fui eu que resolvi problema, mostrando ao Sérgio que as idéias que ele tinha na cabeça, os tipos de ação que recomendava eram inteiramente descabidos, nem tinham o apoio de ninguém. Quer dizer, estou mostrando que o Lacerda também tinha as suas dificuldades.

Uma vez, na época da Frente Ampla, eu fiz uma exposição, uma análise política qualquer da situação que estávamos vivendo, e então virei-me para o Lacerda e disse: - eu não sei como o chamava, se era de Lacerda ou lá o que fosse: "Não comente essa minha opinião junto aos seus amigos militares, porque se eles souberem que isso partiu de mim..." Mas brigadeiro, o senhor está muito enganado. Eu sempre recebi queixas do senhor, acusações do senhor, mas uma coisa vou dizer: o senhor era respeitadíssimo por todos eles." Foi gratificante aquilo. "O senhor era um homem respeitadíssimo por todos eles, não havia um que não..."

L.H. - Ouvir isso do adversário é mais gostoso, não?

F.T. - Ouvir do adversário é gostoso! Então foi esse o meu relacionamento com o Lacerda, e o que eu queria completar dessa fase da Frente Ampla: o incêndio, que para mim foi uma vingança do Burnier, e a minha aproximação com o Lacerda. Nos últimos tempos de sua vida só o procurei por telefone para cumprimentá-lo pelo aniversário, ele foi ao telefone, agradeceu, mas nunca mais o procurei, nem havia razão para isso: a corriola dele era outra, não era a minha. Parece também que ele, no fim da vida, ficou muito boêmio, negócio de beber, então não nos encontramos mais.

L.H. - Acho que o Lacerda foi o que mais perdeu em termos de apoio com a Frente Ampla, não foi?

F.T. - Ah, foi, foi. Porque ele não trouxe a turma dele, nem os militares ele trouxe. Eles romperam com o Lacerda até porque estavam querendo se acomodar com o sistema, e não lutar contra. Uma luta política, dura, que redundou em cassações, do Renato, daquela turma toda. Ele realmente não trouxe nada, ele perdeu.

L.H. - Muito pela própria atuação anterior, porque aqueles lacerdistas todos acabaram acreditando naquilo que ele dizia a respeito do Jango, do Juscelino, essa coisa toda.

F.T. - Exatamente. E não aceitaram a posição dele de conciliar, uma posição política correta, a meu ver. Eu o aconselhei muito sobre isso, o aconselhei muito.

L.H. - O senhor me falou uma coisa que eu achei muito interessante: que o Eduardo Gomes se dedicou muito ao caso do capitão Sérgio e escreveu uma carta muito bonita para o Geisel. E o senhor disse o seguinte: "Até não entendi bem, porque o Eduardo não era politicamente..." O que o senhor acha que o teria motivado a escrever essa carta ou a tomar conta do caso?

F.T. - Acho que o Eduardo já estava muito velho na época - isso foi em 70, ele devia ter setenta e tantos ou oitenta e tantos anos... - e apaixonou-se pelo Sérgio, não sei por quê. O Sérgio é realmente simpático, franco, era um militar muito competente, muito dedicado àquilo que fazia, e o Eduardo apreciava muito isso. O próprio Cordeiro! Eu não sei, também nunca me explicaram bem a razão desse apadrinhamento de um homem para quem, o mais cômodo afinal... É verdade que houve o seguinte: o Eduardo, o grupo eduardista, o Délio etc, já estava na luta franca com o Márcio - não digo com o Médici, não estariam em luta com o Médici - porque os métodos do Burnier eram muito drásticos: ele não promovia, ele agredia, perseguia. Naturalmente isso deve ter atingido o pessoal do Eduardo na ativa. Então ele trabalhava muito. Segundo, ele era muito chegado ao Itamar, aquele brigadeiro a quem eu me referi, que o Burnier perseguiu o filho e levou-o a pedir transferência para a reserva. Quer dizer, tudo isso deve ter concorrido para o Eduardo acabar sendo um admirador do Sérgio. E o Sérgio tinha trânsito, porque o Eduardo morava no mesmo prédio que o Lacerda.

L.H. - Exato; e ali morava também o Prado Kelly.

F.T. - E o Prado Kelly também, pois é. Mais de uma vez, umas duas vezes, eu cruzei com o Eduardo: eu descia do elevador da casa do Lacerda e ele subia, uma coisa assim. E várias vezes vi o Sérgio entrando lá.

L.H. - Como foram esses seus encontros com o Eduardo?

F.T. - Ah, muito secos. Porque houve o seguinte - eu não sei se já contei anteriormente: quando o Eduardo se candidatou pela primeira vez a presidente e que foi derrotado, ele ficou com horror a mim, porque achava que eu não votei nele, que eu não era eduardista e tal.

L.H. - O senhor no fundo era aquele a quem ele não conseguia seduzir?

F.T. - A quem ele não conseguia seduzir. Eu não aceitava a tese dele de derrubar o Getúlio para botar qualquer um. E quando houve o 11 de Novembro, pela posse do Juscelino, que eu fiquei com o Lott e ele não ficou, ele cortou relações comigo. Eu já contei aqui, ele foi para São Paulo etc... Ele cortou relações comigo a ponto do seguinte: eu morava no Posto 6, e o Café Filho morava na esquina da Joaquim Nabuco que fica a uma quadra. E o Eduardo era muito fiel "àquelas coisas, ia despachar com o Café Filho uma vez por mês, ia visitar o Café Filho... Uma vez ele estava saindo da casa do Café Filho - não me lembro se era domingo - e foi andando, assim, em diagonal para a calçada, para pegar um ônibus na porta da minha casa. E eu estava lá. Quando ele me viu, desviou e saiu fechado para não falar comigo. [risos] Isso aí foi depois da posse do Juscelino, bem depois da candidatura do Eduardo.

L.H. - As duas eleições em que ele se candidatou foram a de 45 e a de 50.

F.T. - E nas duas ele se queimou. Nessa do Juscelino até o candidato era o Juarez. Primeiro o Eduardo cortou relações comigo... Eu não sei se contei a você, mas eu não votei nessa primeira eleição do Eduardo.

L.H. - O senhor me contou que o encontrou nos Estados Unidos, e que ele disse que o perigo eram os militares, não foi isso?

F.T. - Não, isso foi depois. Quando houve esse encontro, eu estava tirando um curso de estado-maior nos Estados Unidos, e o Dutra, elegantemente, depois de o Eduardo ser derrotado, designou-o para tirar esse mesmo curso de quatro meses em Leavenworth. A minha turma tinha acabado o curso, e estávamos em Miami, quando o Eduardo chegou para iniciar o curso seguinte. Aí todos os militares da Aeronáutica combinamos de ir recebê-lo no aeroporto. Ele chegou, apertou a mão de todo mundo, a minha inclusive, e foi para o hotel. E eu estava no meu hotel, já rompido com ele, quando o Clóvis Travassos, que era adido nos Estados Unidos na época, foi até lá e disse: "Olhe, Teixeira, o brigadeiro quer conversar com você." Eu fiquei meio admirado. "Mas, conversar comigo?" Ele então explicou: "É, quer conversar sobre esse curso que ele vai tirar e que você está acabando." Eu disse: "Mas, Clóvis, em primeiro lugar, você também tirou esse curso, pode lhe dar todas as informações; segundo, ele tem aqui amigos do peito nessa turma, e vai escolher logo a mim?" E ele: "Ele está lhe esperando no hotel às tantas horas." Eu disse: "Está bom." E fui. Mas, para não ir sozinho, levei dois companheiros de turma, todos os dois de Marinha.

L.H. - Testemunhas? [risos]

F.T. - Testemunhas: um brigadeiro, na época coronel, que tinha servido comigo e era muito meu amigo, o Carlos Alberto Filgueiras Souto, e o Carlos Matos, de que falamos outro dia. Fomos lá, mas saímos do hotel, porque ele não queria falar sobre curso nenhum queria conversar. E começou falando sobre a eleição que tinha perdido e tal, aí virou-se para o coronel Souto e disse: "Souto, você se lembra quando, durante a campanha você me aconselhava a conversar com os comunistas, e eu recusei?" O Souto disse: "Mas, brigadeiro, eu não sou comunista." E ele: "Eu sei que você não é comunista. Aliás, o perigo não são esses que ficam calados," - e olhando para mim - "são esses que não dizem nada." Por aí você pode ver como ele estava danado comigo! Queria me dar umas alfinetadas, por isso me chamou lá. Mas passou, ficamos de relações cortadas, quando houve o problema da *Revista do Clube Militar*, que eu já contei. Foi então que ele disse que o perigo era o Exército e tal. Depois veio o negócio do Juscelino e ele ficou uma fera! Aí cortou mesmo relações!

L.H. - Ele tinha esperanças ainda?

F.T. - Não, mas ficou com ódio de todo mundo que apoiou o Lott. Não aceitou a posição do Lott, então cortou relações. Em 64, relações cortadas! Mas aí eu também cortei, não é? Cortei. Para você ver como era. Quando ele estava nessa fase de oposição ao sistema, ao Márcio etc., morreu um primo meu, o almirante Muniz Freire, que era muito amigo dele, e eu fui ao enterro. E ele também estava lá com o Cordeiro de Farias. E eu estava num canto no velório. Quando me levantei para sair, o Epaminondas, que ainda estava vivo, me chamou: "O[^] Teixeira, e tal..." Eu fui falar com o Epaminondas e esbarrei com o Eduardo e o Cordeiro. O Cordeiro, muito amável, falou comigo, e o Eduardo, também muito amável, disse: "Como vai você, Teixeira? E o mano como vai?" - O mano era o Lino. "Está tudo bem e tal?" O Eduardo aí já estava muito doente. Quer dizer, quando interessava politicamente fazer as pazes, ele fazia, era amabilíssimo; quando não interessava, pau no sujeito!

L.H. - Pelo que o senhor está me contando, as atitudes do Eduardo e do Cordeiro diante do caso do capitão Sérgio me fazem especular sobre o seguinte: esses oficiais mais antigos viveram um outro Exército, outras forças armadas. O senhor acha que é possível que eles estivessem até desencantados com o tipo de função que as forças armadas estariam exercendo?

F.T. - Isso é um pouco... O Eduardo foi ministro do Castelo, não é? É verdade que a fase mais grave... Bom, aí eu acredito. Porque ele não...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

F.T. - Inclusive naquela carta ele mostrou isso claramente, o emprego errado das forças armadas.

L.H. - Porque o Cordeiro fez menção a isso numa carta que está publicada no livro dele. E no próprio depoimento ele disse que o Exército de hoje não é mais o Exército do seu tempo e disse inclusive uma coisa terrível: que hoje se ele fosse escolhido, não seria militar. Isso é incrível, porque ele passou o depoimento inteiro mostrando como gostava de ser militar! Quer dizer, até que ponto há um certo desencanto desses militares antigos...?

F.T. - Isso é muito possível. Pelo menos da parte de militares do tipo do Cordeiro e do Eduardo que, embora políticos, fizeram uma vida militar, fizeram uma carreira militar completa.

L.H. - E que fizeram uma série de coisas que, de certa forma, estavam dentro da vida militar, ou seja: guerra, revolução, conspiração. Mas utilizar o Exército como função de polícia ... Como é que o senhor vê esse problema, ou seja: se hoje tivesse que escolher, o senhor iria para a carreira militar?

F.T. - Iria, para combatê-los! Para combatê-los! [risos]

L.H. - O senhor acha, então, que esse período, de certa forma, maculou a instituição?

F.T. - Profundamente! Inclusive as forças armadas hoje no Brasil são inteiramente impopulares. O militar não anda mais fardado na rua, coisa que no meu tempo de tenente se fazia.

L.H. - Fazia até sucesso.

F.T. - Fazia até sucesso, exatamente. [risos] Hoje não, hoje ninguém anda fardado. Ninguém!

L.H. - Eu tenho reparado, não sei se o senhor tem notado isso também, uma intensificação da publicidade anual para o recrutamento militar. Não sei se isso corresponde a um certo desencanto, mas deve haver uma certa dificuldade, talvez, até sobra de vagas nas escolas.

F.T. - Bom, mas para isso também concorreu muito esse período do "milagre brasileiro", em que os salários aqui fora eram muito bons. Agora eu acredito até que já estejam mais concorridas as...

L.H. - Sim, porque há crise.

F.T. - A crise aí, não há emprego. Veja por exemplo, o CPOR: o João Pedro, meu neto, fez o CPOR o ano passado. Você não imagina o número de candidatos que havia! Uma coisa tremenda! E para ter um emprego de meses ou de dois anos, porque se é convocado por dois anos. Isso também influi. Agora, não há dúvida de que o descrédito das forças armadas junto à população é visível, o que só pode ser

atribuído a um desvirtuamento da missão das forças armadas. Porque se pode ver inclusive que as intervenções militares históricas ou tradicionais no Brasil se caracterizavam pelo fato de serem fruto de uma solicitação de forças políticas em litígio. Terminada a questão, vencida uma corrente ou outra, o militar entregava o poder e voltava à sua função - talvez a contragosto, eu não sei, mas voltava -, com maior ou menor influência no governo que se instituía. Mas a partir de 64, não: os militares ficaram no poder, e um poder arbitrário, um poder sem o político, sem nenhum prestígio, sem nenhuma força, não é verdade? A tecnocracia e os militares ocuparam todos os lugares. Quer dizer, tudo isso impopularizou as forças armadas, e ainda houve o problema da repressão. A repressão atingiu a centenas de famílias da classe média, e às vezes até da média alta, que se envolveram na luta política.

L.H. - Pela primeira vez, não é?

F.T. - Exatamente. Envolveram-se nessa luta política e foram torturados, foram assassinados. E o Exército ficou na frente disso, mas a Marinha participou e a Aeronáutica também, com o Burnier. Cada um teve a sua fase.

L.H. - Mas, como nós vimos, com a Marinha e a Aeronáutica pagando um pouco a conta do restaurante, e o Exército fazendo a festa.

F.T. - E o Exército fazendo a festa. Mas a Marinha, com o Cenimar, teve o seu período áureo de repressão no tempo do Rademaker.

L.H. - Ah, na repressão, sim; mas no aproveitamento de postos, em uma série de coisas...

F.T. - Não tinha nada. Nada, nada, nada!

L.H. - O senhor acha que o militar na índole é um pouco salvacionista?

F.T. - Ah, é! O militar é muito imbuído da idéia de que ele é a única instituição nacional que sabe ler e escrever, que estuda um pouquinho. Se ele extrai uma raiz quadrada, já pensa que é matemático - o militar tem muito disso. Então ele acha que só o militar pode salvar o país. Isso vem desde o tempo do Floriano: Floriano foi a amostra do ponto de vista do militar de que só ele pode salvar o país, de que o paisano é burro, é casaca-de-ferro, como eles apelidaram naquela época. E isso vem até hoje.

L.H. - Será que esse fracasso que nós estamos assistindo, não do ponto de vista político, porque para o militar a política é uma coisa já meio corrupta de saída, mas o fracasso do projeto militar do "Brasil grande", de um Brasil economicamente forte, sem políticos, não atingiu a própria espinha dorsal da instituição, na medida em que o salvacionismo não se mostrou tão salvacionista assim?

F.T. - Por isso é que eu digo: eu deposito grandes esperanças neste movimento que nós, a sociedade civil, estamos fazendo atualmente, de redemocratizar o país em outros termos. Em outros termos, inclusive nesse, de abolir do pensamento militar a idéia de que a salvação da pátria reside nele, que é ele quem educa, quem ensina o sujeito a ler, que o paisano é burro e tem que ir para o quartel para aprender a se vestir, a comer... Isso nós podemos abolir do pensamento militar. E essa idéia salvacionista traz como conseqüência essa periodicidade de intervenção militar na vida política, no centro de decisão política do país. Daí a tese que vamos discutir ainda um dia, que é justamente para

afastar o militar desse centro de decisões. Aliás, não sei se você leu no Caderno Especial do *Jornal do Brasil* de ontem a reportagem de um correspondente do jornal na Alemanha, em que ele entrevistou um general alemão que expôs suas idéias sobre esse tema, é exatamente a nossa tese, exatamente: militar tem que ter liberdade de pensar, tem que participar da vida política, da vida institucional do país, dos problemas do país. Esta é a única maneira, segundo ele, de tirar do militar a preocupação intervencionista como instituição. Então eu deposito muita esperança em que se crie no Brasil um regime realmente democrático e estável, em que o militar tenha o seu papel, participe da sociedade e acabe com esse complexo de superioridade de que ele é a salvação da pátria. Isso tem que acabar!

L.H. - Até que ponto, brigadeiro, eles já não foram longe demais e estão com dificuldade de encontrar uma saída honrosa? Ou seja, até que ponto eles não estariam ainda se propondo a ficar um pouco mais para ver se dá para recuperar a imagem?

F.T. - Eu acho que, no momento, a idéia não é ficar, mas apenas sair com uma retaguarda bem grande. Evidentemente não precisamos adivinhar as coisas para verificar isso. Por exemplo, depois que o Figueiredo declarou na África que era pelas eleições diretas, quando chegou no Brasil, o Exército disse a ele que aquilo seria possível. Por que não seria possível? Não porque ele fosse perder, mas porque poderia se repetir no Brasil o processo argentino da eleição de um radical, vamos dizer assim, que poderia botá-los no banco dos réus.

L.H. - O senhor acha que isso pode acontecer no Brasil?

F.T. - Acho que pode, e será até inevitável que aconteça. Não que o governo vá tomar as medidas, mas as vítimas irão à justiça, como a família do Herzog já foi e ganhou. Mas irão à justiça para ter uma compensação dos prejuízos morais e materiais que sofreram. Então, por exemplo, quem teve um filho morto, vai querer processar quem o matou. Mas esse não é o caso argentino, em que o presidente que passou o governo ao Alfonsim foi colocado no banco dos réus. Lá houve uma modificação muito violenta. Então os militares se amedrontaram, têm medo. O que há da parte do militar é que eles sabem que não têm mais condições de permanecer, até porque o projeto político e econômico que impingiram falhou, não deu em nada! Uma dívida de cem milhões, uma inflação recorde, desemprego e tudo mais. Então a preocupação deles é sair com a retaguarda garantida. E a gente tem que reconhecer que o Golbery, inegavelmente era a única cabeça política desse grupo, porque seu plano de abertura, de passagem, de recuo militar era perfeito! Perfeito! Ele inclusive criou o PP, um partido alternativo de poder. A burrice do Figueiredo e dos seus assessores foi acabar com o PP quando fizeram aquela vinculação e que voltou tudo ao que era antes, PMDB etc., e que não pôde mais haver uma eleição direta, não pôde haver eleição nenhuma, nem no Colégio Eleitoral. Nem no Colégio Eleitoral, compreendeu?

[FINAL DA FITA 18-B]

L.H. - Mas esse processo é complicado, porque ao mesmo tempo os militares vão passar para a história como sendo responsáveis por um fracasso sem precedentes na história do país.

F.T. - Completo e sem precedentes, sem precedentes.

L.H. - O senhor acha que eles não levam esse tipo de coisa em conta?

F.T. - Mas qual seria a saída para eles?

L.H. - Tentar ficar mais um pouco para ver se recuperam a imagem e saem um pouco melhor.

F.T. - Eles querem ficar mais um pouco com o Maluf, com o Andreazza- o que não era da programação do Golbery e do Petrônio Portela, que tinham mais cabeça -, querem institucionalizar isso para o Exército sair. E o risco que eles estão correndo é que o Exército pode não sair disso unido, vai sair fragmentado, porque quanto mais eles demorarem a resolver o problema da retirada, principalmente dentro do Exército, que já tem o Tarcísio Nunes Ferreira que protesta, tem um outro que não se conformou com o problema do Riocentro...

L.H. - Da família Etchegoyen, não?

F.T. - O Etchegoyen, o Andrada Serpa, que hoje é um democrata, a favor das eleições diretas, contra o pagamento da dívida externa... Então é o que eu digo: o risco que eles correm com a fragmentação do Exército... Por exemplo, se o Serpa ganhar - o que eu acho muito difícil - a eleição do Clube Militar agora em maio de 84, o panorama político militar muda, porque acaba-se com a balela de que há unidade dentro das forças armadas. Porque no caso ganha um candidato que vai abrir o Clube para as discussões políticas, para as discussões de problemas nacionais, como o pagamento da dívida externa... Então veja o risco que os militares estão correndo! Porque eles não tem saída. A rigor, qual seria a saída para eles? Demorar. Demorar ou permanecer no poder indiretamente através de um Maluf ou de um Andreazza positivamente é a pior saída de todas, porque eles não se agüentam: vão ter que dar eleições em 86, vão ficar com minoria no Congresso... Então eu ainda acho que a grande saída são as eleições diretas. O caso brasileiro não tem nada a ver com o argentino. A Argentina, durante os sete últimos anos de ditadura, fechou o Congresso, fechou os partidos políticos, não criou nenhum aspecto de legitimidade para o poder que os militares exerceram da maneira que exerceram. No Brasil, não; aqui, de qualquer maneira, nesses 20 anos, os militares mantiveram o Congresso aberto - é verdade que com os atos institucionais para mantê-lo fiel, mas aberto -, mantiveram os partidos políticos - a critério deles, mas mantiveram -, então o processo de transição seria normal, disputávamos uma eleição com os partidos que estão registrados e que são legais no país. E mesmo ganhando um partido, o outro, a oposição... Você acredita que ganhando um Aureliano Chaves ou um Tancredo Neves, eles abririam uma campanha contra o Exército? Não são malucos, não são malucos! Naturalmente, não poderão evitar que a família da Zuzu Angel vá à Justiça. Agora, na Argentina o Exército teve que se retirar por uma derrota numa guerra. Uma derrota numa guerra liquida qualquer governo, e o Exército foi liquidado, desmoralizou-se. Mas no Brasil os militares estão numa indecisão muito grande e com isso atrapalhando até as possibilidades de saídas melhores para eles. Porque eles não têm um plano de retirada no momento, e perderam o programa traçado pelo Golbery, que era o correto. Não sei se você leu a conferência que o Golbery fez na Escola Superior de Guerra, em que ele declarou taxativamente que a alma do seu plano de recuo militar baseava-se em que o militar recuasse unido, mantendo-se as forças armadas homogêneas para voltarem a intervir. Porque se entregassem o poder ao civil e o civil não resolvesse essa crise que aí está, os militares poderiam intervir de novo, estariam aptos para isso.

L.H. - Era um bom plano para eles, não?

F.T. - Era o melhor plano para eles. Agora eles não têm plano. Veja o Figueiredo: eu acho que ele estava mesmo querendo dar as eleições diretas e não pôde, porque o Exército não deixou. Aliás, me disseram que naquela carta que o Walter Pires entregou ao Figueiredo quando ele chegou da África, o Exército impunha duas condições: uma, não dar eleições diretas, a outra, acabar com aquele bom relacionamento com o Brizola. E ele rompeu ali; rompeu, o que beneficiou o Brizola, que estava se enterrando na esperança de obter boa vontade do governo, não hostilizava... Agora vai ter que hostilizar, porque está sendo hostilizado, o que para nós, do PMDB, não é bom. [risos] Aliás, dizem que o Brizola vai participar da passeata.

L.H. - Ele está atrapalhando, está um pouco como os militares: nem larga a organização da passeata, nem assume. Quando vocês, os militares cassados, começaram a suspeitar que os ventos poderiam mudar? Vocês continuaram a manter reuniões?

F.T. - Mantivemos. O pessoal da Aeronáutica, mas o do Exército também, sempre conversando e tal. Naturalmente, há muito tempo, e sobretudo após aquelas primeiras tentativas de ação armada, como foi o caso do Ladário Teles, nós vimos que o problema brasileiro só iria se resolver através de uma ação política. E quanto mais de massas fosse essa ação política, mais... Então, de fato, nós pregávamos o voto, enquanto que a esquerdinha pregava o voto em branco.

L.H. - E nulo.

F.T. - Os radicais pregavam o voto em branco e o voto nulo. Nós pregávamos o voto, prestigiávamos o PMDB - o MDB na época -, todas as ações conjugadas. Agora, à medida que modelo econômico foi fazendo água, ficou claro que ele não se agüentava, que não satisfazia a mais ninguém. Porque em 68, por exemplo, quando do AI-5, eles tinham força para aquele ato, porque o empresariado estava com eles e a classe média ainda tinha muita esperança no regime. Com o crescimento do modelo, mesmo no auge da repressão, nós combatemos muito a guerrilha urbana, todas as guerrilhas, porque achávamos que essas ações só faziam fortalecer os militares no poder, e eles acabariam como os salvadores da sociedade. Mas quando o modelo econômico começou a fazer água, ficou claro que eles não se agüentariam, que iriam se isolar. É claro que nunca tiveram o proletariado do seu lado, mesmo porque a política era de arrocho salarial em benefício, é claro, da... Mas iriam perder os empresários, a burguesia deixaria de apoiá-los, e até o imperialismo, porque começaram a surgir dúvidas sobre a possibilidade de continuidade daquele modelo.

L.H. - E tudo isso correspondeu a uma política internacional de direitos humanos, a uma série de posturas desse gênero.

F.T. - Exatamente. Então o Geisel, que foi talvez um dos mais enérgicos ditadores, viu que tinha que abrir: acabou com o AI-5, o que já foi uma vitória, mas impingiu aquele "pacote de abril". Com o Figueiredo, o processo se acelerou. Foi então que vimos - e em 74 isso ficou claro - que a ditadura como tal estava com os seus dias contados, era uma questão de tempo.

L.H. - Vocês se encontravam, mantinham contato com civis?

F.T. - Mantínhamos. Mas só na campanha da anistia que... Porque realmente a partir de 64, com os agravamentos de 68 e de 70, o grupo militar se esfacelou muito. Mesmo aqueles mais conscientes da luta política - pode até ser o meu caso e o de muitos outros - se recolheram, porque era dar murro em ponta de faca. Mas, com a abertura, o início da abertura e de eleições mais significativas, as primeiras derrotas dos militares, de 74 e de 78, nós já participamos mais ajudando. E na campanha da anistia, então, nós nos reorganizamos, vamos dizer assim, houve um processo de reorganização do setor, da área militar.

L.H. - Não havia umas reuniões num consultório médico em Copacabana?

F.T. - Eu não me lembro, não. Dessas eu não participei. [risos]

L.H. - E nas eleições, como passou a ser o tipo de atuação de vocês?

F.T. - Nas eleições de 78, por exemplo, nós selecionamos alguns candidatos aqui no Rio; se não me engano, era o Marcelo Cerqueira, o Modesto da Silveira, o Raimundo de Oliveira e a Heloneida Studart - eram quatro, dois estaduais e dois federais. Fazíamos reuniões com uns cem oficiais e apresentávamos os candidatos. Em 74 o nosso candidato foi esse que está no PT, o Lisâneas Maciel, e tinha outros também. Então fazíamos reuniões em apartamentos maiores, chegamos a reunir oitenta, cem oficiais, e apoiávamos aquela candidatura. Em geral, para não dizer que estávamos só com um, pegávamos dois candidatos mais significativos do ponto de vista de combate ao sistema. Em 74 foi o Lisâneas, o Marcelo... Em 82 já não fizemos isso, porque a coisa já estava tão aberta que cada um tinha o seu candidato. Aí surgiu o brizolismo para nos atrapalhar um pouco, e nos dividiu também, porque alguns ficaram com o Brizola.

L.H. - Vocês tinham consciência de que determinados candidatos que estavam apoiando eram também apoiados pelo Partido Comunista?

F.T. - Nós não tínhamos essa preocupação. Em geral havia um núcleo dirigente que selecionava esses candidatos. No caso do Rio foram o Marcelo e o Modesto, de quem éramos mais próximos. O Marcelo e o Modesto foram advogados de presos políticos, quer dizer, tinham mais trânsito na nossa área, na área dos militares, porque muitos de nós apelamos para eles como advogados. Já em 82 houve o problema do Brizola. O grupo mais conseqüente, vamos até dizer assim, modéstia à parte, já o conhecia. Eu conhecia o Brizola de 64, já sabia o mal que ele tinha feito a nós. E depois de 64, seu procedimento na Frente Ampla e em todas as tentativas de saída dessa coisa, ele sempre se opôs com soluções muito pessoais, muito individuais. Agora, do grupo civil, por exemplo, dois que eram sempre conosco, o Wilson Fadul e o Edmundo Muniz, ficaram com o Brizola.

L.H. - Eles não eram brizolistas antes de 64?

F.T. - Não, não eram brizolistas. Quando houve aquela reunião de Lisboa, o Edmundo não só não foi, como fez uma carta muito crítica aos rumos que o Brizola estava dando à sua movimentação política - eu tenho até uma cópia dessa carta. Mas o Edmundo é político e me explicou por que ficou com o Brizola: "Se eu não fosse para o PDT, eu não teria espaço político para atuar, porque o PMDB não tem, é um saco de gatos, realmente não dá." Para o PDS ele não iria, nem para o PTB da Ivete, então acabou com o Brizola, e eu acho, aqui para nós, que está muito arrependido. Eu acho.

L.H. - Como o senhor explica essa movimentação do Brizola? Ele passou muitos anos isolado no Uruguai, e de repente foi expulso... O que foi aquilo?

F.T. - Não deu para entender, não. Depois de receber a ordem de sair do Uruguai em 48 horas, tendo uma porção de embaixadas para procurar, como a do México, de outros países que tradicionalmente dão asilo, ele foi bater na dos Estados Unidos! Isso não deu para entender. Para mim foi golpe do americano: expulsaram ele do Uruguai e o chamaram para os Estados Unidos, já prevendo uma evolução política aqui no Brasil.

L.H. - Foi o melhor prêmio que poderiam ter dado a ele, porque a partir daí ele começou a...

F.T. - A sofrer essa influência do liberal americano, da social democracia...

L.H. - A se movimentar com uma desenvoltura pela Europa!

F.T. - Pela Europa também. Foi uma sorte grande para ele. Mas como eu não acredito em sorte grande, acho que foi o americano que achou melhor... Naturalmente já o conhecia, é evidente, tem seu serviço de informações, já sabia que o homem é vazio, porque o homem é vazio de idéias, então disse: "Esse homem nos interessa." Levou-o para os Estados Unidos, aproximou-o da social democracia européia, e hoje ele é isso que você está vendo; socialismo moreno. [risos]

L.H. - Até que ponto ele agora está crescendo ou cresceu num vazio deixado pela morte do Jango?

F.T. - Bom, ele cresceu ali. Cresceu porque, com o Jango vivo, o Jango lideraria o PTB, e o Brizola não faria o PDT. Então, ou ele ficaria com o Jango, ou tentaria uma aventura pessoal sem êxito. Porque o Doutel de Andrade, o Fadul, o Baby Bocayúva, todos esses do PTB eram janguistas e contra o Brizola. Eles conheciam a posição de hostilidade do Brizola com relação ao Jango, sabiam das dificuldades criadas aqui antes de 64, quer dizer, não eram brizolistas. Agora, é o mesmo caso do Edmundo Muniz: sem espaço político, eles não podem atuar, então ficaram no PDT. O Fadul errou, devia ter ficado no PMDB em Mato Grosso, onde ele tinha condições até de ser senador. Mas, não! Foi fazer o partido, teve 1% de votação, não fez um vereador em Mato Grosso do Sul. Acabou. O Renato Archer sacrificou-se com aquela candidatura, ficou sem mandato, mas fez três ou quatro deputados federais, fez vários vereadores, tem maioria em São Luís...

L.H. - Fez muitos prefeitos.

F.T. - Exato. Quer dizer, ele tem um partido político. O Fadul não tem em Mato Grosso do Sul. Isso por causa do Brizola. Ele devia ter ficado no PMDB, que era onde ele estava, onde nós atuávamos. O Brizola também devia ter ficado no PMDB.

L.H. - Mas ele declarou que não ficaria.

F.T. - É, não ficaria de jeito nenhum. Não daria para ele mandar, e ele queria um partido dele. Eu não sei...

L.H. - E vocês foram informados sobre o que ele estava fazendo nesse período todo em que ficou no Uruguai?

F.T. - Na primeira fase do exílio do Brizola, ainda no Uruguai, tudo nos leva a crer, pelas informações que temos do Jeferson Cardim Osório, do Aragão, daqueles seus correligionários que também estavam exilados no Uruguai, que ele se voltava para uma solução armada. Aliás, o Arrais também não era muito diferente, os documentos do Arrais numa primeira fase eram muito ruins, pensando que as condições no Brasil ainda eram de guerrilha, de luta radical. O Arrais talvez com mais ideologia na sua posição, porque é um homem mais de esquerda, mais de classe... O Brizola é aventureiro, caudilho, pensava naquilo e ligou-se a Cuba, que naquela primeira fase também aceitava qualquer um, desde que promettesse uma invasão, uma guerrilha...

L.H. - O senhor disse muito bem: aceitava qualquer um.

F.T. - Qualquer um, qualquer um! E isso concorreu para o isolamento total do Brizola de todas as atividades políticas no país. Passou-se muito tempo sem se falar no Brizola, porque aquela linha não tinha nenhuma ressonância aqui dentro, pelo menos entre aqueles que raciocinavam. Então ele foi se isolando, se isolando, se isolando. Aí houve aquele milagre do americano recolhê-lo para os Estados Unidos, dando-lhe um outro impulso, por uma coincidência, justamente na fase em que, politicamente, a abertura já estava delineada no país. Quer dizer, eu acho que americano ligou-se a ele...

L.H. - Mas com que objetivo exatamente?

F.T. - De ter uma influência aqui, com esperança de... O Brizola é muito rebelde a esses comandos, mesmo do americano. Talvez o americano já tenha visto que a saída para ele não era aquela, mas deve ter pensado numa saída até com o Brizola. E não haveria incompatibilidade nenhuma, o Brizola não tem nada na cabeça, faria a política do americano aqui. Porque o Brizola do radinho de pilha, da campanha de deputado federal no Estado do Rio em 62, do antiimperialismo que encampou a ITT, não sei o quê e tal não existe mais. Hoje ele é completamente diferente, não toca mais nesses assuntos, nem tem não pagar a dívida externa ele fala. Quer dizer, não tem nenhuma posição que se choque com os interesses americanos no Brasil. Ele não tem posição sobre coisa nenhuma, está se enterrando nesse dia a dia de governar o estado. Mas de qualquer maneira poderia ter, e não tem. Eu dei o documento da Associação ao Edmundo Muniz, que me disse que deu para o Darcy ler, e o Darcy disse que gostou muito, que conversou com o Brizola sobre o assunto e que o Brizola está querendo conversar. Não é verdade. Se há uma pessoa com quem ele não queira absolutamente conversar é comigo. Não quer de jeito nenhum. Ele veio do exílio, me deu um telefonema uma única vez, porque eu acho que o Fadul estava ao lado dele e lembrou: "Ligue para o Teixeira e tal." Ligou apenas uma vez para mim, que encontrava o Brizola todo dia antes de 64.

L.H. - O senhor foi procurado nessa fase de organização do PDT?

F.T. - Não, nem fui convidado. É verdade que eu também nunca escondi a minha posição contrária ao PDT, porque eu era partidário de não se aceitar a divisão partidária. Eu era do MDB e achava que deveria continuar apenas o MDB, porque era o que o inimigo não queria. Porque há uma coisa: a gente deve ver muito o que o inimigo quer, para não fazer o jogo dele. Mas isso não era possível com o

Brizola. Então naturalmente ele soube da minha posição, todos souberam, o Edmundo, o Doutel, o Fadul, e não me procuraram, nem procurariam.

L.H. - Agora, o senhor indiscutivelmente tem uma ascendência muito grande sobre esse grupo de militares. O racha que houve com a chegada do Brizola no cenário foi muito grande?

F.T. - Por ser o mais velho, o mais graduado, sobretudo na Aeronáutica, mas em relação ao pessoal do Exército também, e talvez por ter um pouco desse vício de análises políticas, o fato é que eu tenho realmente... Houve uma divisão, mas os que ficaram com o Brizola não tiveram nenhuma participação no seu governo, quer dizer, não adotaram um brizolismo fisiológico, o que é uma vantagem, ouviu? Eles ficaram com o Brizola porque acharam que seria a maneira... Porque nós, militares, somos até certo ponto estreitos, então muitos de nós achávamos que a maneira de dar uma bofetada no sistema que tanto nos amaldiçoou, que tanto nos perseguiu era eleger o Brizola. Eu achava que não se tratava mais de dar bofetadas no sistema e sim de construir outro sistema para substituir aquele. Agora, a divisão de fato foi momentânea, tanto que todos eles estão lá na Associação prestigiando e muitos são da diretoria e dos conselhos, que naturalmente são compostos por esse pessoal. E todos votaram a favor desse documento! A única divergência que houve no conselho, por incrível que pareça, foi do Nelson Werneck Sodré.

L.H. - E que não acompanhou o Brizola.

F.T. - E que não acompanhou o Brizola, que está com o PMDB. Mas o Nelson é uma posição que a gente entende: ele é um escritor, um historiador, já escreveu coisa sobre esse problema de forças armadas, defendendo, inclusive, uma posição a que o documento é virtualmente contrário, de que as forças armadas são essencialmente democráticas, o que é uma bobagem. Ele hoje deve estar arrependidíssimo de ter dito esta frase. Porque não são. Não estou dizendo que sejam reacionárias, mas as forças armadas são sensíveis à opinião pública, à sociedade civil, porque vivem com ela. Pode-se ver por mim: o meu neto, a minha filha, você, que é minha amiga, todos são paisanos. Então nós recebemos muita influência, sobretudo da opinião pública. Mas o Nelson declarou isso nos seus livros, e o documento, ao contrário, prega a neutralidade das forças armadas, justamente porque, se eu tivesse a certeza de que elas são essencialmente democráticas, eu não as queria neutras, e sim atuantes para a democracia, compreendeu?

L.H. - O que seria uma força considerável.

F.T. - Considerável, uma ajuda tremenda, se fossem realmente democráticas. Mas nós não achamos que sejam essencialmente democráticas; achamos que elas refletem e vão refletir sempre a opinião da sociedade civil com a suas divisões. Então o Nelson não podia ser a favor do documento, porque seria negar sua posição. Isso até não era uma coisa assim para se estar dizendo, mas ele foi à reunião em que se aprovou o documento, ficou contra e disse que apresentaria também um documento, mas saiu antes da votação, porque tinha que ir a uma reunião. Então, no dia seguinte de manhã, eu liguei para a casa dele: "Olhe, Nelson, estou ligando para dizer a você que o documento foi aprovado, o que evidentemente o dispensa de fazer o seu. Mas eu acho que você devia fazer um documento contestando o que nós aprovamos, até porque a nossa idéia é promover o debate. Você escreve, depois eu respondo e tal." E ele disse: "Não, eu não quero." Então perguntei: "Afinal, do que você divergiu?" E ele: "Eu acho que esse negócio de neutralidade vai dar dor de cabeça a vocês, porque eles não vão gostar desse

negócio de querer forças armadas neutras e tal." Eu digo: "Acontece, Nelson, que eu não estou aqui para escrever coisas que eles gostem. Escrevo tudo o que eu..." E ele: "Tem outra coisa: vocês falaram em Aragarças, em Jacareacanga... Ora, o Tarcísio foi um homem de Aragarças," - realmente a Escola da Aeronáutica do Tarcísio participou de Aragarças - "e ele agora está se aproximando de nós, vai ficar chateado." Eu digo: "Nelson, o Tarcísio é suficientemente inteligente para perceber que a menção a Aragarças foi histórica, para mostrar que houve Aragarças - isso nós não podemos negar -, e que Aragarças perdeu. Nós simplesmente explicamos por que Aragarças perdeu. Se fosse assim, nós não poderíamos falar em 64, porque o Andrada Serpa participou de 64 e agora está contra, então não se pode mais falar." Em suma, achei muito fracas as opiniões dele. Mas foi o único voto discordante na Associação. Para se ver que os brizolistas foram lá...

L.H. - O que significa que a questão da reinserção dos militares na sociedade com um novo papel está passando por cima das divergências partidárias?

F.T. - Exatamente. Inclusive eu acho, por exemplo, que unanimidade como tivemos de certa maneira no grupo militar em 74 e em 78, com candidatos escolhidos por nós, não teremos mais. Até é justo que o militar se divida: uns são do PMDB, outros são do PTB, outros são malufistas... Pode ser o que quiser.

L.H. - Algum foi para o PT?

F.T. - É capaz, ouviu? Mas que eu tenha conhecimento, não. De militar, não tenho conhecimento.

[FINAL DA FITA 19-A]

F.T. - Mas não é nessa questão que nós queremos unidade. Nós queremos unidade justamente na não-intervenção do militar nos centros de decisão política - é isso o que nós queremos.

L.H. - Até que ponto os partidos têm se sensibilizado para esse tipo de coisa? Porque o episódio que o senhor relatou do Teotônio Vilela mostrou que o PMDB não estava sensibilizado para este problema.

F.T. - Não estava. Eu vou dizer mais a você: os partidos não têm nenhuma sensibilidade para este tipo de problema que estou discutindo aqui e que foi objeto desse documento. Nossa idéia é chegar a eles, mas não é fácil, porque os partidos vivem um dia-a-dia muito complicado, principalmente as direções partidárias. Então vou ver se chego ao PDT através do Darcy Ribeiro, do Edmundo Muniz, do Fadul, e talvez chegue ao Brizola; e vou ver também se chego ao PMDB através do Renato.

L.H. - Talvez do próprio Fernando Henrique, que é filho de militar.

F.T. - De Fernando Henrique, que é filho de militar. Há coisa de um mês ou dois atrás, ele deu uma entrevista ao *Estado de São Paulo*, analisando o que estávamos discutindo, as saídas para esse momento em que vivemos. É uma das coisas que ele disse foi que seria impossível sair disso se a sociedade não conversasse com os militares - militares é o sistema. Isto é errado, a sociedade não tem

que conversar com os militares; tem é que ter um ponto de vista sobre os militares e acabou-se! Conversar com os militares é reconhecer a legitimidade de um poder militar. Não há essa legitimidade!

L.H. - Nesse sentido, brigadeiro, o antigo PSD foi mais competente ao tratar o problema?

F.T. - Ah, muito mais! Muito mais!

L.H. - Porque tinha a noção perfeita de que o poder era civil.

F.T. - Era civil e dele, e não fazia o jogo do militar. Fazia o jogo do militar onde devia ser jogado: escolhendo um ministro, nomeando para funções militares de confiança - isso é outra coisa, está certo, isso é do jogo. Agora, reconhecer que o poder militar existe e que amanhã vai nos impor um ministro do Aureliano Chaves, ou do Franco Montoro, ou do Ulisses, não! O Ulisses escolhe o seu ministro; agora tem que escolher com habilidade.

L.H. - É só o que se pede, não é?

F.T. - É só o que se pede. [risos]

L.H. - O senhor acha, então, que os partidos não estão atentos para isso?

F.T. - Não estão atentos, e digo mais: nós, por exemplo, levamos esse documento pessoalmente à Ordem dos Advogados, à ABI, ao Clube de Engenharia e ao Instituto dos Economistas. Em geral não houve uma... No Clube de Engenharia, por exemplo, que está atuando muito, havia um engenheiro, o Tupi Correia Porto, cujas idéias sobre o militar pareciam com as nossas. Mas não eram. Quando colocamos a tese para ele, ele ficou admirado: "Mas é isso mesmo!" Quer dizer, nós temos que levar essa discussão pacientemente à sociedade civil, aos partidos políticos. O Ulisses, por exemplo, tem lá tempo de ler um documento desses? Não tem. Vou fazer o Renato ler e discutir com ele. O Fernando Henrique, com quem eu me dou muito, quero ver se procuro. Aliás, eu vou a São Paulo agora e vou ver se o encontro - não vai ser fácil - para lhe entregar o documento.

L.H. - É até possível que o encontre, porque ele foi operado, está em casa. Então, a pretexto de uma visita, e como ele está imobilizado no leito, não pode se movimentar muito, é possível que o senhor o ache em casa.

F.T. - Ah, é verdade. Você lembrou bem: é fácil até. E é bom, porque o Fernando Henrique é um cientista político, vai se interessar pela tese, compreendeu?

L.H. - E tem essa coisa de ter vivido o problema em casa pelo fato de ser filho de militar.

F.T. - Exato. E o pai participou de todas essas nossas lutas; o pai e o tio dele, o Felicíssimo Cardoso.

L.H. - O Fernando Henrique é filho do Inácio?

F.T. - Não, ele é filho do... O pai dele foi deputado federal por São Paulo, um de cabeça branca... Ele é sobrinho de quem você está falando, primo-irmão dele.

L.H. - Hoje o senhor se vê mais como político ou ainda se vê muito militar?

F.T. - Como político, porque militar eu não posso ser mais devido à idade, já não posso mais voltar para nenhuma atividade militar. Bom, mas política dentro dos militares. Eu tenho horror à política partidária! Você não imagina como eu me sinto mal! Fui do diretório regional do PMDB no Rio, logo depois da incorporação...

L.H. - Por que o senhor se sente mal?

F.T. - Não sei, o clima, o tipo de discussão é tão diferente do que estou habituado, que eu me sinto assim meio... Eu sou do diretório da 5ª. Zona Eleitoral, eles insistiram muito para eu ir às reuniões, porque, é claro, eu chego lá, um brigadeiro e tal, sempre ajuda um pouco nas discussões. Mas eu não gosto. Agora, política, sim; política de...

L.H. - O senhor está fazendo uma diferença entre política e política partidária.

F.T. - Exato. A política é a política mais geral, quer dizer, essa que cria orientações gerais, compreendeu? Agora, a política partidária, a impressão que a gente tem quando vai a uma reunião dessas é que o sujeito que está ali quer ser deputado estadual, o outro quer ser vereador. Quer dizer, a luta, em vez de ser uma luta para a fixação de rumos, uma coisa mais geral, fica limitada...

L.H. - Ao varejo?

F.T. - Ao varejo. E dessa eu não gosto. Primeiro que eu não quero ser deputado, nem senador, nem vereador, não tenho nenhuma idéia de participação política ativa, atuante.

L.H. - Será que esta sua posição não abriga um preconceito inconsciente dos militares contra a atividade política?

F.T. - Talvez, talvez. Eu hoje, sinceramente, pretendo me dedicar a esclarecer ao máximo esse problema do militar na vida política do país, qual o papel que ele tem a desempenhar. Porque ele tem um papel a desempenhar na vida política, não só de manutenção de instituições realmente democráticas, como de ajuda na construção de rumos, diretrizes gerais - ele pode participar muito disso. Então é isso o que eu pretendo fazer na Associação, e futuramente nos clubes de militares, quando vencida essa etapa em que nós vivemos. Porque a Associação tem um caráter muito transitório; existe enquanto os clubes estão fechados.

L.H. - Quer dizer, ela se dissolverá nos clubes, que o senhor continua acreditando serem os lugares apropriados?

F.T. - Serem os lugares apropriados para o militar fazer política. Por exemplo, a situação ainda está tão atrasada nesse sentido que eu não posso ser sócio do Clube Militar porque fui demitido, e eles não anistiarão os demitidos.

L.H. - O senhor está me alertando para uma porção de coisas relativas ao problema da anistia dos militares.

F.T. - Houve uma preocupação fundamental na lei da anistia de não admitir a volta dos militares. Eles acharam que fizeram um favor enorme nos restabelecendo os salários.

L.H. - Ressuscitando vocês?

F.T. - Ressuscitando, exatamente. Ressuscitando e dando os salários a que tínhamos direito etc. Isso foi tudo o que eles puderam dar. Enquanto que a anistia política permitiu ao Prestes estar aqui fazendo política, ao Brizola estar governando o Estado do Rio; para o militar nada, nada, nada! A única coisa que o senhor major-brigadeiro Francisco Teixeira, que estava demitido, teve, foi voltar a ser major-brigadeiro com tantos anos de serviço, com tantas gratificações, ganhando como marechal etc. etc. Foi tudo o que eles fizeram, e está muito bem, eu acho ótimo! Vou lá receber no fim do mês, o meu problema não é esse: o meu problema é combater essa discriminação política e ideológica que existe dentro das forças armadas e que as anistias, todas elas, a partir de 35, traduziram. Veja por exemplo, 32: todos os anistiados da Revolução de São Paulo em 32 voltaram para o lugar que tinham, receberam os atrasados, tudo direitinho. Os revoltosos de 22, de 24, voltaram todos, inclusive os cadetes, que tinham seis meses de Escola Militar, voltaram como primeiros-tenentes em 30. Tudo azul. Mas quando você tem que requerer o benefício da anistia, isso não é anistia. A anistia é automática: se você foi anistiado, ela o repõe onde você deveria estar. Mas, não: agora você tem que requerer, e esse requerimento é submetido a uma comissão que vai julgar do interesse da corporação em tê-lo de volta ou não. Ninguém volta! Só os que fizeram profissão de fé política, não é verdade? Agora, por quê? Houve 35. Daí em diante o Góis Monteiro imaginou um outro tipo de intervenção na vida política, que foi a intervenção mandando, quer dizer, o fortalecimento do Estado com o apoio militar, mas com o militar participante da direção do Estado. Mas seria preciso adequar as forças armadas a essa função, então o Góis criou uma discriminação anticomunista ou ideológica dentro das forças armadas, e isso não acabou, não parou mais. Nas forças armadas e na sociedade civil também existe muito isso, o que aliás é o que mostramos no documento: se a sociedade civil quer implantar um regime realmente democrático, ela tem que começar acabando com a discriminação dentro dela mesma para poder acabar com a discriminação dentro das forças armadas, para que as forças armadas se dividam, como a sociedade civil se divide, e não intervenham como uma força...

L.H. - E precisa tomar vergonha na cara e parar de chamar os militares toda vez que a coisa ficar preta.

F.T. - Exatamente, é isso mesmo! [risos]

L.H. - Vocês estão imaginando algum tipo de atuação mais eficaz no sentido de fazer projetos de lei, de fazer um certo tipo de *lobby* no Congresso?

F.T. - Estamos, embora ainda não seja a hora. Porque o básico da nossa formulação é que, para que as forças armadas tenham um papel como nós queremos, é indispensável que se reformule toda a legislação militar desde a Constituição - o capítulo das forças armadas na Constituição - até a legislação base: Estatuto dos Militares, lei de promoções... Tudo isso tem que ser reformulado, porque são instrumentos na mão da reação ou da hierarquia militar - não vamos até tachá-la disso ou daquilo - para manter as forças armadas como elas querem. Por exemplo, o Estatuto dos Militares: se hoje o

ministro tiver a informação de que eu fiz uma reunião em casa, conspirativa, não sei o quê, ele me submete a um conselho de justificação que ele nomeia, chega à conclusão de que sou um conspirador, um comunista, um esquerdista ou lá o que ele quiser, e me demite. Hoje não é um ato institucional, não, é pela lei! Quer dizer, é um absurdo! Isso é um instrumento poderosíssimo na mão da autoridade!

L.H. - O senhor falou no capítulo das forças armadas na Constituição, no Estatuto dos Militares... Ainda existe aquele negócio de regulamento-geral do Exército ou regulamento não sei de quê?

F.T. - Existe o regulamento interno. Tudo isso tem que ser reformulado. É o que nós estamos fazendo.

L.H. - É um trabalho grande.

F.T. - É um trabalho grande, e já estamos fazendo estudos. Por exemplo: quando esse último Estatuto dos Militares, que data de 81, entrou no Congresso, nós, através do Marcelo Cerqueira, fizemos uma série de emendas que pelo menos atenuavam o reacionarismo, o autoritarismo que envolvia aquele código. O Marcelo apresentou todas, e nenhuma passou. Então nós estamos pensando, já temos uma pessoa incumbida de coletar dados e tal, vamos fazer uma comissão para estudar essa reformulação e vamos apresentá-la quando esse país estiver redemocratizado, porque agora não passa.

L.H. - Mas de alguma forma isso já precisa estar sendo estudado, para serem apresentadas coisas concretas.

F.T. - Exatamente, coisas concretas. Nós vamos apresentar coisas concretas. Estamos pensando em formular a nova legislação básica, inclusive, a Constituição.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

10ª. Entrevista: 13.02.1984

L.H. - Brigadeiro, hoje eu queria voltar ao início e fazer um pouco da história da sua família. O senhor tem me falado sobre o almirante Muniz Freire, sobre o Paulo Bittencourt, sobre uma porção de gente, quer dizer, o senhor está muito ligado à vida do antigo Distrito Federal. Quais são as suas recordações mais antigas de família? Os seus avós paternos vêm de onde?

F.T. - A minha avó paterna era daqui do Rio, meu avô paterno da Bahia, mas era primo-irmão da minha avó. Acho que o pai dela também era baiano, uma família ligada à Bahia.

L.H. - Eles tem algum parentesco com o Anísio Teixeira?

F.T. - Não, não tem. Esse meu avô paterno era cunhado do Edmundo Bittencourt, fundador do *Correio da Manhã*, porque minha avó era irmã da mulher do Edmundo. Era uma família muito grande, com muitos irmãos, a família Muniz Freire; daí esse primo-irmão do meu pai, que era o almirante Fernando Muniz Freire Júnior, de quem já falei aqui a você.

L.H. - Como era o nome de seu avô paterno?

F.T. - Lino Romualdo Teixeira. Ele foi secretário de Saúde no Rio no tempo do Império ou no começo da República. Tem até uma rua Lino Teixeira no Riachuelo...

L.H. - Que diz respeito ao seu avô, não ao Lino, seu irmão, que tem o mesmo nome.

F.T. - Não ao Lino, mas ao meu avô, que foi secretário de Saúde.

I.F. - Esse almirante Muniz Freire é o pai do Pecô, que é casado com a filha do Alencastro Guimarães?

F.T. - Exatamente, é o pai do Pecô, que se chama Aluísio de Carvalho Muniz Freire.

L.H. - A família do Alencastro Guimarães não esteve de alguma forma envolvida no crime do tenente Bandeira, da Sacopã? Acho que era a filha dele, a Terezinha, que namorava o tenente Bandeira, e ele tinha duas namoradas... Em suma, a família andou...

F.T. - Não, a Terezinha era a senhora do Pecô. A irmã dela é que teve um... Não me lembro bem o que houve, não.

L.H. - Como era o nome de sua avó paterna?

F.T. - Francisca Muniz Freire Teixeira. O avô dela, Francisco Manuel da Silva, foi o autor do hino nacional. Ela era a neta mais velha. Até pessoas da família que colecionam tem um testamento em que ele deixa seu piano para essa minha avó, que era a neta mais velha, porque ele se casou duas vezes.

I.F. - Voltando um bocadinho ao Muniz Freire, ele não foi adido naval na Argentina na ocasião em que seu irmão trabalhava lá?

F.T. - Exatamente. Ele era o adido naval, o general Cordeiro era o adido militar e o adido da Aeronáutica era o então coronel Castro Lima.

I.F. - Foi o parentesco que o levou para lá como uma pessoa de confiança?

F.T. - Não, não, foi coincidência. Ele foi com o adido da Aeronáutica porque já era aviador. Daí o Lino, que tinha umas relações muito boas com o Cordeiro e com o Castro Lima, evidentemente levou-o para lá. Levou-o ou ele foi nomeado. Acho que não o levou, não. Ele foi porque o Salgado... Havia algum pistolão, mas eu até não participei disso, porque nessa época eu não era pistolão.

L.H. - Quando seu avô se transferiu para o Rio?

F.T. - Ele viveu a maior parte de sua vida no Rio, era médico e trabalhava aqui. Era classe média bem, na época até era rico, porque tirou um bilhete de loteria, dez contos, qualquer coisa, então tinha uma vida boa. E o Edmundo Bittencourt, que era advogado e concunhado dele, vivia em dificuldades.

Quando o Edmundo fundou o *Correio da Manhã*, fundou com extrema dificuldade porque não tinha dinheiro, mas acabou que o jornal prosperou - coisa rara na época - e ele ficou um homem rico.

L.H. - E prosperou na oposição!

F.T. - Na oposição, um jornal sempre de oposição. Aquele tipo de oposição de classe média urbana, com aquela violência verbal que ele tinha.

L.H. - O senhor chegou a conhecer o Edmundo?

F.T. - Muito, muito.

L.H. - Dizem que ele era de um temperamento terrível, não?

F.T. - Ele era de um gênio difícil, mas era até muito sociável. Eu era muito mais moço que ele, era sobrinho-neto dele, mas me lembro que ele dirigiu o *Correio da Manhã* até aquela luta do Bernardes, aquela situação toda, quando então se exilou na Europa. Ele tinha dois filhos, o Paulo e o Aluísio, que era mais moço e foi com ele para a Europa. E ocorreu que o Aluísio morreu lá de pneumonia, num inverno daqueles - era muito boêmio, como o Paulo, seu irmão, e o velho também. O Aluísio morreu, e o Edmundo ficou num desespero muito grande, porque ele tinha uma preferência muito grande pelo Paulo, que era mais inteligente, mais vivo, formou-se, e outro não estudou... Então ficou num desgosto muito grande com aquilo, e quando voltou para o Brasil, passado o período do Bernardes, ele deixou o *Correio da Manhã* e entregou ao Paulo.

L.H. - Quer dizer que em 30 já era o Paulo que dirigia o *Correio* ?

F.T. - Em 30 já era o Paulo que dirigia o *Correio*. E o que era pior: o Paulo casou-se no primeiro matrimônio com a Silvinha, Sílvia de Arruda Botelho Bittencourt, que era uma maluca, rompeu com o sogro e levou o Paulo junto. Então o Edmundo ficou numa situação... Deu o jornal ao Paulo e ficou brigado com o Paulo. Foi um rompimento, assim, que não era bem um rompimento, eram más relações porque eles se davam bem e tal... Mas ele ficou acompanhando o *Correio* de longe, nunca mais voltou à direção do jornal, que a partir daí, realmente ficou como Paulo, que foi quem o orientou para o resto da...

L.H. - Diga-me uma coisa: a Niomar, segunda mulher do Paulo, é Muniz também?

F.T. - Ela é Muniz. Talvez tenha até algum parentesco com o Paulo, porque ela é filha do Moniz Sodré, de uma família de políticos baianos... Mas não é parenta dele não, não tem parentesco com os Muniz Freire. Porque a minha avó era filha do Balduino Muniz Freire com a filha do Francisco Manuel, a Maria Amália, que era minha bisavó. A mãe do Paulo Bittencourt era Muniz Freire. Era irmã da minha avó, as duas eram filhas do Balduino. Uma era Maria Amália e a mãe do Paulo era Amália. Mas não tinham parentesco com os Moniz Sodré, Antônio Moniz... O Antônio Moniz, sim, era parente da Niomar, porque ele é Moniz com o, o Muniz dos Muniz Freire se escreve com u.

L.H. - Esse Antônio Moniz foi governador da Bahia?

F.T. - Foi governador da Bahia, e era pai do Edmundo Moniz, esse jornalista. Depois veio o seabrismo, porque houve a história daquela briga política na Bahia, mas no período do Bernardes, que o *Correio* estava no auge da oposição, o Moniz Sodré era deputado federal e assumiu a direção do jornal; ficou como diretor responsável pelo *Correio da Manhã* para poder sair, porque ele tinha imunidades. Então era muito chegado. Mas o Paulo não conheceu a Niomar aí. Nessa fase o Paulo se casou com a Silvinha, um casamento que ninguém queria, porque ela já era casada, mas anulou o casamento, anulou mesmo, e casaram. Negócio de... Ela era rica e ele também, o Paulo. Casaram-se, mas depois o casamento não deu certo. Aí ele conheceu a Niomar, casou com ela e viveu com ela. Eu conheci muito a Silvinha quando era menino, um rapazinho de 19,20 anos, e a Niomar já conheci melhor na fase política, já foi um outro tipo de relação.

L.H. - E sua família materna, brigadeiro?

F.T. - A família da minha mãe era muito pobre. Quer dizer, muito pobre... Era dessas famílias... O avô dela, Antônio Caetano de Almeida, era médico, professor da Faculdade de Medicina, e o pai dela também era médico. Esse meu bisavô foi a primeira pessoa no Brasil que fez essa operação de cérebro, uma operação famosa. Foi o primeiro! Era um grande médico, mas morreu e não deixou nada. O pai dela também foi professor da Faculdade de Medicina, mas morreu cedo. Então a família ficou pobre, muito pobre. Moravam... Nessa época meu pai morava no subúrbio, no Riachuelo porque a família tinha uma casa lá, naturalmente conheceu-a por ali e se casaram. Eu acho que, da família, a inteligência era dela, ouviu? Minha mãe era uma mulher extraordinariamente inteligente, extraordinariamente corajosa no sentido de enfrentar a vida, as dificuldades. Quando eu fui preso, ela estava em minha casa, e morreu pouco depois - morreu justamente quando eu estava preso. Mas ela enfrentava as coisas com uma serenidade, com uma coragem danada, naturalmente se emocionava, mas era muito corajosa.

L.H. - Agora, com tanto médico, assim, dos dois lados da família, como não saiu nenhum médico na sua geração?

F.T. - Pois é, nenhum médico. Pelo contrário, fomos todos ser militares, todos, por coincidência... Eu entrei para a Escola Naval em 26, e me lembro que uma vez, algum tempo antes, o meu pai chegou em casa onde estávamos reunidos e disse: "Porque vocês não vão ser militares? O militar tem emprego garantido," - aquela coisa de emprego - "já sai ganhando..." Bateu-se comigo e com o meu irmão mais velho, que disse: "Então vamos." Ele resolveu entrar para a Escola Militar nessa época, e eu, que tinha, assim, um certo complexo de inferioridade, porque ele era um ano mais velho, era atleta, esportivo, muito simpático e eu tinha um gênio danado, brigava muito e tal, disse: "Não: ele vai para um lado e eu vou para outro, porque não quero mais essa tutela dele me fazendo sombra." Então fui para a Marinha, sem nenhuma vocação, porque nunca tive vocação para a Marinha, muito menos para ser militar.

L.H. - Essa idéia da Marinha só apareceu por oposição ao Aluísio?

F.T. - Eu digo sinceramente: só por oposição ao Aluísio. Como ele foi para o Exército, resolvi: "Então vou para a Marinha." Aliás, foi bom, porque... Eu me formei um ano antes do Aluísio pelo seguinte: ele entrou para o curso anexo da Escola Militar e, como não podia entrar para o primeiro ano, porque era puxadíssimo, ele tirou dois anos de curso anexo. Então levou cinco anos. E eu entrei para o primeiro ano com uma sorte extraordinária, porque, em geral, naqueles concursos para Escola Naval, raramente

o candidato passava no primeiro exame: repetia, fazia o segundo, o terceiro... E eu entrei no primeiro. E não tinha ainda a idade, porque nasci em julho de 1911, e em março de 1927, que era a data em que se devia apresentar a idade, eu tinha apenas 15 anos. Mas o meu pai tinha sido vereador no Rio, intendente municipal, e era muito amigo daquele Cândido Pessoa, que tinha um cartório, então arranjou com ele uma certidão e eu aumentei seis meses de idade.

L.H. - Não foi o Cordeiro que também aumentou a idade para poder entrar na Escola Militar ou no Colégio Militar?

I.F. - Foi o Getúlio! [risos]

L.H. - Com o Getúlio também houve essa história, exato. Agora, onde o senhor fez os primeiros estudos? Ainda foi daquele tempo de preparatório em casa?

F.T. - Fazíamos o preparatório no Colégio Pedro II. Estudávamos num colégio, e no fim do ano fazíamos os exames. Era aquele regime de preparatórios. Eu e o meu irmão estudamos no Colégio Rezende, que ficava perto de casa e era até um colégio que tinha uma certa...

I.F. - Um colégio tradicional.

F.T. - Nós estudamos lá. As donas eram umas senhoras Marieta e ... Muito boas pessoas. Nós tínhamos muitas dificuldades de dinheiro, porque o velho era engenheiro dos Telégrafos, quer dizer, um funcionário público, ganhava pouco, mas elas eram muito boas pessoas e conseguimos tirar o preparatório. O Colégio era bom, mas, nem eu, nem o Aluísio estudávamos nada, e passávamos nos exames! Pistolão! Porque o velho, intendente municipal, ia lá, pedia, e havia sempre um professor que precisava de um projeto... Então passávamos sem dificuldades.

L.H. - O que era um intendente?

F.T. - Era o vereador de hoje, o do município.

L.H. - Mas em algumas cidades intendente era prefeito, não era?

F.T. - O intendente era o prefeito. No Rio, não. Como aqui o prefeito era nomeado, os vereadores, o Legislativo municipal, eram os intendentess municipais.

L.H. - No Rio Grande, se não me engano, intendente era prefeito.

F.T. - Era prefeito.

I.F. - E como eram eleitos os vereadores?

F.T. - Antigamente, no Rio, havia voto distrital. Eu ainda me lembro porque em 1923, eu tinha 12 anos, e meu pai foi nomeado intendente. O prefeito na época era o Alaor Prata, quer dizer, do

Bernardes. Então havia o voto distrital, e parece que eram 26 intendentess, ou 24, 12 por cada distrito, então se era votado no distrito.

[FINAL DA FITA 19-B]

F.T. - O 1º. Distrito era a Zona Norte, e o 2º. Distrito era o Centro e a Zona Sul.

L.H. - Porque não havia praticamente nada na Zona Sul, não era?

F.T. - Não, havia! Era Copacabana, Botafogo, Flamengo, Glória e o Centro, Gamboa...

I.F. - Laranjeiras também?

F.T. - Laranjeiras também, mas o Leme e Copacabana era pouca coisa.

L.H. - E pegava Tijuca e Rio Comprido?

F.T. - Tijuca já era Norte, era 1º. Distrito.

L.H. - Seu pai era votado no 1º Distrito?

F.T. - No 1º Distrito. Ele se candidatava no 1º. Distrito. No 1º. ou no 2º. Distrito? Era por um distrito da Zona Sul, não me lembro se o 1º. ou o 2º. Eu tinha 12 anos nessa época, mas acompanhava muito, porque a campanha eleitoral era feita em casa, e havia aquele sistema de cabos eleitorais. Como meu pai era funcionário dos Telégrafos, já havia chefiado umas repartições e tinha também um pouco do bafejo do Edmundo Bittencourt, que era jornalista, então tinha o apoio do jornal, ele foi eleito.

L.H. - O Edmundo ajudava?

F.T. - Muito discretamente, mas ajudava, porque ele também era oposição. Então meu pai se elegeu. Depois se candidatou a não se reelegeu, só teve um mandato, não sei se era de dois ou três anos.

L.H. - E ele foi colega do Maurício de Lacerda nesse tempo, do Adolfo Bergamini, dessa gente?

F.T. - Foi do Adolfo Bergamini, que era deputado federal, havia ainda aquele médico meio de esquerda, o Azevedo Lima, o Azurém Furtado, o Irineu Machado, que foi senador... Meu pai foi eleito na chapa do Irineu Machado.

L.H. - Parece que o Irineu Machado tinha um curral eleitoral que era uma coisa extraordinária!

F.T. - Enorme! E depois ele falava bem! Mas o adversário dele, o Mendes Tavares acabou sendo diplomado, porque o Bernardes fez questão e depurou o Irineu Machado. Agora, na segunda eleição deu-me uma coisa muito engraçada: meu pai empatou no último lugar com um outro, um adversário da

mesma chapa, eu penso, e naquele tempo a Justiça Eleitoral não diplomava, mas indicava, apurava os votos, e o Congresso, no caso, reconhecia.

L.H. - Seu pai empatou em último?

F.T. - Ele ficou em último, empatado com um sujeito, o Otávio Kelly, pai do Prado Kelly, que era juiz e tal. E o Eduardo Baouth, que estava começando a vida, trabalhava com o Otávio Kelly. Eu me lembro muito bem disso. O Baouth foi procurar meu pai - para você ver o que era eleição naquele tempo - não sei se já se davam, e disse: "Você está empatado, já vi a apuração, mas se quiser eu mudo isso: anulo três ou quatro seções que você indicar e você ganha a eleição". Pensando que o meu pai tivesse menos votos que o outro. E o meu pai, então, indicou lá três ou quatro seções, mas indicou errado. Fez essa tramóia, mas não foi eleito. [risos]

L.H. - Quer dizer, o sujeito anulou, mas na verdade venceu o outro?

F.T. - Venceu o outro. Ele fazia muita política com o Edmundo Bittencourt, de quem era amigo, admirador e tio dele.

L.H. - E seu pai não se meteu nessa campanha contra as "cartas falsas"?

F.T. - Meteu-se, a favor! Foi preso! Esteve preso naquela época do Bernardes. Até deu-se uma coisa muito engraçada: nessa época ele era muito amigo e colega nos Telégrafos do Sobral Pinto, que hoje, aos 90 anos, toda vez que me encontra, lembra esse fato. E o meu pai tinha ido em casa do Edmundo, em meio àquela fofoca e tudo mais. O governo Bernardes estava no fim,, já se estava preparando a sucessão, que seria segundo os compromissos do Bernardes, o Washington Luís. E era governador de Minas o Melo Viana, que estava se ensaiando para candidato a romper com aquele acordo de Minas. Mas o velho foi lá na casa do Edmundo e, na conversa, alguém chegou lá, dizendo: "O Melo Viana vai dar uma entrevista bomba, assim, amanhã às tantas horas. Vai chegar aqui no Rio e vai dar a entrevista." Como o velho era amigo do Sobral, que o havia tirado da prisão quando ele foi preso, porque já era o procurador da República do Bernardes - tinha um outro nome nessa época -, ele saiu dali e foi a casa do Sobral. O Sobral conta que dormia cedo, mas morava naquelas casas que as janelas dão para a rua, então o velho bateu lá, e ele acabou atendendo. O velho disse: "Olha, Sobral, eu vim aqui para lhe contar isso, isso e isso." E o Sobral: "Mas isso é importantíssimo!" - ele me contando. Vestiu-se e na mesma hora foi procurar o Afonso Pena Júnior, que era o ministro da Justiça do Bernardes. O Afonso Pena levou-o ao Bernardes, que disse: "Eu não acredito muito nisso. Acho que o Melo Viana não fará essa coisa, mas em todo caso vamos tomar as medidas." E tomou lá umas tantas providências. Acabou que o outro desfez tudo e... Para você ver como era a coisa naquela época: eram inimigos políticos, mas eram amigos e tal. O Sobral, toda vez que me encontra, fala nesse caso.

L.H. - O Sobral tirou o seu pai da prisão?

F.T. - Ah, tirou, quando ele esteve preso. Foi lá e conseguiu. Porque o Sobral tinha muita força, inclusive nesse ramo.

L.H. - Estou vendo que esse negócio de prisão já é uma coisa de família, passa por herança. [risos]

F.T. - É uma coisa de família, exato. É a política, não é? Porque daí eu fiquei com aquela... Eu acompanhava a política, sabia tudo: vereadores, deputados, Bergamini...

I.F. - Já devia gostar, porque isso se deu aos 12 anos e o senhor está lembrando de tudo é porque já gostava.

F.T. - Gostava, gostava! Eu me lembro de tudo isso.

L.H. - O senhor acompanhou a Aliança Liberal, brigadeiro?

F.T. - Ah, passo a passo. Porque quando entrei para a Escola Naval, meu pai, por circunstâncias até de dinheiro, conseguiu ser transferido, porque havia vantagens. Então ele foi primeiro para Alagoas, porque o governador de Alagoas era o Costa Rego, amigo dele e do Edmundo.

L.H. - O Costa Rego depois foi para o *Correio da Manhã*, não foi?

F.T. - Já era do *Correio*. Até foi governador de Alagoas talvez por causa do jornal.

L.H. - Isso eu não sabia. Quer dizer que ele começou a vida no *Correio*?

F.T. - No *Correio*. Toda a vida do Costa Rego foi no *Correio da Manhã*. Era um jornalista extraordinário, e foi até diretor-chefe do jornal. Depois licenciou-se para ser governador de Alagoas, e o velho foi para lá ser o diretor dos Telégrafos local. Mas eu não sei o que houve que ele acabou voltando, e em fins de 26 foi para o Rio Grande do Sul. Quando eu fiz o exame para Escola Naval, ele estava no Rio Grande. Então fiz o exame aqui, passei, e ele ficou lá. No fim do ano fui vê-lo. Mas estou contando isso, porque no Rio Grande ele se ligou ao Getúlio, tornou-se amigo do Getúlio, e nós éramos getulistas exaltados. O Getúlio precisava dele lá, depois fez-se candidato, aquela coisa toda, e nós acompanhávamos. Aí meu pai foi transferido, porque o Washington queria botar um diretor que não desse as comunicações ao Getúlio.

L.H. - E o senhor, aqui no Rio, acompanhou os comícios?

F.T. - Ah, passo a passo!

L.H. - O grande comício da Aliança, inclusive?

F.T. - Na época eu era aluno da Escola Naval, quer dizer, só saía aos sábados e voltava aos domingos, porque havia aquele regime de internato. Mas acompanhava! Acompanhava e vibrava! Eu até cheguei discretamente a conspirar. Na Escola, nós fazíamos umas viagens de fim de ano com os navios da esquadra, e foi então que eu conheci um capitão-tenente que depois foi ajudante-de-ordens do Getúlio, o João Pereira Machado - depois ele se casou com uma filha do Conrado Heck, separou-se... - que era meio suspeito, não era... E o Amaral Peixoto, o Ernâni, porque o irmão, o Augusto, já estava exilado, me pediu para ser intermediário entre ele e um piloto. Porque na extremidade oeste da Escola Naval, naquela época, havia um hangar que era da Condor, uma companhia alemã que fazia uns pousos de avião lá. Então um piloto que estava conjuminado com ele ia para o Uruguai e levaria a carta. Mas

acabou que eu não encontrei o piloto, dei graças a Deus, devolvi a carta, porque estava com um medo danado de ser preso. E no último ano da Escola! [risos]

L.H. - De quem era essa carta?

F.T. - Não sei, era daqui do Rio, provavelmente do Ernâni ou do grupo daqui.

L.H. - E era para quem?

F.T. - Para o Augusto.

L.H. - Seu pai não participou da movimentação que houve em torno da Casa de Saúde Pedro Ernesto nesses tempos de conspiração, entre 22 e 30?

F.T. - Ah, deve ter participado! Participou! Ele era civil, paisano, mas se metia naquelas conspirações todas do 3º.RI, em tudo aquilo.

L.H. - E sua mãe, acompanhava?

F.T. - Ela era um pouco o feitio da Iracema, que acompanha e não reclama de nada. Você pode fazer as maiores loucuras, que ela não reprova, não reclama. E pior do que não reclamar é não reprovar. Talvez minha mãe se metesse mais na vida do meu pai, porque tinha muita ascendência sobre ele.

L.H. - Mas, muito discreta?

F.T. - Uma ascendência muito discreta. Mas ela também estava solidária com aquelas posições todas, porque o ódio ao Bernardes na família - isso é interessante - era, assim, uma coisa! Era uma doença! Depois eu fui um dos que foram pessoalmente convidá-lo para fazer uma conferência no Clube Militar sobre petróleo. Ele sabia qual era a minha família... Mas também deu-se uma coisa: um sobrinho do Bernardes, o José Vaz de Melo, casou-se com uma prima-irmã do Fernandinho Muniz Freire, por conseguinte prima do Paulo e sobrinha do Edmundo. Isso foi em 48, 49, já se haviam passado muitos anos, e o Edmundo inclusive já tinha morrido. De forma que eu - veja a ironia dos fatos -, que era terrivelmente antibernardista, fui convidá-lo, e o pessoal da oposição militar ficou indignado: "Mas, puxa! Vocês vão trazê-lo aqui? Qualquer dia ele vem e fecha o Clube outra vez." - porque ele havia fechado o Clube. Eu disse: "Não, agora ele não fecha mais."

L.H. - Brigadeiro, dizem que homem quando vai se casar procura uma mulher parecida com a mãe. Essas qualidades todas da sua mãe, de ser uma pessoa muito política, muito discreta, influíram muito quando o senhor conheceu a Iracema?

F.T. - Não. A Iracema é 12 anos mais moça do que eu, e quando nos casamos ela tinha 18 anos, era qualquer coisa, assim, de superingênua. Até o meu irmão dizia: "Mas isso é um crime!" Porque eu tinha 30 anos e era um boêmio danado. "Isso é uma barbaridade! Casar com essa mocinha, esse anjo, você, um diabo desses!" Evidentemente eu gostei muito dela, porque fui um boêmio tremendo quando solteiro, enquanto solteiro. [risos] Era um boêmio danado, farrista e tal, mas não sei, há um momento na vida que você diz: "Preciso me casar; tenho que casar, resolver essa vida." E conheci a Iracema, que

era colega de turma da minha irmã no Instituto de Educação. Aí me aproximei, houve o negócio de um telefonema e tal, falei com ela, conheci-a e casei contra a vontade da família, porque eles não queriam que ela se casasse antes de acabar a Escola Normal. E casamos antes, porque aí eu queria casar. Esperar, por quê? É claro, eu não me opunha a que ela acabasse o curso. E acabou, já grávida! [risos] Porque nós casamos em janeiro, e quando ela acabou o curso, em dezembro, já estava grávida.

A Iracema teve, inegavelmente, na minha vida uma influência enorme, num sentido, assim, de equilíbrio, de estabilidade. Eu já era político quando me casei com ela, já estava empenhado nas lutas políticas, mas ela se adaptou muito, totalmente, ao meu sistema de vida, às minhas atividades políticas, e me ajudou - essa é que é a verdade -, muito, inclusive nas fases posteriores mais difíceis, em que ela, como eu disse, não protestava contra nada, não reprovava nada. Então eu me sentia muito à vontade para ir em frente, não tinha perigo. E depois de 64, nós atravessamos momentos difíceis, de dificuldade financeira mesmo, porque eu vivia do montepio e não tinha outras fontes de renda. Eu fui de uma imprevidência total na vida, não tinha um apartamento, não tinha nada! Gastava tudo, e ela não se opunha a isso, então não economizávamos dinheiro. Também, levávamos uma vida boa, de divertimentos. Mas chegou na hora difícil, não tínhamos nada. E ela nunca reclamou. De forma que foi uma companheira excelente.

Os filhos... Aí vieram os filhos. Eu nunca fiz proselitismo político dentro de casa, nem com ela, nunca disputei as minhas posições, mas todos ficaram na minhas posições. Todos! O Aluísio, a Maria Lúcia, e o mais moço, o Raul, que foi um problema sério para nós, porque viveu muito solto... Outra coisa foi a educação dos filhos: isso era da inteira responsabilidade da Iracema. Eu não dava uma palavra, não me metia, não a ajudava... Talvez não atrapalhasse. [risos] Mas era ela que botava em colégio, fazia estudar, tudo era com ela. E esse mais moço, o Raul, em Copacabana, caiu no desvio. Já garotinho, de 12 a 15 anos, não quis estudar, não ia para a escola, não tirou o curso... Chegou até à maconha. Chegou à maconha. Aí eu me desesperei, porque nessa época inclusive eu não fazia nada, estava em casa o dia inteiro. Com esse eu brigava. A Iracema até dizia para mim: "Mas você precisa conversar com o seu filho! Você é um homem que conversa com o Lacerda, com esse sujeito que o atacou a vida inteira, quer dizer, é um homem tão aberto à conversa e não vai conversar com o seu filho!?" Eu realmente não tinha diálogo com ele. Mas, por sorte, aos 18, 19 anos, talvez um pouco mais tarde, ele resolveu parar com aquela história. Até o Aluísio conhecia um médico, um psiquiatra chamado Adler, e esse médico tratou um pouco dele. Eu sei que ele resolveu se casar, arranjou um emprego - ele mesmo arranjou o emprego - matriculou-se na Faculdade de Direito... Nessa época que ele era aluno da Escola de Direito, o meu cunhado era chefe do gabinete - isso foi agora, há uns seis ou sete anos. Ele então foi a esse meu cunhado e disse: "Olhe, eu nunca pedi nada a você, mas agora a minha vida..." Ele já estava casado, trabalhava, coitado, uma luta desgraçada, era propaganda, negócio de remédios, com umas pastas, umas bolsas na mão... Mas lutando, sério, completamente corrigido, ouviu? Então foi a esse meu cunhado e pediu emprego na Petrobrás. Ele disse: "Vou arranjar." Meu cunhado estava até doente nessa época, porque ele teve um derrame, mas ainda era o chefe-de-gabinete, chamou a secretária e arranjou um empregozinho...

L.H. - Ele era chefe-de-gabinete de quem?

F.T. - Do presidente da Petrobrás, o Araken. Porque ele era funcionário da Petrobrás, até fui eu que arranjei o emprego para ele no tempo do Jango. Então o Raul se empregou e formou-se - ele é realmente um garoto interessante. Quando se formou, já casado, com filhos e tal, e ganhando um pouco mais, porque foi trabalhar na Petrominas, uma subsidiária da Petrobrás, ele foi ao presidente da empresa e disse: "Olhe, doutor," - sei lá o que o sujeito era - "eu me formei em direito, estou aqui,

assim, mas quero melhorar." Uma conversa desse tipo, ouviu? O sujeito disse: "Você está satisfeito aqui?" Ele: "Estou." "Então fique quieto, que você vai melhorar." E botou-o como advogado. Agora ele até ganha bem e tal. Mas foi um milagre! Então a Iracema dizia: "Mas você, que conversa com o Lacerda, conversa com todo mundo, não quer conversar com o seu filho!" Achava que eu tinha papo.

L.H. - De certa forma, guardadas todas as proporções, porque eram gerações diferentes etc., esse seu último filho fez um pouco a sua trajetória enquanto solteiro, não? Muito boêmio, não sei o quê... É claro que...

F.T. - Ele deu para um lado ruim, perigosíssimo.

I.F. - Mas o mundo também estava diferente.

F.T. - Estava diferente, exatamente.

L.H. - Como foi essa história de ser boêmio? Como era a sua vida de rapaz?

F.T. - Para começar, eu nunca morei em casa depois que me formei, depois que saí oficial. Morava num apartamento, quer dizer, tinha uma vida de farras, de jogar... Eu gostava muito de jogar, jogava muito. Toda tarde eu ia para o Clube Naval - o Clube Naval era um antro nessa época, tanto assim que acabaram com o jogo - jogar pôquer, pife-pafe, e havia cassinos abertos na época, então era muito bom.

L.H. - O senhor freqüentava cassinos?

F.T. - Frequentava cassinos.

L.H. - Quanto o senhor ganhava? Dava para alugar um apartamento?

F.T. - Dava, dava. Quando eu saí guarda-marinha, ganhava setecentos mil-réis, não era mal, não era mal. O apartamento era 80 mil-réis, então dava para alugar. Quando fui para a aviação naval, passei a ganhar mais - o aviador naval tem mais uma diária de vôo. Aí morava fora de casa. O meu negócio era mais cabarés, o Assyrius... Naquele tempo não tinha boates, era o Assyrius, as escolas de dança, que estavam muito em época...

L.H. - O senhor frequentou a Academia Morais?

F.T. - Oh, a Academia Morais!

L.H. - E o Lamas?

F.T. - O Lamas, na madrugada, o Chave de Ouro...

L.H. - O que era o Chave de Ouro, brigadeiro?

F.T. - Era um café que tinha na cidade, em frente à Galeria Cruzeiro, onde tem aquele prédio... O bonde dava a volta ali, no tabuleiro da Baiana.

L.H. - Era ali que ficava o Chave de Ouro?

F.T. - O Chave de Ouro era em frente.

I.F. - E o Bola Preta, já existia?

F.T. - O Bola Preta! Carnaval era no Bola Preta! *High Life*, os famosos bailes do *High Life*!

L.H. - E nos cassinos, ia-se fardado ou era *black-tie*?

F.T. - Não, eu só andava à paisano, porque aí eu já era oficial.

L.H. - Mas vocês não gostavam de andar fardados?

F.T. - Não, tínhamos horror a andar fardado!

L.H. - Po quê?

F.T. - Oficial de Marinha não anda fardado. O oficial do Exército ainda anda; andava um pouco, agora já não anda mais, porque o desprestígio é tanto que eles estão evitando. [risos]

L.H. - Mas naquela época não tinha aquela história de que o militar... Enfim, de que as moças gostavam de uma farda, não sei o quê? Vocês não exploravam esse lado de andar fardado?

F.T. - Bastava saber que era oficial, [risos] não precisava andar fardado.

L.H. - Agora, nesses lugares, nos cabarés, essas coisas assim, o senhor não ia com namorada, não é?

F.T. - Ia.

L.H. - Com namorada!? Namorada, assim, moça de família?

F.T. - Não, não!

L.H. - E quando o senhor namorava moça de família, como era?

F.T. - Isso não havia, era artigo que eu não manipulava. A Iracema foi a primeira. [risos] Porque hoje a coisa é muito diferente: com a pílula, com essa coisa, acabou-se esse tipo de... Por exemplo, eu vejo com os meus netos, isso acabou. Mas naquele tempo você tinha que funcionar mesmo era com mulher já meio desgarrada, meio desgarrada.

L.H. - Mas, por exemplo, quando o senhor começou a namorar a Iracema, onde vocês iam? Na Americana tomar lanche, essas coisas?

F.T. - Naquele tempo era um cineminha, tomar um lanche e tal, e sempre acompanhada de uma tia... Como se chamava? Tinha até um nome... Pau-de-cabeleira! Era sempre uma tia. Foi até muito

engraçado, porque eu fui bem recebido na família da Iracema, que era uma dessas famílias de pequena burguesia fechadíssimas, que acham que ninguém de fora presta... Todos os que casaram, a não ser eu, com as primas eram imediatamente repudiados, hostilizados pela família. A mãe da Iracema tinha duas irmãs solteironas que moravam junto com ela, era uma... Mas eu era um príncipe na casa dela! Porque eu também comecei logo a...

L.H. - O senhor investiu nisso?

F.T. - Ah, investi! Depois eu era muito mais velho, quase da idade das tias... Não, era mais moço, mas elas tinham muito respeito a mim. Como dizia o Lacerda, eu sempre fui muito respeitado. [risos] O meu mérito na vida é ter sido muito respeitado. Então era respeitadíssimo pelo pai da Iracema! Não era coisa de eu ter... Eram elas que tinham comigo, gostavam mesmo de mim. Fui o único que penetrou na família, e que a vida inteira elas trataram... Agora já morreram todas.

L.H. - Namorar a Iracema, então, foi uma experiência nova para o senhor. Essa coisa de ir ao cinema, de chegar cedo...

F.T. - Ah, inteiramente nova, ir ao cinema... Coisa seríssima!

L.H. - O senhor namorou quanto tempo?

F.T. - Bom, conheci a Iracema em 40 e me casei em 42. Tudo rápido. Conheci, ficamos um tempozinho de namoro, esse namoro meio ridículo daquela época, depois eu entrei logo na casa dela. Eu queria casar e não tinha por que não ir, não é? Entrei, meses depois, em meados de 41, fiquei noivo oficialmente, mas com o compromisso de só casar quando ela se formasse - ela se formaria em dezembro de 42. Eu disse: "Não, não dá. Vamos casar em janeiro." Acabei ganhando a parada, e realmente casamos. Quer dizer, foi um relacionamento estilo antigo.

I.F. - O senhor foi muito avançado quando moço, brigadeiro, mas os tempos mudaram muito. Como a sua cabeça funciona em relação aos netos, com esse mundo diferente? O senhor aceita bem ou tem dificuldades?

F.T. - Aceito muito bem, muito bem, até em relação às netas. Porque hoje eu tenho uma neta de 15 anos, é verdade que ela é muito crescida, muito grande, mas ela namora, sai com o namorado, e eu acho muito natural. Acabou. Agora, naquele tempo, não. Hoje eu recebo as coisas muito bem, muito bem, mas com os filhos eu era ainda um pouco quadrado.

L.H. - O senhor diria que era um pai meio reacionário? [risos]

F.T. - Reacionário eu não podia ser, mas quadrado eu era. Eu me lembro que o Aluísio, uma vez, já era noivo da Teteca, e foi lá para a casa com ela e um amigo. Nesse tempo eu morava nessa casa do Posto 6, que era enorme. A Teteca foi lá para cima, eu fiquei fazendo não sei o quê, bebendo um uísque, e o Aluísio foi para uma salinha no fundo conversar com o amigo. Dez horas, 11 horas, meia-noite, eu me levantei e disse: "Aluísio, vá lá em cima," - ela estava deitada numa cama dormindo - "pegue a sua noiva e leve-a para casa dela, porque aqui ela não dorme!" [risos] Ele ficou uma fera comigo! "Você é um quadrado! É por isso que ninguém te dá bola!" Me esculhambou de todo jeito, ouviu? Eu não disse

uma palavra. Porque eu havia dito: "Eu não quero perder o respeito a essa moça. Você vai se casar com ela?" E ele: "Vou". "Então leve-a para casa dela, vá para onde quiser com ela, mas aqui, não, porque eu não quero perder o respeito a essa moça!" Quer dizer, um quadradismo danado. Ele ficou uma fera, mas depois reconheceu que eu tinha razão. Aí veio, me pediu desculpas e tal. O meu filho mais moço, o Raul, que nasceu em 52, quer dizer, hoje tem 32 anos, casou-se com a filha de um primo da Iracema. Mas antes meteu-se numa maluquice e foi com ela para São Paulo. Eu não sabia de nada, nem que o namoro já estava a ponto de ser... Eu sabia que namoravam e tal. Quando ele voltou, eu chamei os dois e disse: "Vocês vão se casar. Não têm meios, mas vão se casar e morar aqui em casa." Aí foi um ... Porque nenhum dos dois queria casar ainda, ouviu? Quer dizer eu era muito quadrado. Agora, com os netos já não sou. Mas também neto é outra coisa.

L.H. - Neto é filho com açúcar, não é? E como eram os seus pais em relação a vocês, quer dizer, como era a convivência?

F.T. - Era muito boa, ouviu? Muito boa. Eles nunca foram... Acho que essas minhas posições, vamos dizer assim, meio avançadas, essas tendências, essa liberdade de pensar, eu devo muito a eles. Por exemplo, religião: eles eram religiosos, não eram praticantes, muito menos minha mãe. Mas eu, quando era menino de oito, nove anos, vivia numa igreja. Nós morávamos perto do Santo Inácio, então eu ia para lá, ia à missa... Mas eles nunca impuseram o problema de religião, de comungar, de confessar. Nunca!

L.H. - Mas o senhor fez primeira comunhão, tudo direitinho? Os seus irmãos também?

F.T. - Ah, sim! Primeira comunhão, fazíamos todos.

L.H. - Quer dizer, seguiam mais ou menos os ritos.

F.T. - Exato, os ritos. Mas depois de um certo tempo largávamos e tínhamos inteira liberdade, até com muito espírito crítico sobre a religião, sobre tudo. E depois, naquela vida, talvez, política, de luta política... Era política miúda a que meu pai fazia, essa é que era a verdade, e eu participava como torcedor, o que também arejava um pouco, porque o sujeito... Então fui criado, assim, sem preconceitos.

L.H. - Seu pai morreu em 57?

F.T. - Meu pai morreu em 57. E os dois morreram lá em casa, eu já morava naquela casa do Posto 6. Primeiro ele quebrou uma perna e teve um problema sério de arteriosclerose. Eu era do gabinete do Melo, e o Lino era do Juscelino. Ele então levou-o para o Hospital dos Servidores, os sujeitos fizeram aqueles exames todos e disseram: "Ele não tem mais cura, é arteriosclerose. Vocês têm que levá-lo." Então ele foi lá para casa, ficaram morando lá os dois, e lá ele morreu em 57. Ele morreu quando o Juscelino tirou o Fleiuss, porque eu me lembro que o Juscelino foi ao velório, lá no Caju, onde nós temos um negócio de...

[FINAL DA FITA 20-A]

F.T. - O Juscelino foi ao velório para cumprimentar a família, e dali a pouco apareceu o Fleiuss. O Fleiuss apareceu a título de dar os pêsames, mas ele foi mesmo por causa do Juscelino, tanto que voltou com ele de automóvel. Então meu pai morreu em julho de 57, e minha mãe em 64, quando eu estava preso no navio. Ela já tinha um problema cardíaco e, para você ver o que é a canalhice humana, havia um médico - acho que era um bom médico da Aeronáutica - que vivia lá em casa para arranjar coisas. Suponho, pelo menos, que ele devia ter a ambição de alguma comissão no estrangeiro, porque naquela época eu tinha força junto ao... Então vivia lá em casa e tratava da minha mãe. Quando ela teve o primeiro enfarte, à noite, 15 minutos depois ele estava lá com toda a medicação e salvou-a. Isso foi, digamos, em 63, um ano antes. Daí em diante ele passou a assistir minha mãe permanentemente. Então ela foi vivendo, estava bem, até não podia subir escada, mas nós botamos um elevador na casa para ela poder subir. Quando foi em 64, que ela teve um enfarte à noite, a Iracema ligou para a casa desse médico, não me lembro a hora, mas deve ter sido às duas horas da manhã, e ele só apareceu de manhã com o atestado de óbito. Um canalha completo! Jaime Vítor de Sá.

L.H. - As coisas aí já tinham mudado, não é?

F.T. - Já tinham mudado. Também nunca mais falei com ele. Coitado, apavorou-se! Porque, evidentemente, quando o sujeito se mete ou adere a uma luta política que sempre tem conseqüências, boas ou más... A gente joga para que sejam boas, mas podem ser más, não é? Quando a coisa degingolou para o nosso lado, ele sumiu: foi lá, levou a certidão, mas nem ao enterro foi.

L.H. - Como é essa experiência, brigadeiro, de viver no poder, bajulado, agradado, procurado pelas pessoas, e depois viver totalmente marginalizado?

F.T. - Se você se deixar iludir pela fase boa, é um choque tremendo. Eu nunca me iludi. Mas era uma coisa séria. Eu comandava a III Zona. É verdade também que, pelo fato de eu ser o mais graduado, o mais velho, havia um pouco dessa coisa - eu exercer uma certa liderança. Então me procuravam muito, a ponto de aos sábados, lá em casa, à noite... Eu nunca saía aos sábados à noite, primeiro porque os netos iam para lá, para dormir e tal. Então uma vez houve uma crise do Osvino, que deu umas entrevistas contra o Krueel... Isso foi em 63. Quando o Krueel deixou o ministério, que o Albino era o chefe do Gabinete Militar e o Jair assumiu, houve uma troca de entrevistas entre o Osvino e o Krueel. E o Jango queria ver se o Osvino parava a coisa. Então o Albino foi um sábado à noite lá em casa, porque eu era muito amigo do Osvino, pedir que eu intercedesse junto ao Osvino para que parasse com aquela coisa e tal.

L.H. - Quem foi na sua casa? Albino Silva?

F.T. - O Albino Silva, chefe da Casa Militar do Jango ainda nessa época. Ele foi na minha casa e, quando entrou, havia mais de 30 pessoas lá. Ele disse: "É aniversário?" Eu digo: "Não, todo sábado aqui é assim." Ele até não precisava ter ido lá, porque eu já tinha conversado com o Osvino, e o Osvino havia dito que não daria mais entrevista nenhuma, que estava encerrado. Então acalmei o Albino, ele tomou um uísque e foi embora.

L.H. - E depois de 64, isso parou?

F.T. - Depois de 64, parou. Depois de 64, naquele primeiro momento, houve um certo pânico nas nossas hostes e cada um tratou de se recolher. Então eu ia muito às corridas. No primeiro sábado depois que houve 64, eu fui às corridas e, quando voltei, a única pessoa que estava lá em casa era um cachorro que eu tinha, o Saci - aliás, uma

revista dessas a que dei uma entrevista fotografou o Saci. Aquilo até me emocionou, porque ele pulava em cima, fazia uma festa! Eu digo: "Mas que diferença! Há seis meses atrás isso aqui estava cheio, agora só tem o Saci." [risos]

L.H. - O senhor passou pela experiência de chegar num lugar e ter um certo mal-estar entre as pessoas? Ou por exemplo, como o caso desse médico, de alguém não querer ser visto falando com o senhor nesses primeiros tempos?

F.T. - Depois de 64 eu sempre fui muito cuidadoso: não procurava ninguém, não falava com as pessoas na rua, porque não sabia se queriam falar comigo... Então tomei um pouco a iniciativa de evitar, até amigos. Agora, se o sujeito me procurava, me abraçava, muito bem. Mas não tive... Não sei se foi porque eu tinha uma compreensão política muito grande do que tinha ocorrido, da derrota esperada e das conseqüências da derrota. Porque algumas pessoas se surpreenderam, eu não me surpreendi. Quando eu estava preso no navio, de abril de 64 até meados de maio, e que saiu o primeiro ato, a primeira lista de cassados no dia 9 de maio e eu fui reformado, tive os direitos políticos cassados, já nessa época, nós tínhamos um serviço para receber informações no navio. Chegou o jornal, eu li aquilo, e até não quis... Mas fiquei radiante. Eu digo: "Puxa, será que é só isso? Só vão me reformar?" Eu estava pensando em ser fuzilado, que eles iam arranjar uma...

Bom, primeiro eu fui reformado, e uns três meses depois, em julho de 64, eu fui demitido. E recebi aquilo tranqüilamente. Fiquei até meio chateado, porque era um golpe em cima de mim, mas em todo caso estava vivo, estava vivo! E eu me lembro que um outro brigadeiro que foi me visitar por causa da demissão e tal me encontrou raciocinando politicamente, eu não estava morto. Meses depois ele foi demitido também. Então foi falar comigo: "Olhe hoje eu vou lhe confessar: você é um sujeito fantástico! Porque quando eu li a minha demissão, fiquei arrasado! E você, não." Eu disse: "É a tal coisa, ainda estou esperando dias melhores. Não perdi a esperança de mudar isso tudo, de recuperar a coisa e tal." Quer dizer, então eu recebia as contrariedades políticas com muito raciocínio, muito racionalmente, não me emocionava muito com aquilo.

L.H. - De certa forma, pelo que o senhor tem nos contado esse tempo todo, parece que a sua vida é um pouco uma montanha russa. Seu pai começou, subiu, depois foi preso e desceu; o senhor também começou, subiu, foi para Jacareacanga, e quando voltou, estava demitido da função; depois subiu outra vez, virou o chefe-de-gabinete... Isso talvez tenha lhe dado uma certa tranqüilidade diante dessas coisas, quer dizer, nada é eterno, nem o alto, nem o baixo.

F.T. - Nem o alto, nem o baixo. E no alto... Por exemplo, como eu disse há pouco, não tenho um apartamento, nunca tive uma comissão permanente no estrangeiro... Nunca tive! Mandeí muita gente para o estrangeiro em comissões permanentes, e os sujeitos ficaram muito gratos, mas depois evidentemente esqueceram. Quer dizer, eu nunca me beneficieí propriamente do poder. Fui convidado duas vezes para ser adido nos Estados Unidos: uma eu era coronel, o lugar era de major-brigadeiro, e eu recusei. Recusei por uma convicção política de que eu era mais necessário aqui. Porque quando a gente está engrenado num sistema de poder... É um poder muito relativo, na Aeronáutica, o de chefe-de-gabinete, no sentido de dar as cartas, vamos dizer, ou de pensarem que você dá as cartas. Se você

está engrenado naquilo, quer manter, não vai... Se o meu objetivo fosse ir para o estrangeiro, pronto, acabou-se: faziam um decreto e eu ia para Paris, para Washington, e os outros que se lixassem aqui. Mas eu me achava muito responsável por aquela corrente de militares que confiavam em mim, então não podia... Eu me lembro no 1º. de abril de 64 - já contei isso, mas vou repetir - o ministro me chamou no Galeão e disse: "Olhe, acabou tudo. Eu vou descansar um pouco e vou para São Paulo, já não sou mais ministro, já estou demitido." Eu digo: "Está bom." A casa do ministro era ao lado da base do Galeão, então voltei para a base, onde estava um grupo de oficiais e alguns sargentos. Era ainda aquela fase meio confusa, então eles queriam pegar os aviões e ir para o Rio Grande, para onde o Jango tinha ido, e eu os dissuadi. Eu disse: "Se tomarmos esses aviões e formos para Porto Alegre, só há um caminho para nós: o exílio. Porque aí, realmente, estaremos reagindo contra um governo que já se instituiu." O Jango não queria reagir, eu sabia que ele não queria reagir: saiu do Rio, foi para Brasília, de Brasília para o Rio Grande e depois para Montevideú. Eu estava ao lado dele, e se ele quisesse reagir, teria dito: "Olhe, Teixeira, pegue os aviões e vá me encontrar em Porto Alegre." Mas não disse uma palavra, então não quis. Se ele não quis, eu iria assumir a responsabilidade de fazer uma guerra civil? Não. Ou de ir para o exílio? Então expliquei a eles: "É claro que, para nós, essa derrota pode ter conseqüências, e até sérias, mas estou dando tranqüilamente esse conselho a vocês porque estou convencido de que a vítima número um do ódio dessa gente serei eu. Na Aeronáutica, serei eu. E se eu estou dizendo para ficarem, é porque acho que não vai acontecer nada. Não quero me suicidar. Ou então eu iria para uma embaixada. Estou certo de que não fizemos crime nenhum, apenas defendemos um governo legal. Acabou o governo? Está aqui, entregamos tudo." E não fomos. Eles queriam, insistiram. Eu até voltei ao ministro para saber o que ele achava, e ele disse: "Não façam isso." Eu voltei, e não fomos. E foi uma sorte, porque não nos aconteceu nada de mais grave, e o que nos aconteceu, aconteceria no Uruguai ou aqui. Ficamos aqui. Eu levei esses 20 anos no Brasil, e não posso dizer que não tenha corrido riscos. Quando houve o AI-5, em dezembro de 68, dias antes, eu tinha sido envolvido num IPM - não me lembro qual era o negócio desse IPM, era uma daquelas fofocas daquela fase. Sei que estavam envolvidos fundamentalmente o Edmundo Muniz, que era muito meu amigo, conspirava muito comigo, e eu. O encarregado do inquérito era até o Roberto Moura, um coronel que comandava uma unidade em São Cristóvão. E o promotor que acompanhava era o Manes Leitão, da Marinha, uma fera! Fomos lá depor, e levamos um advogado, que foi o Marcelo Alencar, esse que hoje está prefeito aí - foi o nosso advogado, e depois até brigamos; brigamos, não, mas ficamos frios. Fomos lá, o Manes Leitão fez aquelas perguntas de besteirada, depusemos e voltamos para casa. Dia 13, o AI-5: fechou tudo! Congresso fechado... Dez dias depois o Edmundo se exilou numa embaixada. E eu fiquei firme. No dia vinte e poucos de dezembro, recebi uma intimação do Roberto Moura para ir depor. Aí já era diferente, havia o AI-5, eu ia depor e podia ser preso. Devia ser preso. Eu estava até escondido, porque quando houve o AI-5, por uma precaução, fui para a casa de uns amigos. Mas a Iracema me disse: "Olhe, chegou aqui essa intimação." Eu pensei, pensei, pensei, e decidi: "Não, eu vou lá." E fui depor. Mas a minha sorte foi que eles estavam querendo pegar o Edmundo Muniz. Quando cheguei para depor, eles me deixaram numa sala, e eu comecei achando a coisa péssima, ouviu? Entrou soldado, entrou oficial, e eu ali calado, esperando. Uma hora depois o Manes me chamou: "Cadê o doutor Edmundo?" - ele estava na embaixada. Eu digo: "Não sei. O senhor me chamou, estou aqui." E ele: "Mas sem o Edmundo não adianta, porque eu vou lhe ouvir e o senhor vai contar a ele as perguntas. Acho que o senhor vai ficar preso aqui." - assim mesmo, ameaçador. Eu disse: "O coronel é que manda; eu não sou mais nada, o senhor pode me prender." Ele acabou me fazendo umas três perguntas, me ouviu e encerrou o depoimento. Aí chamou o coronel para assinar, o coronel olhou e disse: "Mas, doutor Manes, é só isso? O senhor chama aqui esse brigadeiro para fazer essas perguntas sem razão nenhuma?" O Manes aí queimou-se - era petulante esse Manes - e disse:

"Coronel, se o senhor quiser eu encho três folhas de perguntas." O coronel disse: "Está bom." Assinou o negócio e voltou para a sua sala, que era ao lado. Aí eu já vi que não ia ser preso. E o Manes virou-se para mim: "Acho melhor o senhor sair por esta porta aqui e ir embora, porque o coronel está lá distraído, senão ele lhe prende." Quer dizer, querendo conspirar comigo para que fugisse. Acho que ele queria que eu fosse para uma embaixada também. Eu disse: "Então acabou, não é, doutor Manes?" E ele: "Acabou." "Com licença." Saí, bati na sala ao lado e disse: "Coronel, com licença, eu vou me retirar." - para ele ouvir, claro! Um coronel do Exército...

Então é o que eu digo: enfrentava essas coisas com muita tranquilidade. Vou até fazer uma confissão: fui preso várias vezes no Exército, na Marinha e até na PE da Barão de Mesquita. Eu sofro muito de insônia, não tenho a menor facilidade para dormir; mas quando estou preso, caio na cama e durmo imediatamente. Acho que os problemas vão todos embora, e eu só penso: "Acabou-se: agora estou por conta desse carcereiro." Mas durmo bem como o diabo! [risos]

L.H. - Não deixe ninguém ficar sabendo disso! [risos]

F.T. - Ah, não! Senão o remédio vai ser esse!

L.H. - O senhor tem consciência que de certa forma se transformou num símbolo na Aeronáutica?

F.T. - Não, símbolo, não!

L.H. - Durante uma certa fase era um símbolo até... Porque o senhor mesmo nos contou que o Scaffa mostrava o seu retrato para os marinheiros, depois o Burnier andou com o seu retrato...

F.T. - Ah, todos eles, isso é verdade.

L.H. - Negativo ou positivo, não vamos discutir esse mérito, o senhor se tornou um símbolo dentro da Aeronáutica.

F.T. - Acho até, modéstia à parte, que consegui na Aeronáutica realmente uma posição de liderança política, político-militar, vamos dizer assim. O Eduardo dominava politicamente a Aeronáutica, jogou a Aeronáutica na política e teve inclusive, naqueles acidentes com o Lacerda e o Vaz, muita responsabilidade indireta no problema. Era um homem político. Eu não o condeno, eu também sou - acho que sou. Então, nessas lutas que nós travamos - eleições no Clube Militar, no Clube da Aeronáutica, indicação de ministros - tivemos que nos organizar, e eu polarizei em volta de mim uma certa oposição ao Eduardo. Quer dizer, era uma oposição ao golpismo, àquilo tudo, mas dentro da Aeronáutica era uma oposição ao Eduardo. Então a turma que rompia com ele ia para o nosso lado. Porque nisso tudo há um fisiologismo muito pronunciado. Então o sujeito na Aeronáutica dizia o seguinte: "Bom, se eu for para o Eduardo, obtenho isso, isso ou aquilo." Mas se o Eduardo não o quisesse, rompesse com ele, ele teria que ir para o nosso lado para obter junto a nós. E de fato, por coincidência, estivemos mandando, vamos dizer assim, dentro da Aeronáutica vários períodos: o do Juscelino, parte dele, e o do Jango. Naturalmente não estou dizendo que fosse eu a mandar, mas eu tinha influência de ir a um ministro obter comissão para um, se o sujeito não era promovido vinha a mim, então o que houve foi isso. Se as coisas corressem normalmente, eu estaria fadado a ampliar essa minha liderança. Se em 64 não houvesse o golpe e se o Juscelino se elegeisse presidente... Mesmo se o

Lacerda se elegeisse presidente, eu iria polarizar uma oposição a ele. Se o Juscelino se elegeisse presidente, eu iria polarizar o governo.

L.H. - Podia até sair ministro.

F.T. - Podia até sair ministro ou indicar um ministro, como sempre fazíamos.

L.H. - Acho que depois do brigadeiro Eduardo Gomes, que de certa forma impediu que outras lideranças surgissem na Aeronáutica, porque a liderança dele era tão acachapante, a única liderança que surgiu na Aeronáutica foi o senhor, por oposição ao Eduardo e em oposição.

F.T. - Em oposição ao Eduardo, exatamente.

L.H. - A liderança que surgiu na Aeronáutica foi o senhor, e de certa forma, para seus opositores que acabaram vencendo em 64, o senhor se tornou um símbolo. Até, digamos, o símbolo de tudo o que era ruim, de tudo o que era pernicioso, o perigoso subversivo e coisas no gênero.

F.T. - Exatamente. E aí cabe um retrospecto da nossa atuação para situar. Nós começamos a atuar politicamente na área militar, independente de problemas ideológicos etc., na primeira eleição do Clube Militar, que foi em 44, em que o José Pessoa se elegeu em oposição ao Góis Monteiro e ao Dutra, cujo candidato era o Valentim Benício, se não me engano, chefe-de-gabinete do Dutra. É muito interessante observar, naquele trabalho do José Murilo, a importância que o Clube Militar tem no problema do Exército, sobretudo do Exército, em que ele diz o seguinte: o Góis foi presidente do Clube, o Dutra foi presidente do Clube, e eles fazem muita questão de manter o Clube, porque o Clube sempre foi assim a casa de um grupo de oficiais, para a qual se é convidado. E eu era meio estreante na coisa, porque até então tinha atuado pouco: em 42, 43 e 44 servi em Recife, um pouco afastado do Rio, preocupado com o problema da guerra, de entrar na guerra e tal. Então vim para o Rio e fui convidado para participar dessa chapa com o José Pessoa.

L.H. - Quem o convidou? Quem foi, assim, uma espécie de padrinho seu para essa participação no Clube Militar?

F.T. - Foi o pessoal do Exército, não me lembro bem se foi o Júlio Sérgio de Oliveira, um major do Exército que liderava muito nessa época.

L.H. - Esse Júlio Sérgio foi um que esteve envolvido posteriormente no inquérito de 52?

F.T. - De 52, exato, eu já contei isso. Mas não me lembro bem se foi ele. Sei que nos reunimos, entramos e começamos a participar do Clube Militar. A preocupação do nosso grupo, no começo, era política, era democrática, de prestigiar a FEB, então capitaneamos as homenagens à FEB de que o Clube Militar participou. Em 46, o mesmo grupo, já dentro do Clube Militar, elegeu o marechal César Obino, que se não me engano era do EMFA na época, era o mais graduado do Exército. Um nome bom. Quer dizer, o grupo militar político se preocupava em fazer alianças. Naturalmente escolhia um general cujas tendências políticas fossem democráticas e tal. Aí entramos com o problema nacionalista. Aí, sim, começou o divisor de águas. Porque até então, não havia ainda projetos, era mais uma habilidade de se ter um bom ou um mau candidato para o Clube.

L.H. - Era uma coisa mais eleitoral?

F.T. - Mais eleitoral, mais eleitoreira. Basta dizer o seguinte - estou com esse dado na cabeça porque li no José Murilo: o José Pessoa se elegeu com setecentos votos, e o Valentim Benício teve duzentos, quer dizer, menos de mil votantes; o Cordeiro e o Estillac tiveram oito mil votos; o Etchegoyen com o Estillac, a segunda vez, 13 mil votos; e agora o Clube tem trinta mil sócios. Mas a ligação que eu quero fazer é a seguinte: nós entramos na luta nacionalista talvez porque o nacionalismo fosse o chamamento mais fácil para o militar patriota. Então começamos a Campanha do Petróleo. E o que encontramos pela frente? A hierarquia militar contra nós. E o que ela era? Entreguista. Quem foi o chefe da corrente contra "O Petróleo é nosso!""? O Juarez. E a hierarquia militar formou e chocou-se conosco no problema nacionalista. E ela era golpista! Então tivemos que passar a defender também posições democráticas ou antigolpistas: o Eduardo era entreguista, era golpista, e nós começamos a formar na Aeronáutica um grupo nacionalista e democrata.

L.H. - De certa forma, então, a coisa começou primeiro como uma disputa contra a hierarquia militar que era contra vocês.

F.T. - É a tal coisa que eu digo na minha tese: a hierarquia era antidemocrática, porque queria dominar, como dominou o período do Estado Novo. Mas o Estado Novo esgotou-se com a derrota na guerra, aquele sistema fascista de governo caiu de moda, eles tiveram que redemocratizar o país. Mas queriam redemocratizar - é o sonho do militar - através de uma intervenção, como chamava o Góis, controladora. Quer dizer: queriam mandar. Queriam ter força como tinham no Estado Novo. E nós éramos contra isso. Então nossa primeira idéia era termos o direito de pensar. Quer dizer, a hierarquia militar não poderia dar golpes, não ditaria regras ao presidente da República, ao Estado. Poderia ditar, mas sem o nosso apoio. Aí prestigiamos a FEB, a que todos eles eram contra, o Dutra e o Góis, ainda no poder. Prestigiamos a FEB, homenageamos a FEB e então entramos na campanha nacionalista. Ah, isso foi a gota d'água! E a questão transformou-se numa luta de morte entre as duas facções: a hierarquia... Quando digo hierarquia, estou dizendo mal, porque muitos, como o Leitão de Carvalho, o Horta Barbosa, o Estillac, aderiram às nossas teses. Mas o comando das forças armadas era entreguista, porque o Juarez o levou a essa posição. Acho que já contei que eu também participei da comissão que convidou o Juarez para abrir o debate sobre o petróleo, e ele relutou, porque não conhecia nada do assunto. Relutou e pediu tempo. Nisso, aquele Hoover Junior veio visitar o Brasil e deu ao Juarez um material entreguista magnífico! E ele adotou aquela posição, pronto!

ntão, eu queria dizer que a nossa luta começou pregando posições nacionalistas ou, para dar um caráter mais em moda, antiimperialistas, e terminou numa posição democrática. Não que na época fosse já de nossa parte um amor pela democracia, mas porque eles eram golpistas, e nós defendíamos uma legalidade que nos interessava ou interessava ao país, a nosso ver, ao processo brasileiro. Eles queriam voltar a tutelar o Estado, até que ganharam em 64, por equívocos tremendos da nossa parte, da parte do sistema, depois de várias tentativas: de não dar posse ao Getúlio, não dar posse ao Juscelino, não dar posse ao Jango.

L.H. - Quando o senhor se transformou também em membro dessa hierarquia, não só pela patente, mas porque foi chefe-de-gabinete do Melo, chegou a ser o comandante da III Zona Aérea etc., houve então um choque mais igualitário, entre os grupos, quer dizer, entre patentes mais iguais?

F.T. - Houve. Inclusive nós já éramos brigadeiros também, e chegamos a empolgar os ministérios, porque com o Lott, o que fizemos? Esse foi um período em que a nossa política não foi de massacrar os golpistas, não foi de massacre, tanto que todos eles tinham comissão no Exército e na Aeronáutica. Nenhum brigadeiro ficou sem função: o Ivo Borges e o Guedes Muniz, que eram acirradamente... Sem contar o Eduardo, que evidentemente tinha um mérito: ele se colocava sempre nessas lutas numa posição muito superior, não entrava no corpo a corpo.

L.H. - Porque ele disputava com o presidente da República.

F.T. - Com o presidente da República, exatamente. Então o Borges, o Muniz, todos tinham comissão. Eu me lembro que uma vez, os dois... Porque havia o seguinte: naturalmente quando nós assumíamos uma fatia de poder, um grupo nosso, era uma luta tremenda para nos tirar. Eles achavam que a alma daquela reação aos seus pontos de vista na Aeronáutica era eu. Então a agressão a mim era permanente, dizendo que eu era comunista, procurando sempre esses aspectos da posição ideológica do sujeito que são mais sensíveis ao repúdio da oficialidade, que é anticomunista naturalmente. Então eles foram ao Melo impor a minha saída do gabinete, porque eu era comunista. Pois bem, eu era chefe-de-gabinete do Melo. O Ivo Borges era o inspetor do ministério, e como inspetor tinha feito uma inspeção geral: correu o Brasil inteiro e voltou.

[FINAL DA FITA 20-B]

F.T. - O Melo nem quis recebê-lo, e ele então - imagine, o inspetor está com um relatório e quer entregar - foi a mim. Conversou uma hora sobre os problemas que encontrou; para que eu, um comunista, o sem-vergonha, corrigisse, o atendesse em suas coisas! Quer dizer, é uma contradição esse sujeito dizer que eu sou um comunista! Se eu fosse comunista, ele nem iria a mim, não é verdade? Então a agressão era muito grande por isso.

L.H. - Uma agressão fácil de se fazer.

F.T. - Uma agressão fácil! E evidentemente essas posições nacionalistas, antiimperialistas e até democráticas, que talvez os comunistas estivessem com elas, ajudam muito a identificar. Então era muito bom. Mas o que eu quero dizer é o seguinte: influências ideológicas, infiltrações ideológicas na nossa atuação podem ter existido, talvez existissem, mas elas não mudam essa seqüência, essa lógica que eu empresto à nossa atuação. Fomos para disputar o direito de opinar, passamos a defender teses nacionalistas e com isso ganhamos maioria. Mas encontramos pela frente a hierarquia militar que se opunha a essa nossa luta, a esse nosso trabalho, encontramos o golpismo. Por coincidência, porque evidentemente os governos democráticos eram eleitos pelo povo, e para se eleger pelo povo, o Jango, o Juscelino, tinham que fazer concessões. E eles não aceitavam essas coisas, então passaram a ser golpistas. E a nossa luta passou a ser também democrática, no sentido de criar obstáculos ao golpismo, o que infelizmente não conseguimos em 64.

L.H. - Quer dizer, a luta foi evoluindo?

F.T. - É isso que eu queria dizer: ela evoluiu. Há uma lógica na luta, há uma lógica. Agora, fora disso, o que havia era por conta dos atores: se havia infiltração, era por conta da infiltração. Não estou aqui me defendendo nem atacando ninguém. Estou dizendo como eu vejo a coisa.

L.H. - O senhor disse, assim, meio *en passant*, que "a oficialidade era toda anticomunista naturalmente". Por que isso? A oficialidade é toda anticomunista naturalmente?

F.T. - Não, naturalmente até não seria justo, porque há uma doutrinação permanente do anticomunismo nas forças armadas desde 35.

L.H. - Na Marinha eu entendo.

I.F. - E cultivam muito até hoje.

F.T. - Cultivam muito até hoje. Outro dia eu tive uma informação da situação da tropa atualmente, o sujeito me disse: "Eles são anticomunistas, agora, estão contra isso que aí está. Ou por outra, não concordam mais com o Exército desmoralizado, com esses militares no poder, mas são anticomunistas."

L.H. - Na Marinha eu entendo mais, até porque me explicaram que um motim à bordo, com setecentas pessoas todas comunistas e só o comandante, digamos, eles matam todo mundo. Agora, na Aeronáutica também a oficialidade é anticomunista?

F.T. - Não. O problema todo é 35, ouviu? O problema é 35. E você há de convir que o golpe de 37, o Estado Novo, foi feito na base de uma chantagem anticomunista conhecida, que foi o Plano Cohen, inventado pelo Mourão, e que o Góis utilizou não para pressionar o Getúlio, mas como razão para o golpe. Quer dizer, havia um perigo iminente de o comunismo tomar o poder, e a única maneira de se defender era através de um Estado forte e evidentemente anticomunista. Naturalmente, de passagem, já tinham feito uma limpeza no Exército com a burrice de 35, então não havia perigo nenhum. A chantagem é mais do que evidente, porque não havia perigo nenhum de comunismo. O comunismo estava destruído, o Prestes na cadeia... Então o Góis criou essa chantagem do anticomunismo, e o Estado Novo, que era fascista, levou isso ao extremo, ao extremo máximo! Ser comunista naquele momento era uma lepra! Então o melhor para o militar era mesmo ser anticomunista. Havia, paralelamente, uma doutrinação sistemática do perigo, esse anticomunismo barato até, que é vendido por aí. Isso criou uma situação que não se aliviou. Modificou-se muito em 45, com a volta da FEB, porque o fato de o Exército ter combatido o nazismo ao lado da União Soviética ventilou muito aquele pessoal que voltou da guerra.

L.H. - Como bateu nas forças armadas a saída do Prestes da prisão em 45 e a aliança que ele fez com o Getúlio?

F.T. - Não posso dar uma idéia sobre isso, porque naquele momento eu não estava muito atento a essas repercussões. Mas... mal. A Aliança Nacional Libertadora evidentemente não nasceu como uma atuação do comunismo. Ela não nasceu comunista, nasceu como uma reação ao fascismo crescendo no mundo. Eram aquelas frentes populares...

L.H. - Exatamente, a ANL era mais frente popular do que qualquer outra coisa.

F.T. - E como uma coisa antifascista, teve muita repercussão na sociedade, inclusive entre os militares - você viu quanto: acabou num golpe militar, o que foi o erro. Mas a ANL teve penetração por causa do Prestes, que era um homem de um prestígio militar extraordinário! Veja o Cordeiro: eu nunca vi uma entrevista do Cordeiro fazendo uma pixação do Prestes, a não ser quanto ao problema ideológico. O que não é verdade da parte do Prestes, que sempre que podia pixava o Cordeiro, às vezes até meio grosseiramente. E o Cordeiro sempre muito elegante. O Prestes, era deselegante. Ele disse que quando foi preso - estou dizendo que ele disse porque isso está nesse livro daquele jornalista - o Cordeiro foi visitá-lo não para lhe fazer uma visita, mas para saber se era ele mesmo, Prestes. Porque havia dúvida se era ele. [risos] Quer dizer, isso é uma deselegância para com um sujeito que foi visitá-lo! Você não quer saber por que motivos foi. Então foi uma ilação do Prestes que o Cordeiro foi visitá-lo só para o identificar, porque ali havia o Filinto, que conhecia o Prestes muito bem. Foi da Coluna...

L.H. - E o Filinto não ia saber quem era o Prestes! Foi expulso da Coluna pelo Prestes, e não ia saber quem era ele?

F.T. - E haviam passado apenas oito ou dez anos da Coluna.

L.H. - O prestígio do Prestes, então, continuava intacto como militar?

F.T. - Acho que aí ele já estava com o prestígio militar um pouco caído. Mas não sei, talvez ainda tivesse algum prestígio.

I.F. - Brigadeiro, as forças armadas nessa campanha anticomunista, tinham noção exata do que era o comunismo, sabiam a fundo, ou transformaram o comunismo num bicho-de-sete-cabeças e a turma começou a tomar um pânico daquilo sem entender bem?

F.T. - É essa a hipótese: não sabiam.

I.F. - Havia aquele negócio do homem mau que come criancinha?

F.T. - A propaganda era, como eu digo, muito barata.

I.F. - É isso que eu tinha muita vontade de saber, se era realmente uma campanha anticomunista consciente.

F.T. - Ah, não era; de esclarecimento, de mostrar os erros, isso não havia. Havia uma campanha baixa, muito acessível ao nível do militar. Você, Inês, foi nora do Cordeiro, um homem que até tinha cultura, era uma homem que lia, mas esse não é o militar. O militar não lê nada! Mal lê o jornal, e quando lê, deve ser *O Dia*. [risos]

L.H. - Ou então aquele *Letras em Marcha*, que é um negócio terrível!

F.T. - É , o *Letras e Marcha*. [risos] Talvez eu esteja sendo injusto com o militar, mas, é claro, tenho muita...

I.F. - Mas é o grosso do militar, vamos dizer assim, um número grande.

F.T. - É o grosso. Então era um tipo de campanha... Eu me lembro que depois de 37, no Estado Novo, uma vez por mês, não sei quantas vezes, os comandantes das unidades escalavam um oficial para fazer uma falação contra o comunismo. E uma vez fui eu o escalado. Eu não tinha a menor idéia, estava no mundo da lua, pensei: "Mas o que é que eu vou dizer? Não conheço nada disso!" Não me lembro como eu me saí da história. Peguei alguma revista, alguma coisa... Quer dizer, obrigavam o sujeito a fazer uma falação contra o comunismo. Para você ver o nível! Em vez de chamar alguém que analisasse a doutrina, como aliás os mais intelectualizados aconselhavam, o Sombra, não sei quem, que se devia fazer uma campanha para o militar aprender sociologia, o marxismo, para saber o que é ou o que não é... Mas, não, isso nunca houve, nem mesmo na Escola de Estado-Maior da Aeronáutica. É verdade que eu tirei a Escola mais tarde, em quarenta e tantos, mas nem lá havia uma campanha bem orientada no sentido de esclarecer sobre as vantagens da democracia, sobre o totalitarismo.

I.F. - Porque o militar vai por esse Brasil inteiro, seu trabalho é duro, ele trabalha muito, e às vezes nem tem tempo de pensar profundamente sobre esses assuntos. De repente eu vejo uma campanha brutal... Gostaria de saber se eles pensam realmente a fundo ou se o que existe é um certo pânico.

F.T. - O que existe é pânico. A campanha anticomunista é do tipo do "come criança viva", é desse tipo. Isso vai criando uma... E vai se agravando periodicamente. Por exemplo, depois de 46, com a guerra fria, houve um recrudescimento da campanha anticomunista.

I.F. - E o crescimento dos Estados Unidos teve muita influência nisso tudo?

F.T. - Ah, muita! Eu acho que essa campanha é comandada pelos Estados Unidos, agora, modernamente. Em 37, não. Naqueles anos do Estado Novo, o que havia era o plano do Góis.

L.H. - Até mesmo porque os Estados Unidos estavam isolados do mundo.

F.T. - Exato. E o Estado Novo tinha uma tendência para o Eixo, o Góis, o Dutra... Então ali o modelo era o fascismo. Mas o Góis, que evidentemente dos militares pós-30 foi quem dominou o cenário político-militar, preparou o Exército... Veja, por exemplo, aquela ata da reunião dos generais de dezembro de 35: foi dali que praticamente nasceu o Estado Novo, porque os generais se reuniram e exigiram do Getúlio medidas de exceção. Só houve duas reuniões, não sei se o Cordeiro estava presente nessa, devia estar. Isso foi em 35, e na época acho que ele estava governando Pernambuco.

I.F. - Não, Pernambuco foi em 54.

L.H. - Ele estava então na Escola de Estado-Maior. Mas eu li essa ata - aliás, pode-se tirar cópia na Biblioteca do Exército -, e a tese deles, em suma, era de tutela do Estado: o Estado brasileiro tinha que ser tutelado pelas forças armadas. E propuseram isso ao Getúlio. Em 35 nós vivíamos numa democracia, e havia até eleições, estávamos em campanha eleitoral. E eles exigiram medidas de exceção.

L.H. - Foi daí que surgiu o Tribunal de Segurança Nacional.

F.T. - O Tribunal de Segurança Nacional e uma série de coisas, e afinal, em 37, eles foram ao poder com o Getúlio. Naturalmente ofereceram ao Getúlio o que ele queria, que era continuar no poder, e ele aceitou. Aí ficaram com o Getúlio. Mas a idéia que predominou na estratégia do Exército com relação ao Estado era a do Góis: uma intervenção controladora do Estado. Isso herdou-se; passou para o Canrobert, para todos eles, e em 45, com a guerra fria, a idéia do Exército ainda era a mesma. Ali a coisa se definiu. Porque antes da guerra fria havia uma liberdade aqui, vamos dizer assim, ou, por outra, o problema estava um pouco amainado. Com a guerra fria o Brasil alinhou-se aos Estados Unidos, e os Estados Unidos impuseram a volta ao anticomunismo, à ditadura. E o Exército gostou disso, porque já então ele tinha ligações estreitas com os Estados Unidos.

L.H. - A própria modificação da doutrina de Segurança Nacional na Escola Superior de Guerra, em 53... Aí já houve - posso arriscar isso - uma sofisticação um pouco maior nesse anticomunismo, o senhor não acha?

F.T. - Maior, maior. E melhorou muito o nível da coisa.

L.H. - Porque quando a Escola Superior de Guerra passou a chamar a si esse tipo de doutrinação mais intelectualizada, digamos, com o grupo de 53, que já era um grupo intelectualmente melhor, com o Golbery, o Mamede, o Newton Reis, que foi inclusive um dos redatores do *Manifesto dos Coronéis...* O Muricy, o Geisel, o Rodrigo Otávio... Quer dizer, já havia nesse grupo uma postura anticomunista mais sofisticada.

F.T. - Mais sofisticada sobretudo porque a Escola Superior de Guerra projetou a atuação militar nesse sentido que estamos analisando, para o nível da sociedade civil. Eu, por exemplo, comecei a fazer o curso e acabei me desligando quando fui para o gabinete do ministro - o que aliás foi uma bobagem minha -, mas ficava admirado com a admiração de civis de gabarito com a Escola Superior de Guerra, com o nível do ensino, o nível da coisa. Porque o funcionamento era realmente esplêndido, ouviu? Então ali já havia a influência do Exército perante as classes dominantes que se representavam na Escola Superior de Guerra. A fase anterior buscou unir o Exército por baixo, na base do anticomunismo, e o anticomunismo mostrou-se ideal para dar unidade ideológica a essa força. Então criaram isso, deram essa unidade, e a hierarquia passou a atuar deliberadamente e desembaraçadamente com o apoio da... Foi então que nós entramos discordando disso no Clube Militar e daí em diante...

L.H. - A essa sofisticação que houve a partir de 53 reforçou muito aquele caráter salvacionista do militar que nós já discutimos; uma tendência salvacionista, uniu-se uma espécie assim de padrão de excelência.

F.T. - De excelência, exatamente.

L.H. - Eu queria voltar um pouco a esse caráter simbólico que o senhor assumiu na Aeronáutica. Nós estamos assistindo agora, nesses tempos, uma espécie de pacificação dentro da Aeronáutica promovida pelo atual ministro, o Délio. Chegamos inclusive a conversar aqui sobre o convite que ele fez ao Nero Moura e ao pessoal do Grupo de Caça para assistirem às festividades da Aeronáutica, como forma de pacificação.

F.T. - Na semana passada ele reuniu os ex-ministros.

L.H. - Exatamente, reuniu os ex-ministros da Aeronáutica para mostrar os novos materiais. Enfim, o senhor acha que isso vai acabar chegando ao senhor?

F.T. - Não, a mim acho que por enquanto não chega, embora o convite ao Botelho seja assim...

L.H. - No jornal de ontem deu que ele estava presente. Aliás, ele aparece na fotografia?

F.T. - Eu não vi a fotografia. Foi no *O Globo*, não é? Aparece o Nero, o Wanderlei, o Araripe, o Délio...

L.H. - Mas não sei se o Botelho aparece na fotografia.

F.T. - Também não sei, não vi essa fotografia, porque não li *O Globo*. Mas não é fundamental que isso chegue a mim. Basta que haja realmente um sentido não de pacificação, não seria o termo, porque eu já estou fora, mas um sentido de unir para construir. Isso é bom, é político da parte do Délio. Não sei os temas discutidos lá, mas devem ter sido apenas temas técnicos militares. Em todo caso, achei uma iniciativa política importante do Délio, importante.

L.H. - Pelo menos nas outras forças isso não aconteceu até hoje, quer dizer, não é do meu conhecimento que tenha acontecido. O Délio está saindo na frente nesse tipo de proposta de conagraçamento. Mas por que o senhor acha que isso não vai chegar ao senhor?

F.T. - A questão não é chegar a mim pessoalmente; pode até chegar, mas basta que chegue a nós.

L.H. - Quem é esse nós, brigadeiro?

F.T. - É o Botelho, o Lino... Até nesse ponto a Aeronáutica tem uma posição muito mais de conagraçamento, de esquecimento do que o Exército e provavelmente do que a Marinha, de que eu não tenho detalhes. Exemplificando: em 64 eu fui expulso dos três clubes militares, porque eu era dos três - o Clube Militar, o da Aeronáutica e do Clube Naval; em 79, com a anistia, eu voltei, mas por solicitação da diretoria, do conselho diretor do Clube da Aeronáutica. Bastava chegar lá e apresentar dois retratos. Então fui, levei os dois retratos, e sou sócio remido do Clube da Aeronáutica. No Clube Militar, os que foram demitidos, e por conseguinte demitidos do Clube, não puderam voltar, a atual diretoria não aceita que voltem. Quer dizer, a Aeronáutica, nesse ponto, está de fato muito mais perto de uma anistia do que o Exército.

L.H. - E o Clube Naval?

F.T. - Como eu não estou querendo ir lá, até pedi ontem a um amigo que é sócio para ver como está a situação. Eu não sei do Clube Naval, porque não conversei sobre o assunto com nenhum dos oficiais da Marinha demitidos do Clube Naval.

L.H. - E outros brigadeiros também receberam esse tipo de convite?

F.T. - Todos, todos. Alguns, a meu ver erradamente, não voltaram. O Clube da Aeronáutica também foi mais sério nessas demissões, porque seu presidente na época, o Grün Moss, fez uma carta terrível aos demitidos comunicando terem sido demitidos por falta de idoneidade moral para o oficialato, para pertencer àquela sociedade... Uma coisa violentíssima! Aliás, eu nem li essa carta, porque não sei se a Iracema botou fora quando chegou em casa, mas li a dos outros. É terrível a carta! Agora eles corrigiram esse ponto. Do Exército, eu, pelo menos, nunca recebi correspondência: fui eliminado, eliminado fiquei e nunca mais fui lá.

L.H. - Quer dizer, o senhor só poderia voltar a frequentar o Clube Militar agora, com a vitória do Serpa?

F.T. - Se o Serpa, conforme promete, fizer... Porque o que houve no Clube Militar foi um absurdo: eu não requeri, mas uns três ou quatro ou cinco demitidos requereram a reinclusão no quadro social do Clube Militar, o requerimento foi à diretoria, e o presidente do Clube na época que era o Montanha, um gorila, foi a favor da reintegração, mas submeteu ao conselho deliberativo, e o conselho, por maioria, negou.

L.H. - Quer dizer que o Montanha era favorável à reintegração?

F.T. - Eu não sei até que ponto isso corresponde exatamente à verdade, mas me falaram que o Montanha era favorável, mas era obrigado a submeter aquele requerimento ao conselho deliberativo, que, no caso, era a autoridade para decidir. E o conselho deliberativo, por maioria, deliberou contra. Inclusive um desses serpistas aí era do conselho, foi a favor, discutiu e tal, mas... Isso é o que consta. O fato é que nós, demitidos do Clube, não podemos votar no Serpa. Aliás, no dia 31, o *Estado de S. Paulo* deu uma nota - eu ainda não li, o sujeito leu para mim no telefone, mas amanhã vou tomar conhecimento - que dizia o seguinte: que o ministro da Guerra, que apoia a reeleição do Tarso Vilar de Aquino, estava muito preocupado com a eleição do Clube Militar, porque o Serpa é um candidato de oposição que se propõe a fazer... E deu lá uns dados sobre a candidatura Serpa. E agora estava mais preocupado ainda, porque "os militares cassados, hoje agrupados numa associação nitidamente infiltrada de comunistas, resolveram apoiar o Serpa", e esse contingente pode ser decisivo para a vitória. Qualquer coisa assim.

L.H. - A reintegração, de alguma forma, seria então um sinal de que a anistia foi para valer.

F.T. - É claro! E que o Clube Militar, a associação de classe, respeitou ou cumpriu a anistia. Porque até então não cumpriu. Quem não foi demitido, os que foram apenas reformados continuaram sócios do Clube Militar. Só foram eliminados os demitidos. Esses não puderam voltar para o Clube, e eu tenho quase que certeza de que também não puderam voltar para o Clube Naval.

L.H. - O Lino só foi reformado?

F.T. - O Lino foi reformado, continuou sócio e provavelmente vai votar no Serpa.

L.H. - Como ele ficou nesses tempos em que aconteceram todas essas coisas com o senhor e com ele não aconteceram?

F.T. - A posição do Lino, nessa luta toda, era um pouco diferente da minha. Eu era muito integrado no grupo militar da Aeronáutica e do Exército, e o Lino era mais atuante na Aeronáutica. Segundo: o Lino foi da Casa Militar, e é um homem muito jeitoso, faz boas relações com todo mundo. Quando houve 64 ele ficou na marca do pênalti, mas eles não tiveram coragem de atuar em cima dele com o Ato Institucional, ou não quiseram, mas o pressionaram para ir embora. Ele era coronel antigo, já às vésperas de brigadeiro, e até 67 foi preterido: entrava no quadro de acesso, mas não era promovido. E para brigadeiro não há promoção por antigüidade, só por merecimento. Então ele entrou no quadro de acesso durante três ou quatro anos, até que num dado momento, a comissão de promoções se reuniu e o retirou por falta de idoneidade para o oficialato - uma coisa que eles sabiam que não era verdadeira - e passou-o para a reserva. Ele poderia ter pedido transferência para a reserva e se beneficiaria de duas promoções, hoje seria brigadeiro na reserva, mas não quis. Como já havia a lei Castelo, que impede promoções na reserva, ele ficou mesmo como coronel da reserva, mas ganhando como major-brigadeiro - porque o sujeito não tem mais as promoções, mas tem o dinheiro.

L.H. - Não tem a patente, mas ganha como se tivesse?

F.T. - Ganha como se tivesse. Isso foi feito para acabar com esses marechais, porque havia muito marechal.

L.H. - O senhor, então, a rigor, seria marechal?

F.T. - Eu seria marechal. Se tivesse sido reformado normalmente, hoje eu não seria major-brigadeiro, seria marechal na reserva.

L.H. - É o último posto da Aeronáutica?

F.T. - Não, ainda tem o tenente-brigadeiro na ativa.

L.H. - É correspondente ao general-de-divisão?

F.T. - Ao general-de-divisão.

L.H. - Quer dizer, se fosse do Exército, ainda faltaria chegar a general-de-exército. E há o sistema de estrela na Aeronáutica também?

F.T. - Há o sistema de estrela.

L.H. - O senhor então é três estrelas?

F.T. - Eu sou três estrelas.

L.H. - Diga-me uma coisa, brigadeiro: o senhor, que é um homem visceralmente otimista...

F.T. - Tem certeza?[risos]

L.H. - Não, é verdade! O senhor é um homem visceralmente otimista. O que o senhor pode nos dizer daqui para a frente?

F.T. - Nesse ponto, de fato, eu sou otimista, não quanto a prazos, embora eu esteja achando que vamos ter modificações muito rápidas, mas acho que a sociedade civil, as forças políticas participantes desse processo político brasileiro vão redemocratizar este país. Tenho a impressão de que, assim como na Europa depois do fascismo se institucionalizaram democracias realmente participantes, aqui, com a experiência de 20 anos de uma ditadura, a sociedade civil, que também cresceu, se desenvolveu, vai criar um sistema institucional realmente democrático e estável. Esta é a minha convicção, e o meu otimismo reside nisso. Até porque estou absolutamente convencido de que a estabilidade democrática no Brasil depende muito da neutralização das forças armadas em relação à participação nesse processo, como instituição organizada na base da hierarquia e da disciplina. Estou convencido de que só essa neutralização dará estabilidade. Nós hoje lutamos muito, estamos trabalhando nesta Associação que fundamos há pouco - já existia, nós a transformamos - para contribuir junto à sociedade civil com uma sugestão de como neutralizar as forças armadas. E, a meu ver, somente mudando totalmente a legislação-base das forças armadas, desde o capítulo das forças armadas na Constituição, até o Código de Vencimentos e Vantagens, a Lei de Promoções, o Estatuto dos Militares, só assim poderá haver realmente liberdade de pensamento político e até ideológico dentro das forças armadas, condição única para elas não intervirem. Todas as tentativas ou todos os processos de intervenção militar se baseavam em dar homogeneidade política e ideológica às forças armadas, para que sua direção interviesse baseada nessa homogeneidade. Ora, se dividir as forças armadas como a sociedade civil está dividida - uns são de direita, outros são de esquerda, outros de centro, uns são liberais, isso, aquilo... não haverá unanimidade, e conseqüentemente não haverá golpe. Digo isso baseado na experiência de 46 a 64, em que havia essa divisão: nós disputamos esse direito de pensar, manifestávamos, e não houve golpe. Getúlio foi eleito, tomou posse; Juscelino foi eleito, tomou posse; Jango foi eleito ou... e tomou posse. Porque não havia unanimidade.

[FINAL DA FITA 21-A]

F.T. - Não digo que não tivessem havido nesse período tentativas de interromper o processo democrático: na posse do Juscelino teve que haver o 11 de Novembro, e na posse do Jango houve aquele movimento tremendo. Afinal, a divisão militar redundou em que os militares não tiveram o apoio do Machado Lopes e não puderam dar o golpe. Então é uma sugestão a ser discutida com a sociedade civil. Pode ser que haja outra melhor. Por exemplo, eu acho que o Alfonsín, na Argentina, não está no caminho certo - pode ser que ele corrija: o caminho não é criar uma força armada fiel ao governo, isso é criar uma força armada incapaz de intervir. A análise do processo argentino é até mais fácil para nós do que a do nosso, porque afinal somos atores da coisa. O que faziam as forças armadas na Argentina? Intervinham. O Ariburu, o Viola intervinham. Quando se esgotava a possibilidade da intervenção, eles recuavam as forças armadas política e ideologicamente unidas, entregavam o poder ao civil, davam um tempozinho de vida democrática para aliviar, mas, com a crise tremenda, dali a pouco eles, unidos, voltaram e intervinham de novo. Isso foi periódico até esses últimos anos. E o que ocasionou essa vitória mais ampla da democracia na Argentina foi a derrota na guerra das Malvinas. Porque um governo que perde uma guerra não se agüenta. E o governo lá era militar, não se agüentou. Então o que o Alfonsín tem que fazer - aliás, um argentino que esteve aqui leu por acaso o nosso

documento, gostou muito e vai levá-lo para lá - é dar liberdade. Agora, é claro que isso implica um processo de reeducação militar, e essa reeducação tem que partir inicialmente de uma autocrítica da sociedade civil. Se a sociedade civil continuar a discriminar todo mundo, ela não vai poder fazer com que as outras forças não discriminem. Então ela também tem que passar por um processo de não-discriminação e de reeducação do militar para a participação na vida civil. Ele então poderá participar, ter opiniões, ser de partidos políticos... Tudo isso deverá ser permitido ao militar. O que não deverá ser permitido é que o militar, como instituição, com as armas que a nação lhe dá para um determinado objetivo, intervenha na vida política. Esta é até uma opinião que se choca com a opinião de marxistas como o nosso Nelson Werneck Sodré, já citado aqui. O Nelson Werneck Sodré acha que as forças armadas são democráticas, essencialmente democráticas. O Prestes também acha isso. Ora, se eu achasse que elas são essencialmente democráticas eu as quereria intervindo, elas iriam intervir para o bem, para a democracia. Mas elas não são essencialmente democráticas, como também não são essencialmente reacionárias. Elas são permeáveis à opinião pública, à sociedade civil. Mas devemos deixar que esse pensamento da sociedade civil, que as divisões da sociedade civil se transportem lá para dentro.

L.H. - Seria quase que um sistema de antídoto, porque um grupo acabaria neutralizando o outro?

F.T. - Neutralizaria outro, exatamente. Foi o aconteceu. Não é uma tese defendida apenas teoricamente. Até estou lendo agora o Rouquier, já li o... para me calçar um pouco teoricamente com esses cientistas políticos. Mas a tese é baseada numa experiência de 18 anos, de 46 a 64, em que havia essa divisão. Porque toda vez que a intervenção militar foi mais profunda, como em 37 e agora em 64, ela foi precedida de uma preparação política ideológica geralmente na base do remédio mais fácil, que é o anticomunismo. Então criaram um perigo do comunismo, até certo ponto razoável, porque 35 foi um péssimo exemplo, e criaram a unidade dentro das forças armadas para dar os golpes de 37 e de 64. Foram os equívocos dos Brizolas, dos Jangos e de todos nós que levaram o país a um pânico de que ia haver uma república sindicalista, uma república não sei de quê... Então as forças armadas se uniram, deram um golpe, e há 20 anos estamos nos debatendo para sair dessa crise em que elas jogaram o país. Então é o que eu digo: sou otimista quanto ao futuro. Sou otimista, porque acho que esse processo de redemocratização do país é irreversível e se dará normalmente - como é a proposta - com o recuo das forças armadas para os quartéis. Para a sociedade civil pouco prevenida contra os perigos da intervenção militar, isso basta. Para mim, não basta: é preciso que as forças armadas voltem para os quartéis e não saiam mais de lá! [risos] E para isso é preciso que elas pensem.

L.H. - O senhor disse que estas são esperanças para um médio prazo, digamos, mas fez a ressalva de que acha que nós vamos ter algumas mudanças muito rápidas.

F.T. - Vamos. Naturalmente o período de transição está muito grande, porque estamos nessa coisa desde 74.

L.H. - Pois é, mas transição de quê para quê, que não chega nunca?

F.T. - Que não chega nunca... Mas naturalmente o problema está se agravando, a crise é enorme! As soluções que o sistema, que o governo dá não satisfazem a ninguém. Então eu acho que o processo vai se acelerar. Por exemplo, eu estou convencido de que as diretas virão agora, pelo seguinte: vamos admitir hipótese de que a emenda do Dante de Oliveira não passe, não obtenha os dois terços no Congresso. Mas ela ganha. Na Câmara, ganha. Se não obtiver os dois terços, vai faltar muito pouco

para isso. E no Senado talvez ganhe também, mas não chega aos dois terços. Mesmo assim, será uma demonstração à nação de que o Congresso brasileiro quer as diretas. Então, nesse período de abril, a luta pelas diretas vai se intensificar e não há saída para o governo. Segundo: a convenção do PDS... Aliás, você é doutora no assunto. Não há nada menos competente politicamente do que o PDS. Tanto que agora, num momento de transição fundamental para esse partido, que afinal é o partido do governo, ele tem três candidatos que se digladiam.

L.H. - E que vão criar cisões profundas.

I.F. - Três, com mais um de reserva, não é?

F.T. - Exato, e isso vai criar cisões profundas. Então tudo isso leva a um processo em que eu acho que única saída que eles vão ter... Agora, qual é o grande obstáculo no momento às diretas? É o Exército. Sobretudo depois desse caso argentino, da maneira como o Alfonsín tratou os militares, o que, aqui para nós, foi péssimo, teria sido muito melhor se ele contemporisasse... Havia de pegar o Guignone, que passou o governo a ele, e meter-lhe um processo! Já imaginou?

L.H. - General levando tapa na rua em Buenos Aires! Aquilo deve ter doído na cabeça do Newton Cruz.

F.T. - Do Newton Cruz, do Figueiredo, do ministro da Guerra, dos generais... Eu acredito até que a grande saída para o Figueiredo, sinceramente, seria terminar o seu mandato com o coroamento total do processo, com as eleições diretas. Mas o Exército - talvez nem fosse o ministro da Guerra mas esses generais, esses Newton Cruz aí da vida - não deixou. Impuseram o veto às diretas, e o Figueiredo aceitou, afinal era do mesmo grupo...

L.H. - Um prisioneiro, não é?

F.T. - Um prisioneiro daquilo, entrou... Mas pode-se ver também que, com o avanço desse processo, nós temos tido exemplos de posições do sistema derrotadas, sem que nada acontecesse.

L.H. - O senhor se lembra que, quando o Figueiredo assumiu, ele disse: "Anistia, nem pensar!"?

F.T. - Nem pensar! No máximo, revisão de processo. E um ano depois deu a anistia. Agora mesmo, antes de embarcar para Cleveland, ele apresentou aquele projeto 2.045, se não me engano, e precedeu aquilo de uma cena... Eu levei um susto! Reuniu o Conselho de Segurança Nacional, o ministério... Era uma imposição da segurança nacional a aprovação daquele projeto. Foi recusado e não houve nada. Então é o que eu digo: virão as diretas e não haverá nada, porque eles não têm mais condições de fazer nada porque também estão divididos. Estão divididos!

Outra coisa é a eleição do Serpa: Eu acho que não vai ser fácil, porque a hierarquia vai jogar o seu poder de intimidação para o Serpa perder. Mas se ele tiver um mínimo de imprensa e fizer com que haja barulho em torno da eleição, se criar uma motivação, ele ganha a eleição. Porque o descontentamento é grande. Até esse aumento de vencimentos que houve desagradou os militares. Eu acho que nós ganhamos muito, eu ganho muitíssimo! Mas o sujeito que comprou uma casa, que tem uma prestação... Então, se os vencimentos tiveram um aumento de 65%, e o aumento da prestação foi de 130...

L.H. - E na faixa de capitão e major é que se ganha muito mal, não?

F.T. - Ganha-se mal. Não, não é só ganhar mal ou ganhar bem. Não ganham bem, e têm filhos pequenos, escola, estão em lugares distantes... Aquele negócio de capitão que passa não sei quanto tempo na selva, sei lá onde...

I.F. - E o Exército não tem moradia na maioria dos lugares. A Aeronáutica ainda tem um pouquinho, mas o Exército, não. Então o militar tem que pagar aluguel de casa.

F.T. - É uma vida difícil. E a inflação está tremenda! Em suma, o aumento não agradou, não agradou. Nas eleições do Clube Militar, em que valia tudo, nós inventamos um código - aliás, foi o que salvou o militar -, o Código de Vencimentos e Vantagens de Militares, que dobrou os vencimentos, inclusive do pessoal da reserva. Eu me lembro que, naquelas nossas campanhas que eram campanhas sérias, tremendas, nós íamos em casa de um por um. e uma comissão foi visitar um ex-ministro da Marinha, o almirante Pinto da Luz, que tinha sido ministro da Marinha, se não me engano, do Washington Luís. E ele, oficial de Marinha, recebeu a comissão de colarinho duro, aquelas coisas de Marinha. Aí o pessoal explicou: "O nosso programa inclui isso." E falaram do código: "Mas, como !?" Porque antigamente o sujeito da reserva não tinha aumentos: passava para a reserva e, digamos, se ganhasse Cr\$ 500,00 ficava com Cr\$ 500,00 o resto da vida.

L.H. - Quer dizer que a inflação não batia na casa deles?

F.T. - Não batia, pois é. Então ele, coitado, ganhava uma miséria com aquela representação. Até chorou quando soube que, pelo código, passaria a ganhar dez vezes mais. Ele chorou! O Serpa tem que fazer isso!

L.H. - Isso que o senhor está dizendo é engraçado porque um político muito experimentado me disse uma vez que chegou a alertar o Jango: "Olhe, Jango, dois problemas mobilizam os militares: o comunismo e os vencimentos."

F.T. - E é verdade! Esse sujeito entende da coisa! Esse entende da coisa! [risos]

L.H. - Mas então o senhor acha que o Brasil é viável? Fale um pouco mais disso.

F.T. - Acho que em maio de 84 o Serpa ganha essa eleição, demonstra que é balela dizer que as forças armadas estão unidas, abre o Clube Militar e nós vamos debater no Clube Militar as eleições diretas. [risos] Eu estou otimista. Esta é uma opinião política sobre esse momento. Agora, minha opinião sobre o processo de redemocratização é que ele é fatal. Nem que o Maluf se eleja, em 86 nós mudamos isso, porque ganhamos todos os estados, fazemos a Constituinte e vem a redemocratização. A minha preocupação é passar a nossa mensagem sobre o problema militar: os militares e a democracia.

L.H. - O senhor hoje está 24 horas a serviço disso?

F.T. - A serviço disso.

L.H. - Conspirando de novo?

F.T. - Conspirando de novo, no bom sentido democrático.[risos]

L.H. - Também se conspira pela democracia, não é?

F.T. - Claro. É por que mais se conspira hoje no Brasil, pela democracia.

[FINAL DO DEPOIMENTO]